

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: HISTÓRIA E ESPAÇOS
LINHA II: CULTURA, PODER E REPRESENTAÇÕES ESPACIAIS**

**O campo e o jogo:
uma história do Estádio Castelão (1963-1991)**

Pablo Eduardo da Rocha Souza

Natal - RN
2012

Pablo Eduardo da Rocha Souza

**O campo e o jogo:
uma história do Estádio Castelão (1963-1991)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em História.

Orientador: Prof. Dr. Raimundo Nonato Araújo da Rocha.

Natal - RN
2012

Catálogo da Publicação na Fonte.
Universidade Federal do Rio Grande do Norte.
Biblioteca Setorial do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes (CCHLA).

Souza, Pablo Eduardo da Rocha.

O campo e o jogo: uma história do Estádio Castelão (1963 -1991) / Pablo Eduardo da Rocha Souza. – 2012.

121 f.: il.

Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Programa de Pós-graduação em História, Natal, 2012.

Orientador: Prof. Dr. Raimundo Nonato Araújo da Rocha.

1. Castelão - Estádio de Futebol - História. 2. Futebol potiguar. 3. Espaço do futebol. 4. Mercadorização e Massificação. I. Rocha, Raimundo Nonato Araújo da. II. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. III. Título.

RN/BSE-CCHLA

CDU 796.332:94 (813.2)

Pablo Eduardo da Rocha Souza

O campo e o jogo: uma história do Estádio Castelão (1963-1991)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Norte como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em História

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Raimundo Nonato Araújo da Rocha
Orientador – PPGH/UFRN

Prof. Dr. Fábio Franzini
Examinador Externo – UNIFESP

Prof. Dr. Raimundo Pereira de Alencar Arrais
Examinador Interno – PPGH/UFRN

Natal - RN
2012

Agradecimentos

Nenhum pesquisador desenvolve sozinho o seu trabalho. No meu caso, muitos apareceram ao longo da jornada e agora gostaria de agradecer:

- Aos docentes do PPGH, especialmente aos professores Raimundo Arrais, Renato Amado e Durval Muniz. Aos dois primeiros agradeço pelas contribuições oferecidas no Exame de Qualificação. Ao Professor Arrais, agradeço também pelas suas aulas que tanto me ajudaram a entender os caminhos da escrita científica. Ao professor Durval Muniz, agradeço seus ensinamentos sobre a relação entre história e espaços.
- Ao meu amigo e orientador Raimundo Nonato Araújo da Rocha, pela inesgotável paciência, pelos estímulos a minha pesquisa sobre o Machado, pelos inúmeros livros emprestados e pelas sábias e precisas sugestões dadas ao longo da pesquisa.
- Aos funcionários do Programa de Pós-Graduação em História da UFRN, por estarem sempre dispostos a ajudar.
- Aos amigos de longa data: Alexandre Farias, Alexandre Magão, Lindenberg Bola, Joabe Pesão, Jean Frame, Júnior Martins, Natália. Sem eles eu teria esquecido o meu passado e o meu mundo estaria restrito à seriedade da academia.
- Aos colegas do mestrado, especialmente Rodrigo Otávio e Adriano Wágner da Silva, que, com sinceridade, bom humor e amizade, tronaram a convivência no Mestrado muito prazerosa.
- Aos amigos que desde a graduação acompanham a minha vida acadêmica. Agradeço especialmente a Paulo Eduardo Pereira da Silva, Mozart Xavier e Gildson Canuto, pela amizade sincera e duradoura.
- A todos os meus alunos, aos do Cursinho do DCE, Felipe Guerra, Josafá Machado, Contemporâneo e, especialmente, a Lucas Cândido, pelo aprendizado, paciência e confiança.
- Aos meus familiares: a Tânia Brisanti, fonte de inspiração intelectual e porto nas horas difíceis; a Fernando Cabral, pelas palhaçadas; a Vitor Ferreira, pelo mal-humor; a Isadora Cecília, pela pureza infante; a Ananda Brisanti, por ter nascido e por me receber com sorrisos; a minha prima Thamires de Oliveira, pela indispensável ajuda nos arquivos; a minha irmã Pâmela Priscila, pelo exemplo de força e persistência; a meu primo Ângelo Máximo, pela humildade e amizade; a minha mãe (Lígia Oliveira da Rocha Souza), pelos sábios conselhos que ouço desde criança, e, principalmente, à maior professora que tive em toda a vida, a minha avó (Terezinha de Jesus), que com o seu colo me protegeu das intemperes da vida, como o seu sorriso me ensinou a ser feliz e como suas tímidas lágrimas me ensinaram a endurecer sem perder a sensibilidade. Amo todos vocês!
- A Aurinete Girão, pelo apoio fundamental.
- Por fim, agradeço a Deus pelos sopros caudalosos de paz que acalentaram meu coração em madrugadas solitárias e frias.

A todos, humildemente, obrigado!

Às minhas mães, Terezinha
de Jesus de Oliveira Rocha e
Lígia oliveira da Rocha
Souza, por tudo.

SOUZA, Pablo Eduardo da Rocha. **O campo e o jogo: uma história do Estádio Castelão.** (1963-1991). 2012. 130f. Dissertação (Mestrado em História) - Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal/RN, 2012.

Resumo

O trabalho tem por objetivo analisar o planejamento, a construção e os usos do estádio Presidente Castelo Branco (Castelão), inaugurado em Natal, capital do Rio Grande do Norte, em 1972. Utiliza como principais fontes documentais os jornais impressos *A República*, *Tribuna do Norte* e *Diário de Natal*; fotografias das décadas de 1960, 1970 e 1980 e, finalmente, uma entrevista com Moacyr Gomes da Costa, arquiteto responsável pela construção do Estádio Castelão. Procura entender as mudanças e permanências advindas com a construção desse estádio para história do futebol e da cidade. Articula, no corpo do texto, a inauguração do estádio com o processo de mercadorização e massificação do futebol norte-rio-grandense, que ocorreu a partir da década de 1970. Indica os lugares onde se praticava o futebol em Natal antes da construção de um estádio e analisa as necessidades históricas que conduziram à edificação de uma praça esportiva. Discute a transformação das partidas de futebol em espetáculos lucrativos, que passaram a envolver grandes interesses econômicos. Investiga como políticos potiguares se utilizaram dos estádios de futebol como mecanismo de legitimação e concretiza esse debate com as atuações de Djalma Maranhão e de Cortez Pereira, que em tempos diferentes utilizaram esse mecanismo. Pesquisa os elementos que favoreceram a popularização vivenciada pelo futebol potiguar a partir da década de 1970, o papel da imprensa esportiva nesse processo e o surgimento das torcidas organizadas.

Palavras-Chave: Castelão, futebol potiguar, espaço do futebol, mercadorização, massificação.

SOUZA, Pablo Eduardo da Rocha. **O campo e o jogo: uma história do Estádio Castelão.** (1963-1991). 2012. 130f. Dissertação (Mestrado em História) - Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal/RN, 2012.

Abstract

The study aims to examine the planning, the construction and uses of the stadium Presidente Castelo Branco (Castelão), opened in Natal, capital of Rio Grande do Norte, in 1972. Used as main sources of documents printed newspapers *A República*, *Tribuna do Norte* e *Diário de Natal*; photographs of the 1960s, 1970s and 1980s and, finally, an interview with Moacyr Gomes da Costa, architect responsible for building the stadium Castelão. Seeks to understand the changes and continuities stemming from the construction of this stadium for football history and the city. Articulated in the text the inauguration of the stadium with the process of commodification and massification of football norte-rio-grandense, that occurred from the 1970s. Indicates the places where they practiced football in Natal before the construction of a stadium and analyzes the historical needs that led to the construction of a sports square. Discusses the transformation of football matches in shows profit, which now involve large economic interests. Investigates how political potiguares made use of football stadiums as a mechanism of legitimation and realize this debate with the performances of Djalma Maranhão and the Cortez Pereira, that at different times using this mechanism. Search elements that favored the popularization experienced by football potiguar from the 1970s, the role of the sports press this process and the emergence organized supporters.

Keywords: Castelão, potiguar football, Space Football, commodification, massification.

Lista de figuras

Figura 1: Fotografia da fachada do Estádio Juvenal Lamartine nos anos 1920 e da chegada de torcedores no estádio	35
Figura 2: Fotografia das arquibancadas do Estádio Manoel Schwartz, as Laranjeiras, nos anos 1930	36
Figura 3: Fotografia interna do Estádio Juvenal Lamartine nos anos 1920	37
Figura 4: Fotografia aérea do Estádio Municipal do Rio de Janeiro na época de sua inauguração, início dos anos 1950	39
Figura 5: “Reclame” (propaganda) da Rede Globo divulgando a transmissão televisiva de um dos jogos mais esperados da Copa do México (1970): Brasil e Inglaterra	46
Figura 6: Jairzinho, o furação da copa, comemora o gol que fez contra Itália na final da Copa de 1970	47
Figura 7: Fotografia com Gerd Muller, artilheiro alemão, chutando para a bela defesa de Luis Rubiños, goleiro peruano, na Copa de 1970	47
Figura 8: Vista panorâmica do Estádio Castelão nos anos 1970, década de sua inauguração	50
Figura 9: Estádio Presidente Castelo Branco há aproximadamente três meses antes da data estipulada para a finalização das obras	54
Figura 10: Equipe do Cosmos de 1972, com Marinho Chagas e Pelé	61
Figura 11: Getúlio Vargas nas comemorações do 7 de setembro, em 1941 no Estádio São Januário	66
Figura 12: Reportagem do jornal A República sobre a política econômica do ministro Delfim Netto, ministro do governo Médici	72
Figura 13: O general Médici recebe a seleção campeã em Brasília	74
Figura 14: O presidente Médici recebe os jogadores da seleção brasileira de 1970 em Brasília	74
Figura 15: Garrastazu Médici exibe a Taça Jules Rimet ao lado do capitão da seleção de 1970, Carlos Alberto Torres	75
Figura 16: Edição do jornal A República dedicada à inauguração do Estádio Presidente Castelo Branco	79
Figura 17: Fotografia interna do Estádio Castelão produzida no dia 4 de junho de 1972, dia da inauguração desse espaço	82

Figura 18: Pelé e Alberi no Castelão, antes do início da partida entre ABC e Santos pelo Brasileiro de 1972	87
Figura 19: Cortez Pereira assina documento de empréstimo no BANDERN	88
Figura 20: Cortez Pereira em meio a populares	90
Figura 21: Típica publicação esportiva do jornal A República dos anos 1920	98
Figura 22: Propaganda da Rádio Cabugi na Tribuna do Norte, década de 1970	104
Figura 23: Desenho e carta de Edmar Cardoso para o Cartão Amarelo	108
Figura 24: Notícias de assuntos futebolísticos no A República da década de 1920	107
Figura 25: Publicação futebolística do A república da década de 1970.....	108
Figura 26: Fotografia das arquibancadas na inauguração do Estádio Juvenal Lamartine	111
Figura 27: Torcida Garra Alvinegra no Estádio Machadão	119

Sumário

Considerações iniciais	3
1- Futebol natalense: onde se joga, onde se assiste	30
1.1- Os espaços do futebol em Natal: os descampados e o campo cercado	31
1.2- O Castelão: espaço para venda de jogos	38
2- O Castelão, o futebol e a política potiguar	63
2.1- O Estádio Olímpico de Natal: um espaço que ficou nos planos	63
2.2- O Castelão: espaço para jogos internacionais e nacionais.....	68
3- O castelo abriga as massas	95
3.1- O Castelão: espaço para a imprensa	95
3.2- O Castelão: espaço para as torcidas	109
Considerações finais	121
Referências bibliográficas	125

Considerações Iniciais

No ano de 2009, Natal foi escolhida para ser uma das sedes da Copa do Mundo de 2014, sediada no Brasil. Assim, o Governo do Estado do Rio Grande do Norte e a Prefeitura da capital elaboraram um cronograma, ainda naquele ano, de reformas para a cidade se adequar às exigências da Federação Internacional de Futebol (FIFA), órgão que organiza os torneios internacionais de futebol e que regulariza a prática desse esporte no mundo. Dentre tais reformas, destacou-se a demolição do estádio de futebol João Machado (o Machadão), o início da construção do Arena das Dunas e a realização de reformas estruturais de mobilidade urbana na cidade, como a pavimentação de avenidas, construção de viadutos, túneis, dentre outros.

A partir daí, tentando cumprir o cronograma estabelecido e as exigências da FIFA, os poderes públicos, municipal e estadual, inauguraram, em 2011, a etapa inicial e, talvez, a mais polêmica para a efetivação da construção do novo estádio, o processo de demolição do estádio Machadão. Esta etapa se tornou polêmica porque muitos natalenses se opuseram a tal demolição, afirmando que isso não era necessário e que bastava a realização de uma ampla reforma no antigo estádio para que Natal pudesse sediar a Copa de 2014.

Moacyr Gomes da Costa, arquiteto responsável pela construção do Estádio Machadão (até 1989, denominado Castelão), foi um dos principais opositores à demolição do mesmo. Em entrevista concedida ao programa Xequê-Mate da TV-Universitária¹, entrevista realizada em 02 de abril de 2010, afirmou que o Machadão “era um patrimônio da cidade [...] E, se é patrimônio, a sociedade não pode deixar derrubá-lo [...]” Demonstrando sua indignação, o arquiteto continua afirmando: “se amanhã eu precisar fazer um forte para Natal vou derrubar o Reis Magos para fazer outro [...] mais moderno?”².

Esse contexto atual, polêmico e permeado de dúvidas, sugere o quanto o futebol contemporâneo é mercadorizado. Ou seja, o quanto o futebol é convertido, hoje, em mercadoria, sendo organizado para gerar lucros e servir à lógica do capital nacional e transnacional. O projeto Arena das Dunas demonstra essa mercadorização, pois, além de ter

¹ Emissora de Televisão aberta do estado pertencente à Universidade Federal do Rio Grande do Norte-UFRN.

² A demolição do Machadão. **Xequê-Mate**. Natal: TV Universitária, 02 de abril de 2010. Programa de TV. Disponível em: < <http://www.youtube.com/watch?v=Z6BW0GynyE8>>. Acesso em: 10 abr. 2011.

como objetivo a modernização do espaço de realização das partidas de futebol, pretende ampliar as rendas das partidas de futebol dos negócios envolvendo o esporte em destaque. Isso porque o novo estádio será um grande complexo esportivo e de negócios, contando com shoppings centers, hotéis e restaurantes luxuosos, atraindo, a partir de 2014, empresários, investidores e capitais de todos os lugares para Natal.

O mais curioso é que, no início da década de 1970, o Estádio Castelão, também desempenhou um papel de espaço esportivo fomentador de negócios lucrativos em torno do futebol. Quando inaugurado, em 1972, esse estádio possibilitou a elevação das rendas dos jogos³ realizados em Natal e atraiu empresários e empresas interessados em investir no futebol, oferecendo-lhes espaços de negócios no seu interior e entorno, contribuindo, significativamente, com a conversão do futebol natalense em mercadoria, e dos jogos em verdadeiros espetáculos.

Com essa espetacularização e a presença maior do público no estádio, os veículos de comunicação, sobretudo o rádio e jornais impressos, se voltaram cada vez mais para o futebol natalense, contribuindo com o aprofundando da popularização e massificação desse esporte no Rio Grande do Norte. Portanto, as referidas mercadorização e massificação são consideradas nesse estudo fenômenos da “Era Castelão”.

Tendo plena consciência da possibilidade do obscurecimento da história do Castelão - isso devido à sua demolição, e motivado pelo contexto atual envolto de questões associadas ao futebol nacional e local, como a escolha de Natal como uma das sedes da Copa de 2014 - nasceu o nosso desejo de pesquisar o passado de um estádio que marcou época na memória do futebol natalense. Em outras palavras, surgiu o objeto de estudo de nossa pesquisa: o processo de mercadorização e massificação do futebol de Natal a partir do Estádio Castelão.

Não podemos esquecer, entretanto, que os primeiros passos para o processo de popularização do futebol nacional foram dados antes mesmo da década de 1970, sendo este

³ De acordo com informações obtidas no Portal da Copa, o estádio Arena das Dunas terá capacidade para receber 43 mil pessoas, superando a capacidade do Estádio Machadão (23 mil espectadores), o que evidencia o interesse de ampliar as rendas dos jogos de futebol realizados no estado. (<<http://www.portaldacopa.gov.br/pt-br/noticia/confira-o-andamento-das-obras-nos-estadios-800-dias-da-copa>>. Acesso em: 11 abr. de 2011).

³ A ampliação das rendas com os jogos foi possível porque, ao contrário do Estádio Juvenal Lamartine que acomodava apenas 8 mil pessoas, originalmente, o Castelão tinha capacidade para receber 52 mil espectadores, sendo essa reduzida gradativamente com o passar dos anos.

fenômeno aprofundado na referida década e consolidado posteriormente, durante as décadas de 1980 e 1990. Por isso que, apesar de adotarmos como recorte de estudo o seguinte período: de 1963 (ano que nasce a ideia de construção de um novo estádio para Natal) a 1991 (ano de fundação das principais torcidas organizadas do estado), analisamos questões anteriores à “Era Castelão”.

Ainda durante as décadas de 1950 e 1960, um dos mais significativos passos para a futura massificação do futebol nacional foi dado: a construção e inauguração de grandiosos e modernos estádios de futebol, sobretudo, no eixo sul e sudeste do país. Dentre esses espaços podemos destacar: Estádio Municipal do Rio de Janeiro (atual Jornalista Mário Filho, Maracanã), no Rio de Janeiro (1950), o Governador Magalhães (Mineirão), em Belo Horizonte (1965), o Olímpico Monumental, em Porto Alegre (1954), dentre outros.

No bojo desse fenômeno nacional de construção de novos estádios de futebol, surgiu na cidade do Natal, ainda no início dos anos 1960, o desejo de construir um novo espaço para a prática do futebol profissional. Entretanto, esse desejo só pôde se concretizar em 1972, com a inauguração do Estádio Humberto de Alencar Castelo Branco, o Castelão, no bairro de Lagoa Nova.

Esse estádio, com estrutura moderna e nos moldes daqueles do eixo sul e sudeste do país, proporcionou maior organização estrutural para as partidas de futebol realizadas em Natal, mais conforto ao público espectador dessas partidas e maior segurança e privacidade aos jogadores dos clubes. Por possibilitar tudo isso, o referido estádio atraiu cada vez mais o público às partidas de futebol, contribuindo com a ampliação das rendas provenientes desses, ou seja, com a conversão das partidas em espetáculos para serem consumidos. Assim, além de mercadorizado, o futebol de Natal pôde se tornar massificado, pois passou a ser apreciado pelos diversos segmentos da sociedade, e não apenas pelas elites natalenses, como até o início dos anos 1970.

Dessa forma, para entender o papel do Estádio Castelão no processo de mercadorização e massificação do futebol natalense, objetivo geral desse estudo, propomos as seguintes indagações: *de que modo a construção do Castelão contribuiu com a mercadorização e massificação do futebol natalense durante os anos 1970? Que indícios daquela época atestam o processo de conversão do futebol de Natal em mercadoria? Que pistas daquele contexto sugerem a transformação do futebol natalense em um esporte de*

massa? De que modo a mercadorização e massificação do futebol do estado se associou aos contextos nacional e transnacional da época? Quais eram os interesses da ditadura militar com o futebol de Natal e o Castelão? Que indícios demonstram a relação entre o futebol natalense e a política natalense das décadas de 1960 e 1970?

Como nosso estudo gira em torno de questões associadas ao futebol natalense, cabe aqui discutir como, em geral, a temática do futebol tem sido discutida enquanto objeto de estudo no nosso país.

Em geral, podemos dizer que, no espaço acadêmico brasileiro, o futebol e suas temáticas tiveram uma trajetória marcada pela marginalidade. Ou seja, poucos pesquisadores procuraram se dedicar aos estudos acerca de temáticas futebolísticas. Isso ocorreu porque, durante muito tempo, a academia considerou esse esporte como um elemento alienante presente na cultura de massa contemporânea.

Theodor Adorno e Max Horkheimer, teóricos da Escola de Frankfurt, a partir de seus estudos realizados na primeira metade do século XX, contribuíram com a construção dessa visão acadêmica acerca do futebol, dentro e fora do Brasil. Isso porque, ao analisarem questões associadas à produção cultural contemporânea, esses teóricos colocaram a sociedade de massa no centro do processo de consolidação da chamada Indústria Cultural. Para esses autores, o uso do termo “indústria” se justifica porque denomina o conjunto de produtos vendidos e úteis à alienação do consumidor. Essa alienação ocorre porque, em última instância, a cultura não é produzida pelas massas, mas consumida⁴.

Há nesses estudos uma grande distinção entre “produtor” e “consumidor” da Indústria Cultural. O primeiro, nessa perspectiva, pode conseguir transformar o imaginário do segundo. Em outras palavras, o produtor aliena o consumidor. E, apesar de não ter sido analisado especificamente por Adorno e Horkheimer em seus estudos, o futebol foi considerado, em muitos estudos influenciados pela perspectiva frankfurtiana (como os estudos marxistas brasileiros dos anos 1960, 1970 e 1980), um elemento cultural de alienação coletiva, pois se tornara um esporte massificado e mercadorizado na segunda metade do século XX. Essa perspectiva acabou contribuindo com a estigmatização do futebol e de suas temáticas na academia.

⁴A esse respeito cf. ADORNO, Theodor. A indústria cultural. In: COHN, Gabriel. **Comunicação e indústria cultural**. São Paulo: Ed. Nacional, 1977.

Sobre a incorporação da ideologia da indústria cultural pelos indivíduos, Adorno afirma:

[...]Elas são aceitas sem objeção, sem análise, renunciando à dialética, mesmo quando elas não pertencem substancialmente a nenhum daqueles que estão sob sua influência[...]. Através da ideologia da indústria cultural, o conformismo substitui a consciência⁵.

Na perspectiva analítica adorniana, os sujeitos sociais (consumidores) eram esvaziados de sua consciência de classe, sendo reduzidos à alienação e à manipulação dirigidas pela ideologia dominante da indústria (produtora). E, por ser o futebol um elemento dessa indústria massificadora, ele e suas temáticas não serviam à teoria acadêmica marxista, dominante durante os anos 1960 e 1970. Não servia porque os seguidores desta teoria buscavam concentrar seus estudos em temas que eles consideravam relevantes, temas que, segundo eles, frutificassem críticas sociais, despertassem a consciência de classe e não contribuíssem com a alienação da sociedade, como o futebol.

No nosso país, esse desinteresse acadêmico pelo futebol contribuiu para que, até os anos 1970, a produção intelectual sobre esse esporte ficasse concentrada nas mãos de memorialistas, como jornalistas e cronistas esportivos. Esses, apesar de terem dado passos importantes para o desenvolvimento de estudos ligados ao futebol no Brasil, não apresentavam em suas análises quase nenhum rigor científico, limitando seus estudos a descrições e narrativas acríticas sobre a história do futebol nacional⁶.

Entretanto, nas últimas décadas, o futebol tem conquistado espaços significativos nos estudos acadêmicos brasileiros, o que é fruto da elaboração de um novo olhar acerca do esporte em questão, não mais considerado, exclusivamente, como um elemento que aliena as massas, mas sim como um elemento sociocultural que expressa muito acerca da sociedade na qual ele se insere, podendo, dessa maneira, ser considerado um objeto de estudo.

Assim, só recentemente temáticas referentes ao futebol têm sido incorporadas aos estudos historiográficos brasileiros. Essa incorporação está basicamente associada a dois processos: o enfraquecimento da teoria marxista tradicional, ocorrida no Brasil a partir da

década de 1980, e às influências da Historiografia Francesa dos Annales e da História Social Inglesa (neomarxismo) nos estudos acadêmicos brasileiros.

⁵ A esse respeito cf. ADORNO, op. cit., p. 293.

⁶ SOARES, Antonio Jorge. **Futebol raça e nacionalidade no Brasil**: releitura da história oficial. 1998. Tese (Doutorado em Educação Física) - Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 1998.

A Escola dos Annales, ao propor novas fontes de estudo e temáticas inovadoras para a pesquisa histórica, acabou revolucionando a produção historiográfica⁷, possibilitando a incorporação de qualquer tipo de temática aos estudos históricos, como os esportes, por exemplo. A História Social Inglesa⁸, por sua vez, ao considerar a cultura como uma manifestação social múltipla e não mais um elemento exclusivo da ideologia burguesa, acabou desconstruindo a ideia marxista tradicional de alienação, responsável, em parte, pelo repúdio dos materialistas tradicionais pelo futebol e suas temáticas.

A História Social Inglesa contribuiu tanto com a aproximação entre História e futebol que possibilitou, durante as últimas décadas, o surgimento, na Inglaterra, de um subcampo da História Social denominado História dos Esportes⁹ e a criação de revistas que tratam da história do futebol, como a *Soccer and Society*¹⁰.

A partir dessas influências historiográficas estrangeiras, temos assistido no Brasil dos últimos anos a incorporação de temas referentes ao futebol pelos estudos acadêmicos. Assim, nas universidades e instituições de pesquisa, antropólogos, sociólogos e historiadores parecem ser os intelectuais que mais se dedicaram à realização de estudos acerca do referido esporte. Tal interesse, assim como o desejo de divulgar os resultados de suas

⁷ A esse respeito cf. BURKE, Peter. **A Escola dos Annales (1929-1989): a Revolução Francesa da Historiografia**. São Paulo: Ed. da UNESP, 1997.

⁸ A História Social Inglesa é uma corrente historiográfica britânica, bastante influente no Brasil a partir da segunda metade do século XX. Na prática, essa corrente propõe, dentre outros aspectos, o enriquecimento da abordagem historiográfica a partir de uma aproximação entre a História Cultural e a História econômica, pois, como afirma Erick Hobsbawn, “o historiador das ideias pode (por conta e risco) não dar a mínima para a economia, e o historiador econômico não dar a mínima a Shakespeare, mas o historiador social que negligencia um dos dois não irá muito longe.” A esse respeito cf. HOBBSAWM, Eric. **Sobre História**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. p.87.

⁹ Para conhecer melhor esse campo, ver os seguintes livros: *Sports History: a practical guide* (de Martin Pulley); *Moving the Goalposts: a history of sports and society in Britain since 1955 e Sport and British Diplomacy: The Foreign Office and International Sport, 1896-1966* (do mesmo autor); *Sport as History: Essays in Honour of Wray Vamplew* (organizado por Tony Collins); *The Ball is round: a global history of soccer* (de David Goldblat); *The association game: a history of British football* (de Matthew Taylor); *Soccer and society in South Wales – 1900-1939* (de Martin Jones); *Soccer against the enemy: how the world's most popular sport starts and fuel revolutions and keep dictators in power* (de Simon Kuper); *Around The World In 95 Games is the amazing story of Islington Corinthians world tour of 1937/38* (de Rob Cavallieri); *The Lost Trophy: The Complete History of the First F.A. Cup (1871-1895)* (de Tony Oslow); *Inventing the pyramid: the history of football* (de Jonathan Wilson); *The Forgotten Rivals: A History of Bootle Football Club 1880 - 1893* (de Tony Oslow), dentre outros.

¹⁰ Criada em 2000, a *Soccer and Society* é uma revista acadêmica inglesa que conta com seis edições anuais e é considerada uma referência para aqueles que pretendem se familiarizar com a História dos Esportes e do futebol. Essa talvez seja a revista de história com a maior quantidade de edições anuais na Inglaterra, o que demonstra a força do referido campo naquele país.

pesquisas, têm levado diversos intelectuais que estudam o futebol à organização de eventos acadêmicos que discutem questões acerca do futebol.

Dentre esses eventos, merece destaque o *I Simpósio de Estudos sobre o Futebol - futebol, sociedade e cultura: pesquisas e perspectivas*¹¹, o primeiro encontro nacional sobre a produção acadêmica referente a temáticas futebolísticas. Nesse simpósio, intelectuais que estudam o futebol realizaram um balanço da produção acadêmica sobre essa temática. Nesse balanço ficou claro que, em geral, a produção acadêmica sobre temáticas ligadas ao futebol tem crescido como nunca e que tais estudos têm privilegiado os seguintes aspectos sobre tal esporte: suas origens, questões raciais, apropriação pela política brasileira, relação com a identidade nacional, dentre outros.

Nessa perspectiva, muitos pesquisadores brasileiros interessados pelo futebol têm conseguido publicar os resultados de seus estudos sobre esse esporte, contribuindo com a consolidação desse tema enquanto objeto das ciências humanas no nosso país. Dentre os referidos estudos, podemos destacar: *Universo do Futebol* (1982), de Roberto Da Matta, professor da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC/RJ), *Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro, 1902-1938* (2000), de Leonardo Afonso de Miranda Pereira, pesquisador do Centro de Pesquisa Social da Cultura do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), *A Dança dos Deuses* (2007), de Hilário Franco Júnior, professor da Universidade de São Paulo (USP), *A Violência e o Futebol* (2012), de Maurício Murad, coordenador do Núcleo de Sociologia do Futebol da UERJ, um dos sociólogos pioneiros no estudo do futebol no país, *A Invenção do País do Futebol: mídia, raça e idolatria*, (2001), uma obra coletiva de Ronaldo Helal, professor da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Antônio Jorge Soares, professor da Universidade Gama Filho, e Hugo Lovisoló, professor da UERJ, dentre outras obras.

Em *Universo do futebol*, Da Matta analisa, a partir de sua Antropologia Social e sob o prisma das semelhanças e diferenças, como o futebol se manifestou em diferentes sociedades humanas, como a inglesa e a brasileira. Esse é, portanto, um estudo comparativo. Nele, Da Matta não enxerga o futebol brasileiro simplesmente como um

¹¹ Evento realizado em São Paulo, entre os dias 10 e 14 de maio de 2010, e que foi organizado pelo Museu do Futebol, Departamento de História da USP (Universidade de São Paulo) e Departamento de Antropologia da PUC-SP (Pontifícia Universidade Católica).

elemento ideológico que aliena a população, ou seja, como antropólogo, o autor não aceita a tese do "futebol como ópio do povo". Assim, negando tal tese, o nosso autor sugere que o futebol seja compreendido a partir de sua função política e social, o que acabará contribuindo com a elucidação das variadas tensões e problemas sociais a ele vinculados¹².

Leonardo Pereira discute, em *Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro*, diversos aspectos históricos e sociais dos primórdios do futebol no Rio de Janeiro, especificamente, das três primeiras décadas do século XX. Nesse estudo, sob a influência da História Social Inglesa, Pereira discute aspectos como as origens elitistas do futebol carioca, o papel desse esporte para a higienização social, a organização das ligas de clubes, profissionalização do futebol fluminense, questões raciais, de saúde, relações com a política, construção da nacionalidade, dentre outros.

Hilário Franco Júnior, por sua vez, discute - em *A Dança dos Deuses* - a trajetória do futebol, suas origens inglesas, processo de desenvolvimento, dentre outros. Nesse livro, Hilário inova realizando uma discussão antropológica sobre aquilo que ele chamará de caráter "religioso" do futebol (considerado na obra uma religião laica) e sobre a linguagem do futebol (sua morfologia, semântica e sintaxe), aproximando seu estudo às pesquisas linguísticas. Franco Júnior demonstra que, mais do que um esporte, o futebol é um dos espelhos da sociedade e, por trás dele, podemos identificar os dramas sociais. Por isso mesmo os pesquisadores precisam considerá-lo um objeto de estudo das ciências humanas.

Em *A Violência do Futebol*, Mauricio Murad estudou a presença da violência no futebol nacional, ou seja, as variadas formas de manifestação do fenômeno violência no universo do futebol. Um dos pontos cruciais da análise de Murad nessa obra é o fenômeno de organização e manifestação das torcidas organizadas, o que torna tal livro uma referência para quem quer estudar esse que é um dos fenômenos atuais do comportamento e da manifestação do elemento torcedor na contemporaneidade. Na obra, o autor faz uma análise crítica da produção brasileira, dialogando com a vasta produção historiográfica internacional acerca do futebol.

¹² Da Matta, Roberto. **Universo do futebol: esporte e sociedade brasileira**. Rio de Janeiro: Edições Pinakothek, 1982. p. 22.

Já, em *A invenção do país do futebol: mídia, raça e idolatria*, são discutidas as múltiplas relações entre futebol, mídia, raça e idolatria em diversos contextos da História do Brasil. Os autores desse estudo também discutem os porquês de a temática do futebol ter sido relegada ao esquecimento durante tantas décadas na academia brasileira.

Ou seja, todos os estudos por nós destacados corroboram com a legitimação do futebol enquanto objeto de estudo, pois nesses o referido esporte é considerado espelho da sociedade. O nosso trabalho, entretanto, se diferencia dos estudos mencionados acima porque, apesar de trabalhar com o elemento futebol, tem como objeto de estudo o espaço do jogo (o estádio de futebol), ou melhor, um estádio de futebol (o Estádio Presidente Castelo Branco), e não o jogo de futebol em si, suas regras, questões sociais, representações do esporte, dentre outros (como na maioria dos estudos sobre futebol). Esses, inclusive, quando tratam do elemento estádio de futebol, consideram-no simplesmente como o palco das tramas sociais e nunca como objeto de estudo.

Coadunando-se, portanto, com a área de concentração *História e Espaços*, do Programa de Pós-Graduação de História da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, o nosso estudo analisará alguns aspectos da história do Estádio Castelão (Machadão) e do futebol relacionado a ele, o futebol natalense.

Aproximando-se da perspectiva do nosso trabalho encontramos um único estudo - *A Nova Economia do Futebol: uma análise do processo de modernização de alguns estádios brasileiros*. Trata-se de uma dissertação de mestrado em Antropologia social, escrita por Antonio Holzmeister Oswald Cruz e apresentada ao Programa de Antropologia Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). O estudo de Cruz se aproxima do nosso porque busca compreender o processo de mercadorização do futebol nacional a partir de uma análise da modernização de alguns estádios de futebol brasileiros. Acerca de sua pesquisa, Cruz afirma:

Esta dissertação procura compreender as transformações ocorridas nos estádios de futebol desde a codificação de suas regras em 1863. Se naquela época não existiam regulamentações versando sobre o espaço onde o jogo acontecia, nem uma separação clara entre jogadores e torcedores, hoje em dia verificamos a existência de arenas supermodernas com arquibancadas compartimentalizadas oferecendo conforto e oportunidades de consumo para os torcedores. A partir da análise das transformações ocorridas nos estádios, procura-se mostrar que, no futebol moderno, convertido em mercadoria e regido pela lógica de mercado, os mesmos assumem uma

importância central para seus clubes, no sentido de proporcionarem um palco onde a partida de futebol é somente mais um dos produtos em oferta a serem consumidos¹³.

O fragmento em destaque acima demonstra a importância do elemento estádio de futebol para o estudo de Cruz, além de apresentar o objetivo da análise feita por ele. Nesse estudo, assim como no nosso, Oswaldo Cruz considera o estádio de futebol um objeto de pesquisa. Daí a aproximação entre esses estudos. Entretanto, enquanto Cruz realiza uma abordagem mais global¹⁴, um estudo sobre as transformações ocorridas em diversos estádios, nós estudamos a mercadorização e massificação do futebol natalense a partir de um caso: a construção do Estádio Presidente Castelo Branco, o mais importante espaço futebolístico que Natal já possuiu.

E no Rio Grande do Norte existem pesquisas relativas às temáticas do futebol? Se existem, quem as produziu, e o que é característico nesses estudos?

A partir dos dados que obtivemos por meio de levantamentos, pudemos constatar que, no ramo da pesquisa acadêmica natalense, poucos trabalhos discutem temáticas relativas ao futebol de Natal. No banco de monografias do curso de graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), por exemplo, encontramos apenas quatro estudos que tratam do futebol, o que sugere o desinteresse dos pesquisadores natalenses pelos estudos sobre o referido esporte.

Dentre esses, destacam-se as seguintes monografias: *Futebol e Economia no Rio Grande do Norte (1972 a 1982): ascensão e Crise* (2002), de Múcio Luiz Correia, *Futebol e Identidade Nacional* (2008), de José Petrucio Rodrigues de Azevedo, *Controle Social e Futebol no Rio Grande do Norte (1970-1982)*, de Ítalo de Brito Siqueira, e *Xarias e Canguleiros: a reinvenção das identidades pelos clubes de futebol* (2008), de Nycolas Eduardo Gorgônio Nascimento.

No Programa de Pós-Graduação em História da UFRN (PPGH/UFRN), programa que tem como área de concentração a relação entre História e espaços, até a presente data só houve um trabalho dedicado ao futebol: uma pesquisa de mestrado intitulada *Quem nasce*

¹³ CRUZ, Antônio H. Oswaldo. **A nova economia do futebol**: uma análise do processo de modernização de alguns estádios brasileiros. 2005. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005. p. 5.

¹⁴ Consideramos a abordagem global de Cruz, porque ele não analisa apenas um estádio, mas vários, como o Caio Martins, Arena da Baixada e Maracanã, estabelecendo um panorama geral acerca dos estádios brasileiros modernos.

em Campina Grande é Campinense?, projeto da mestranda Giovana Marques. Nesse estudo, Marques buscou estudar o processo de popularização do Campinense, clube de futebol com origem elitista e fundado no agreste da Paraíba em 1915. Seu trabalho destaca os elementos responsáveis pela popularização desse clube, ou seja, o processo de aproximação entre esse e a população pobre de Campina Grande.

É importante destacar que nenhum desses estudos de Natal, sejam os de graduação ou pós-graduação, têm como objeto de estudo o elemento estádio de futebol. Essa informação não é destacada por nós com o objetivo de estabelecer uma obrigatoriedade da adoção do objeto estádio de futebol nas pesquisas históricas, mas, sim, para ressaltar a importância do nosso estudo que, ao trabalhar com um objeto de estudo inexplorado na academia de Natal, vem contribuir com o aprofundamento da aproximação entre a História e o futebol, bem como entre História e espaços.

Diante dessas informações aqui levantadas, fica muito claro que estudar a trajetória do estádio Machadão significa, além de dar voz a um objeto de estudo praticamente inexplorado pela historiografia de Natal, contribuir com a discussão em torno da relação entre História e espaço e, conseqüentemente, com as pesquisas do PPGH/UFRN. Entretanto, de que maneira o nosso estudo se estrutura teórica e metodologicamente? Que teóricos são importantes para a efetivação do nosso estudo? Que ideias desses nortearam nossas análises?

Ao estudar nessa pesquisa a construção do Estádio Presidente Castelo Branco, e seu papel no processo de mercadorização e massificação do futebol natalense, consideraremos o espaço como um construto humano, ou seja, um elemento que só existe mediante a ação do homem, da sociedade. O espaço apresenta-se, portanto, humanizado, pois, enquanto a paisagem é o conjunto de formas captadas pelo olhar, “o espaço são essas formas mais a vida que as anima [...]” e “resulta da intrusão da sociedade nessas formas-objetos. [...]”¹⁵.

Essa noção de espaço nos ajuda a construir possíveis interpretações sobre as marcas da sociedade natalense presentes no Estádio Castelão. Isso é possível porque, segundo Santos, o espaço é “formado, de um lado, pelo resultado material acumulado das ações humanas através do tempo, e, de outro lado, animado pelas ações atuais que hoje lhe

¹⁵ SANTOS, Milton. **A Natureza do espaço**. São Paulo: EDUSP, 1996. p. 66-67.

atribuem um dinamismo e uma funcionalidade. [...]”¹⁶. Sendo assim, buscaremos investigar, para detectar tais marcas sociais, os significados dos investimentos humanos no referido espaço.

Sobre o processo de constituição dos espaços, Santos afirma:

[...] Uma casa vazia ou um terreno baldio, um lago, uma floresta, uma montanha não participam do processo dialético senão porque lhes são atribuídos determinados valores, isto é, quando são transformados em espaço. O simples fato de existirem como formas, isto é, como paisagem, não basta¹⁷.

Na nossa perspectiva, portanto, são as intervenções materiais e a atribuição de valores às paisagens que as transformam em espaço. E quem seria o atribuidor desses valores? Os homens, ou melhor, a sociedade, que, por meio de intervenções materiais e simbólicas, constrói os espaços existentes.

Como a atribuição de valores (processo simbólico) faz parte dos investimentos que constituem os espaços, não consideramos a construção do Castelão um processo exclusivamente técnico, pois a técnica diz respeito apenas à construção espacial e física (material) dos espaços. Assim, também consideramos os investimentos simbólicos como parte desse processo construtivo. São esses investimentos simbólicos que atribuem os valores ao Castelão. Por tudo isso, buscamos detectar, além das marcas materiais, marcas simbólicas e subjetivas em discursos, imagens, dentre outros, que atribuíam significados ao Castelão. Dessa forma, consideraremos os discursos, oficiais ou não, acerca da construção do Castelão e do futebol natalense dos anos 1970, como *relatos de espaços*, práticas linguísticas que contribuem com a construção dos espaços, subjetivando-os, permitindo a produção de sentidos sobre eles. Esses relatos são importantes para esse processo constitutivo porque “efetua, portanto, um trabalho que, incessantemente, transforma os lugares em espaços [...]”¹⁸.

Essa noção [*relatos de espaço*] nos será útil para interpretarmos os diversos tipos de estratégias adotadas por políticos, imprensa, dentre outros, para atribuir sentidos ao estádio, além dos interesses por trás desse processo de significação. Ou seja, tal conceito

¹⁶ SANTOS, op. cit., p. 69.

¹⁷ Ibid., p. 71.

¹⁸ CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**. Petrópolis: Vozes, 2001. p. 203.

possibilitará o entendimento sobre a construção imaterial do estádio Castelão. Assim, por considerarmos a construção do Castelão um processo também imaterial constituído por representações e significados, adotaremos uma abordagem híbrida. Consideraremos indissociáveis o campo da matéria e o campo do significado humano.

Pensando a natureza do espaço e baseando-se nessa ideia dos híbridos, Milton Santos, destacando as indagações de Latour sobre Seres, afirma:

Seguindo a proposta de Michel Serres, indaga -nos Latour (1991, p. 73) por que, então, em nossa construção epistemológica não preferimos partir dos híbridos, em vez de partir da ideia de conceitos puros? Esta é, também, a posição de Hågerstrand (1989, 1991b, p. 117) quando propõe tratar de forma simultânea o mundo da matéria e o mundo do significado humano¹⁹.

Nesse sentido, ao realizarmos uma abordagem híbrida, estaremos trabalhando com a noção de forma-conteúdo. Nessa perspectiva,

[...] a forma-conteúdo não pode ser considerada, apenas, como forma, nem, apenas, como conteúdo. [...] Em termos de significação e de realidade, um não pode ser entendido sem o outro, e, de fato, um não existe sem o outro. Não há como vê-los separadamente”²⁰.

Para Santos, portanto, a adoção da hibridéz e da noção forma-conteúdo para a constituição espacial é justificável porque:

[...] a realização concreta da história não separa o natural e o artificial, o natural e o político, devemos propor um outro modo de ver a realidade, oposto a esse trabalho secular de purificação, fundado em dois pólos distintos. No mundo de hoje, é frequentemente impossível ao homem comum distinguir claramente as obras da natureza e as obras dos homens e indicar onde termina o puramente técnico e onde começa o puramente social²¹.

Assim, seguindo essa noção, ao tratarmos, nesse estudo, da construção do Estádio Castelão, trabalharemos, simultaneamente, com dois processos constitutivos: o material (físico) e o imaterial (discursivo, ou simbólico). Ao trabalharmos com a ideia de que o Estádio Castelão cria uma nova identidade para o futebol natalense, estaremos fazendo uso da noção de “espaço antropológico”, de

¹⁹ SANTOS, op. cit., p. 61.

²⁰ Ibid., p. 66.

²¹ Ibid., p.62.

Marc Augé. Espaço antropológico seria um espaço identitário, relacional e histórico, ao contrário dos “não-lugares”, que, por serem espaços de trânsito, não geram identidades entre os indivíduos”²². É identitário por ser capaz de dar forma a identidade de indivíduos. É relacional porque possibilita a inter-relação entre pessoas. E é histórico por ser mutável, por estar sujeito a mudanças que ocorrem ao longo dos anos.²³ Dessa forma, a noção de espaço antropológico, além de possibilitar desenvolver interpretações acerca do papel desses significados na confecção de novas identidades para o futebol natalense²⁴, nos permite realizar discussões sobre o caráter mutável dos significados atribuídos ao Castelão ao longo do tempo, por ser este um espaço histórico.

Para discutir os elementos que vão, a partir da construção do Castelão, redefinir a identidade do futebol natalense desenvolveremos uma abordagem baseada na ideia de continuidade. E o conceito que nos possibilitará a operacionalização dessa ideia é a noção de supermodernidade, também chamada de hipermodernidade Segundo essa noção, existiria no presente traços de modernidade (e por que não de modernizações?) elaborados no passado. Nessa perspectiva não haveria no tempo presente uma ruptura total em relação ao passado, nem tampouco pós-modernidade, mas excessos de modernidade, havendo aí, entre rupturas, uma continuidade entre presente e passado e, o que é mais importante, várias modernidades²⁵.

Sobre esses excessos e as continuidades entre passado e presente, Augé afirma:

Essa necessidade de dar um sentido ao presente, senão ao passado, é o resgate da superabundância factual que corresponde a uma situação que poderíamos dizer de supermodernidade para dar conta de sua modalidade essencial: o excesso²⁶.

Essa ideia de excessos nos permite considerar o momento da construção e inauguração do Estádio Presidente Castelo Branco como uma situação de

²² AUGÉ, Marc. **Não-Lugares**: Introdução a uma antropologia da supermodernidade. São Paulo: Papirus, 1994.

²³ Ibid., p. 51.

²⁴ Entendemos que essa nova identidade do futebol natalense estará fundada na mercadorização do futebol natalense, na constituição identitária envolvendo clubes, torcidas, dentre outros.

²⁵ A esse respeito cf. Ibid.

²⁶ Ibid., p. 32.

supermodernidade, hipermodernidade. Ou seja, como um contexto no qual ocorreu o aprofundamento de uma modernidade gerida anteriormente²⁷.

Nesse estudo, consideraremos como fenômenos que marcam a hipermodernização do futebol natalense os seguintes aspectos: a transformação do futebol natalense em uma mercadoria e a massificação do referido esporte no Rio Grande do Norte. Assim, para interpretarmos esses aspectos, bem como por considerarmos o futebol uma manifestação da cultura, utilizaremos a noção de indústria cultural, desenvolvida por Teodor Adorno e Max Horkheimer.

Na perspectiva de Adorno e Horkheimer, existiria na contemporaneidade uma indústria, entendida aqui como estratégias mercadológicas, que fazendo uso dos meios de comunicação de massa (como o rádio, televisão etc.) divulgam manifestações culturais por toda a parte, contribuindo com o processo de espetacularização (tornar espetáculo) e massificação (homogeneizar e popularizar) dessas²⁸.

Além de contribuir com a massificação e espetacularização da cultura, a indústria cultural possibilita a mercadorização dessa, ou seja, sua transformação em produto para ser consumido, vendido amplamente. Isso porque na Contemporaneidade “a cultura se transformou em valor de troca, assim como as demais mercadorias, a cultura só tem valor na medida em que pode ser trocada, não na medida em que é algo em si mesma”²⁹.

Essa noção nos possibilitará interpretar o futebol dos anos 1970 como um elemento apropriado pela indústria cultural e identificar as evidências da massificação e mercantilização (manifestações dessa indústria) no futebol natalense daquela época.

Para analisarmos esse processo de massificação e mercadorização do futebol de Natal utilizamos predominantemente fontes escritas: jornais impressos publicados em Natal durante as décadas de 1960, 1970 e 1980.

Essas fontes são exemplares dos jornais *A República*, *A Tribuna do Norte* e *Diário de Natal*. Tais jornais estão acondicionados e foram digitalizados nos arquivos do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte (IHGRN), arquivo do *A Tribuna do Norte*

²⁷ No primeiro capítulo do nosso trabalho apresentaremos elementos que atestam a presença de sinais de modernidade no futebol natalense, anteriores à inauguração do estádio Castelão.

²⁸ HORKHEIMER, Max; Adorno, Theodor W. **Dialética do esclarecimento**: fragmentos filosóficos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

²⁹ *Ibid.*, p. 148.

(localizado no bairro da Ribeira) e Arquivo Público do Estado do RN (localizado no bairro do Alecrim), durante o período de junho de 2010 a maio de 2012.

Tais jornais são utilizados em nossa pesquisa porque, no que diz respeito ao futebol, são fontes privilegiadas, ou seja, documentos que possibilitam o contato com diversas interpretações acerca do esporte natalense das décadas de 1960 a 1980. Esse privilégio decorre da antiguidade do interesse desses jornais locais pelo futebol, pois desde a época do Estádio Juvenal Lamartine (anos 1920), pelo menos, a imprensa natalense cobre o futebol do estado. E na medida em que o número de jornais da capital cresceu nas décadas seguintes, a cobertura do esporte em questão aumentou consideravelmente. Na época da inauguração do estádio Castelão, por exemplo, o futebol da capital potiguar já contava com a cobertura do *A República*, *A Tribuna do Norte* e *Diário de Natal*.

Dessas fontes pudemos extrair informações importantes para a elaboração das problematizações que guiam esse estudo. Dentre essas informações destacam-se os investimentos financeiros dos poderes públicos na construção do estádio, as empresas envolvidas nas obras desse, sejam essas nacionais ou multinacionais, os esforços dessas instâncias do poder na realização de eventos futebolísticos em Natal, as evidências da mercadorização e massificação do futebol natalense, representações sobre o futebol natalense da época e sobre o novo estádio (de políticos, empresários, arquitetos, engenheiros, trabalhadores, torcedores, jogadores etc.), dentre outros.

O segundo grupo de fontes utilizado nessa pesquisa é composto por fotografias produzidas nas épocas da construção e inauguração do estádio e da mercadorização e massificação do futebol natalense. Extraídas de sites, jornais da época, dentre outros, as fotografias demonstram registros sobre os aspectos materiais da construção e inauguração do estádio, bem como sobre as transformações vividas por esse espaço ao longo dos anos. Além disso, essas fontes são importantes porque nos permitem identificar representações sobre o Castelão e o futebol natalense dos anos 1970 e 1980, assim como problematizar as intencionalidades por trás de tais representações.

Para ter acesso aos documentos escritos enfrentamos diversas dificuldades, como a falta de organização dos arquivos de Natal, a dispersão documental decorrente dessa falta de organização e o precário estado de conservação de algumas fontes antigas. Esses

entraves dificultaram a identificação de algumas fontes e, conseqüentemente, a digitalização dessas.

Essa desorganização, dispersão e a precariedade da conservação dos documentos sugerem, no mínimo, a falta de comprometimento de nossa sociedade (poderes públicos e população) com as instituições e espaços ligados à manutenção da cultura e da história do Rio Grande do Norte, como museus, arquivos, institutos, memoriais, dentre outros. E, o que é pior, todo esse descaso acaba gerando um descarte documental excessivo nas referidas instituições e a conseqüente perda de informações importantes à realização de pesquisas acerca da memória e do passado de Natal.

Entretanto, o nosso amor pelo futebol e o contexto de obras da Natal atual estimularam bastante a realização de nossa pesquisa. Isso por que, como a cidade tem tentado se preparar para ser uma das sedes brasileiras do mundial de 2014, questões associadas ao futebol do estado, como a demolição do estádio Machadão, encontram um terreno propício para discussões, na imprensa, ruas, bares, supermercados, paradas de ônibus, na academia, dentre outros, impulsionando assim o nosso trabalho.

Os resultados desse estudo serão apresentados em três capítulos: **Futebol natalense: onde se joga, onde se assiste; O castelão, o futebol e a política potiguar** e **O Castelão abriga as massas**.

Em **Futebol natalense: onde se joga, onde se assiste**, primeiro capítulo desta dissertação, discutiremos o surgimento dos primeiros espaços para a prática do futebol em Natal, as tramas que envolveram a construção do Estádio Presidente Castelo Branco e o papel dessa praça esportiva para o processo de mercadorização do futebol de Natal, processo este ocorrido partir da década de 1970. Portanto, o eixo de discussão desse capítulo será a transformação do futebol natalense, de suas partidas, em mercadoria. Nele também analisaremos a relação entre esse processo de mercantilização e o contexto econômico e futebolístico brasileiro da época, como a penetração de empresas nacionais e transnacionais nos negócios associados ao futebol natalense.

No segundo capítulo, **O Castelão, o futebol e a política potiguar**, analisaremos a apropriação do futebol natalense e do Estádio Castelão (Machadão) por políticos potiguares durante as décadas de 1960 e 1970. Para essa análise, trabalharemos basicamente com duas discussões. A primeira será sobre a relação entre o populismo de Djalma Maranhão e o

nascimento do desejo de construção de um novo estádio para Natal, ainda no início dos anos 1960. A segunda, por sua vez, será acerca dos interesses da ditadura militar, representada por políticos locais, em relação ao Castelão e ao futebol de Natal.

No terceiro e último capítulo, **O Castelão abriga as massas**, discutiremos o papel do Estádio Presidente Castelo Branco na transformação do futebol natalense em esporte de massa. Ou melhor, discutiremos o processo de massificação do futebol de Natal. Assim, analisaremos as estratégias e os interesses que envolveram a popularização do futebol na capital do Rio Grande do Norte, o papel da imprensa esportiva nesse processo e a nova feição das torcidas de Natal.

1 Futebol natalense: onde se joga, onde se assiste

O Estádio Humberto de Alencar Castelo Branco, inaugurado em 4 de junho de 1972, foi durante quase cinco décadas o principal e maior palco do futebol de Natal. Nesse estádio aconteceram competições esportivas locais, regionais e nacionais, as quais contaram com a presença de diversos craques, clubes, seleções, dentre outros. Por tudo isso, muitos natalenses que viveram as décadas de 1970, 1980, 1990 e 2000, não concebem o futebol natalense sem se remeter ao referido espaço, sendo esse cristalizado em inúmeras memórias.

A partir de sua inauguração, o Estádio Castelão (chamado de Machadão, a partir de 1989) parece ter influenciado para a ocorrência de mudanças profundas no futebol de Natal. Com ele, o futebol natalense pôde, com o passar dos anos, se tornar mais popularizado, profissionalizado e comercializado, aprofundando-se em uma guinada modernizante.

Entretanto, no nosso estudo, não consideramos o referido estádio como o marco inicial da modernização do futebol de Natal, ou seja, como um elemento de ruptura em relação a um passado supostamente ultrapassado. Ao contrário, consideramos o Castelão um elemento que contribuiu com o aprofundamento de uma modernização futebolística gerida anteriormente, em curso desde a primeira metade do século XX e que ganhara outra feição com o novo estádio.

Um dos aspectos dessa modernização será a mercadorização do futebol natalense, ou seja, a transformação desse esporte em uma mercadoria, que como tal precisava ser vendida a consumidores. Assim, realizaremos nesse capítulo uma discussão sobre a mercadorização do futebol natalense a partir de dois momentos: o das origens da modernização futebolística de Natal, início do século XX, e o do aprofundamento dessa modernização, década de 1970.

1.1 Os espaços do futebol em Natal: os descampados e o campo cercado

Durante a primeira metade do século XX, os primeiros sinais de modernização³⁰ do futebol natalense emergiram. Isso porque foi nesse contexto que surgiram as primeiras tentativas de profissionalização do referido esporte no Rio Grande do Norte. Tentativas estas representadas pela fundação de entidades desportivas e de clubes profissionais, construção de espaços específicos para as partidas de futebol, segregação entre jogadores e espectadores nesses espaços, dentre outros.

Nos primeiros anos do século XX, até pelo menos 1915, a cidade do Natal já contava com a prática do futebol, entretanto esse esporte se encontrava em uma fase “amadoresca”, pois não existia estádio de futebol, campeonatos locais, grande quantidade de clubes, entidades desportistas etc.

Naquele contexto, os irmãos da tradicional família Pedroza, que retornavam de seus estudos na Inglaterra, fundaram o *Sport Club Natalense*, protótipo de clube de futebol criado na capital em 1904³¹. O Sport Club Natalense não era, de fato, um clube de futebol, pois não possuía sede, sócios e estatuto.

Ao escrever sobre as origens do futebol em Natal, no matutino *A República*, Câmara Cascudo afirmava que “a primeira bola de *foot ball* trazida para Natal, e aqui inaugurada, veio na bagagem dos Pedroza, filhos de Fabrício Gomes Pedroza, Fernando, Fabrício, Raul e Ramiro, chegados da Europa em 1903[...] Quando Fernando, Fabrício, Raul e Ramiro Pedroza desmancharam as malas a bola inglesa entrou em uso com Alberto Roseli e outros rapazes de permeio. Foi assim que começou o futebol aqui e em toda parte. Depois é que vieram as associações, sabidas as regras para a peleja[...]”³².

Segundo César, naquela época, antes da construção do Juvenal Lamartine, “o futebol era praticado em terrenos descampados [...]”³³. E parece que até 1928, as partidas de futebol eram realizadas em verdadeiros descampados, que não separavam de forma significativa atletas e espectadores dos jogos.

³⁰ No nosso trabalho, modernização do futebol é sinônimo de profissionalização desse esporte, e, portanto, antônimo de amadorismo.

³¹ A esse respeito cf. SOBRINHO, José Correia; CÉSAR, Iran Hermenegildo. **Torcidas organizadas de futebol:** metamorfose de um fenômeno de massa. Disponível em: <<http://www.cchla.ufrn.br/interlegere/revista/pdf/3/ex02.pdf>>. Acesso em: 25 mar. 2011.

³² Fragmento da crônica “Como chegou o futebol em Natal”, texto Luís da Câmara Cascudo publicado em 1959 no *Acta Diurna*, espaço de crônicas do jornal *A República* existente nos anos 1950. A esse respeito cf. LOPES, Everaldo. **Da Bola de pito ao apito final:** memória do futebol natalense. Natal: [s. n.], 2006. p. 10 - 11.

³³ CÉSAR, Iran Hermenegildo. **A violência no Futebol:** facções de torcidas organizadas no Estádio Machado em Natal/RN. 2006. Monografia (Graduação em Ciências Sociais) - UFRN, Natal, p.21.

Os mais famosos dentre esses descampados foram os seguintes terrenos: o que hoje corresponde à Praça André de Albuquerque, antiga Rua Grande, (Cidade Alta); Vila Civinato, atual Praça Cívica (Petrópolis); e Polígono do Tirol (onde foi construído o Juvenal Lamartine, posteriormente). Além desses, em Natal, existiam outros descampados para a prática dessa modalidade esportiva, como os seguintes terrenos: o que hoje corresponde à Policlínica (Alecrim), o da Praça Pio X (Tirol) e o que corresponde atualmente ao atual estádinho João Câmara (Rocas). Esses espaços já eram mencionados no Jornal *A República* desde 1905, quando os chamados “rachas” eram noticiados³⁴.

Todas as informações sobre o amadorismo do futebol natalense até aqui apresentadas não se constituem em verdades absolutas, são, ao contrário, representações de jornalistas, cronistas, pesquisadores, dentre outros, sobre a época tratada, assim como toda e qualquer informação proveniente de fontes documentais. Mas, como tais representações apresentam algumas informações semelhantes, as utilizamos para caracterizar o futebol da Natal do início do século XX.

A partir dessas informações, podemos dizer que - na Natal da referida época - a prática futebolística ocorria em verdadeiros descampados a céu aberto. Esses espaços de terra possuíam grandes dimensões e eram demarcados por cercas de madeira, as quais delimitavam os limites para a prática do jogo e já distanciavam, ainda que timidamente, os atletas de futebol dos espectadores e curiosos.

Durante anos, esses descampados foram os únicos espaços para a prática do futebol em Natal, o que - juntamente com a inexistência de clubes de futebol e de entidades desportistas regulamentadoras – sugere o amadorismo do futebol natalense do início do século XX.

Acerca do amadorismo que envolvia os esportes da Natal na referida época, Arrais, Andrade e Marinho afirmam:

[...] O esporte nesse período ainda era uma prática amadora, e a reunião de sócios nos treinos e competições era mais uma forma de lazer que se oferecia a elite de Natal. Mas a competitividade dos jogos e disputa entre os times não ficavam restritas aos sócios e esportistas³⁵.

³⁴ LOPES, op. cit., p. 263.

³⁵ ARRAIS, Raimundo; ANDRADE, Alenuska; MARINHO, Márcia. **O corpo e a alma da cidade: Natal entre 1900 e 1930.** Natal: EDUFRRN, 2008. p.153.

O fragmento destacado confirma o caráter “amadoresco” das práticas desportivas da Natal do início do século XX. Naquela época, o futebol da capital potiguar, assim como outras práticas esportivas, estava ligado ao lazer das elites locais, as quais viam nessa atividade uma oportunidade para a obtenção da saúde do corpo e da mente. E, como não existiam entidades desportivas, clubes de futebol profissional, campeonatos oficiais, estádios de futebol, ou seja, elementos de modernização, o futebol do estado era amador.

Mas quando, de fato, podemos falar em uma modernização do futebol de Natal? A modernização, ou melhor, os primeiros sinais desse processo parecem ter emergido ainda na Natal do início do século XX.

Nesse contexto, o futebol de Natal começou a dar os primeiros passos rumo à modernização com a fundação de clubes de futebol, como o ABC Futebol Clube e o América Futebol Clube, a Liga de Desportos Terrestres do Rio Grande do Norte, primeira entidade desportiva de peso criada em Natal, e a construção de um estádio para a realização das partidas de futebol da capital, o Estádio Juvenal Lamartine.

O ABC e América foram importantes porque, além de serem os primeiros clubes profissionais com patrimônios³⁶ e estatutos próprios a surgirem no estado, influíram decisivamente na popularização do futebol natalense, pois a partir desses, o interesse dos espectadores por esse esporte passou a crescer.

Em 1918, três anos após a fundação desses clubes, a partir da criação do terceiro clube profissional da capital (o Centro Esportivo Natalense)³⁷ foi fundada a primeira entidade desportista do estado: A Liga dos Desportos Terrestres do Rio Grande do Norte.

Essa entidade parece ter direcionado o futebol natalense à profissionalização na medida em que criou e organizou campeonatos de futebol na capital, a partir de 1919, e estabeleceu regras para a participação dos clubes nesses eventos. Além disso, a Liga também estabeleceu premiações para os desportistas e clubes vencedores. Tudo isso mobilizou significativamente a cidade no que diz respeito ao futebol, tanto que nos anos

³⁶ Pesquisando jornais das décadas de 1915 a 1920, percebemos que nas duas primeiras décadas do século XX, as sedes provisórias compunham o maior exemplo de propriedades do ABC e América, o que evidencia a precariedade desses clubes na época.

³⁷ Para a fundação de uma liga estadual de futebol, a legislação esportiva brasileira da época exigia a existência de, no mínimo, três clubes fundadores e compositores desta. A esse respeito cf. LOPES, op. cit.

seguintes surgiram novos clubes desse esporte, como o Alecrim Futebol Clube ³⁸, Baixa Verde, Centro Esportivo Natalense, dentre outros.

Acerca da atuação da Liga dos Desportos Terrestres do Rio Grande do Norte, a edição do jornal *A República*, do dia 7 de setembro de 1928, publicava a seguinte notícia:

A Liga dos Desportos Terrestres desta cidade cogita de modificar, de acordo com as boas normas do association, muitos dos regimentos do seu regimento interno [...].

Um dos pontos porque deve bater-se a Liga na discussão do seu regimento é o que diz respeito à inscrição de jogadores em dois, três e até em mais clubes, durante uma mesma phase desportiva. [...].

Queremos crêr que um tal player está a merecer uma penalidade da Liga. E esta deveria de logo ser consagrada nos estatutos.

Eliminado que seja o jogador aplique-se-lhe o estágio conforme a gravidade da falta que deu origem a eliminação, solicitada ou não [...]³⁹.

Esse fragmento textual demonstra a importância da Liga dos Desportos Terrestres do Rio Grande do Norte para o nosso futebol naquela época. De acordo com o documento, era essa liga que estabelecia as regras para a inscrição e punição de jogadores que atuassem em campeonatos locais organizados por ela. Será a Liga de Desportos do Estado que resolverá construir o primeiro estádio de futebol da capital, o Estádio Juvenal Lamartine, inaugurado em 1928.

A construção do Juvenal Lamartine seria uma resposta ao desenvolvimento do futebol profissional de Natal, ao crescimento do número de espectadores dessa prática e aos apelos dos clubes natalenses da época⁴⁰.

“O campinho do Tirol”⁴¹, como também era conhecido o Juvenal Lamartine, foi construído em uma área que mede 11.834m², custou aos cofres do Estado a quantia de

³⁸ Segundo o historiador natalense Gil Soares, o Alecrim Futebol Clube, terceiro clube mais popular da capital e identificado com a classe operária, foi fundado em 1917. A esse respeito cf. LOPES, op. cit.

³⁹ *A República*, Natal, 7 set. 1928. p. 2.

⁴⁰ Esses apelos existiam porque o número de clubes e de torcedores interessados no futebol crescera em Natal durante os anos 1920, mas as partidas continuavam sendo realizadas nos antigos descampados. Como o primeiro ABC e América, ocorrido em 26 de setembro de 1915 em um desses descampados, no “ground” da Vila Cincinato. A esse respeito cf. Ibid.

⁴¹ Folheando o *A República* dos anos 1920, percebemos que o uso da expressão “campinho do Tirol”, referindo-se ao Estádio Juvenal Lamartine, era comum na época entre jornalistas, torcedores, jogadores, dirigentes, dentre outros.

74.000\$000 (setenta e quatro contos de réis)⁴² e foi projetado pelo arquiteto Francisco Clodoaldo Caldas de Farias, um funcionário da Companhia Telefônica Brasileira, empresa sediada no Rio de Janeiro.

O referido estádio possuía um muro de alvenaria o cercando, fachada no estilo barroco e em forma de arco na entrada, arquibancada de concreto e madeira, capacidade para 600 pessoas sentadas. Não possuía alambrado, existindo apenas uma espécie de mureta de cimento armado medindo 1m20 de altura, seguindo a regra dos demais estádios brasileiros da época. Nele existiam também tribuna de honra, dois vestiários e alguns banheiros⁴³.

A fotografia em destaque abaixo sugere, além de alguns aspectos estéticos e estruturais do Juvenal Lamartine, como o estilo da fachada do estádio do Tirol, o caráter elitista do público que o frequentava naquele contexto. Tal elitismo é evidenciado na fotografia pela elegância dos trajés dos torcedores que acompanhavam as partidas na época, trajés estes compostos por ternos, chapéus, dentre outros, elementos da moda elitista que vigorava nas principais capitais brasileiras da época.



Figura 1 - Fotografia da fachada do Estádio Juvenal Lamartine nos anos 1920 e da chegada de torcedores ao estádio.

Fonte: Disponível em: <<http://mediocridade-plural.blogspot.com.br/2011/11/adeus->

⁴² *A República*, Natal, 29 de jul. 1928. p. 2.

⁴³ LOPES, op. cit., p. 264.

É possível que o arquiteto Clodoaldo Farias tenha se inspirado, para a elaboração do projeto do Juvenal Lamartine, na estrutura arquitetônica do primeiro grande estádio de futebol do Brasil: o Estádio Manoel Schwartz, as Laranjeiras⁴⁴, pois além desses serem estádios construídos basicamente na mesma época, há semelhanças significativas entre ambos. Essa influência talvez tenha sido fruto da experiência de Farias no Rio de Janeiro, pois este residiu na então capital do país no início do século XX e possivelmente conheceu a arquitetura das Laranjeiras.

Nas fontes a seguir, é possível identificar alguns elementos estruturais internos presentes tanto nas Laranjeiras quanto no Juvenal Lamartine, arquibancadas laterais cobertas, vigas de sustentação espalhadas pela estrutura dessas, e mureta separando tais arquibancadas e o gramado, demonstrando a inexistência de alambrados.

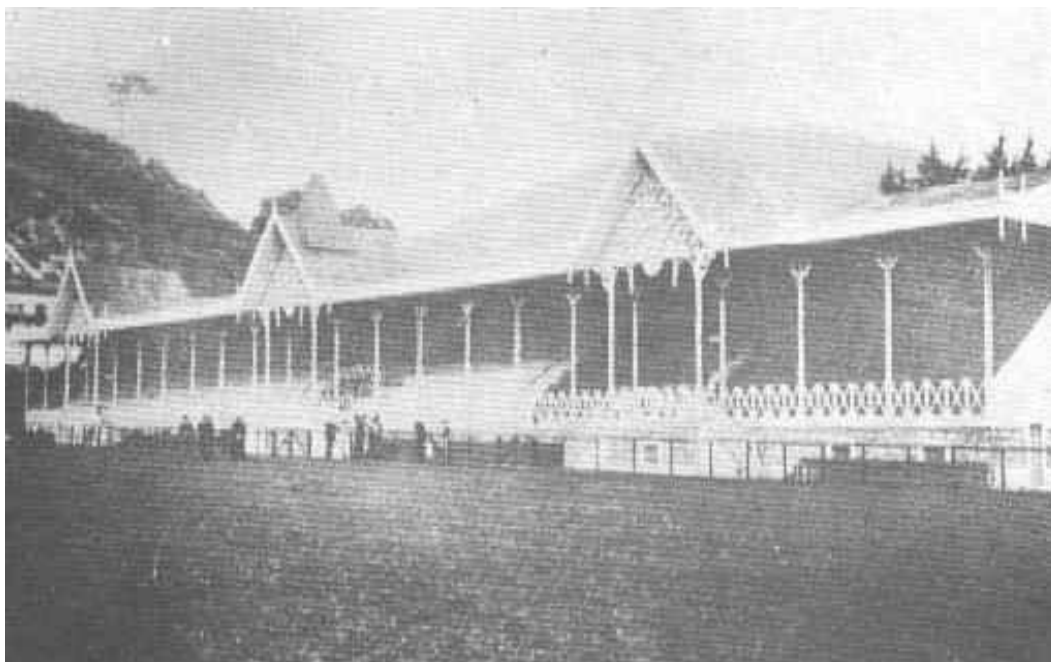


Figura 2 - Fotografia das arquibancadas do Estádio Manoel Schwartz, as Laranjeiras nos anos 1930.

Fonte: Disponível em: <<http://+mavalem.sites.uol.com.br+LARANJEIRAS&btnG=>>.

⁴⁴ O Estádio Manoel Schwartz, primeiro grande estádio de futebol do Brasil, só seria construído em 1919, pelo Fluminense, por ocasião da disputa do terceiro Campeonato Sul-americano de futebol, sediado no Rio de Janeiro. A esse respeito cf. CRUZ, op. cit.

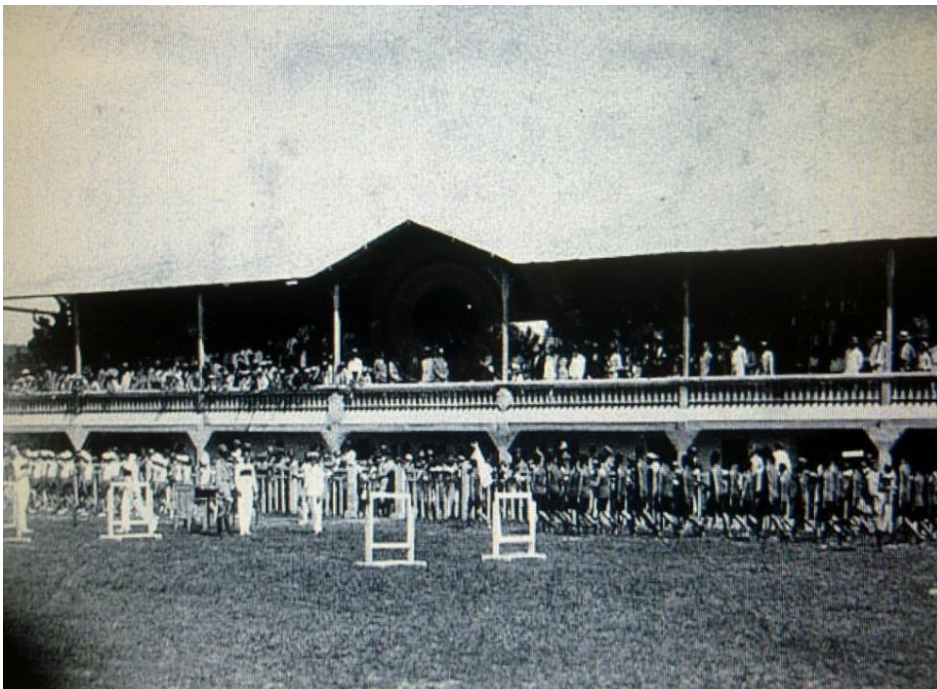


Figura 3 - Fotografia interna do Estádio Juvenal Lamartine nos anos 1920.

Fonte: Disponível em: <http://+mavalem.sites.uol.com.br+Juvenal+lamarline>

A correspondência entre os elementos internos do Juvenal Lamartine e os do Laranjeiras, como arquibancadas laterais cobertas, vigas de sustentação, mureta entre o gramado e arquibancadas e a inexistência de alambrado, sugere e sustenta a nossa hipótese da influência da estrutura do estádio carioca sobre o campo do Tirol.

No dia 12 de outubro de 1928, Natal ganhara o Juvenal Lamartine⁴⁵, seu primeiro espaço específico para a realização de partidas profissionais de futebol. Com essa inauguração, o futebol natalense da época, portanto, passa a ser ainda mais moderno. Isso por que, para ser moderno, o esporte precisa ter regras e espaços específicos para a sua prática, distinguindo-se das antigas brincadeiras de rua⁴⁶.

Ou seja, o futebol natalense tornara-se moderno porque a Liga dos Desportos Terrestres do Rio Grande do Norte regularizava as regras das partidas de futebol e o Juvenal

⁴⁵ O Juvenal Lamartine foi inaugurado em 12 de outubro de 1928 com uma partida amistosa entre ABC e Cabo Branco da Paraíba, cujo placar foi 5 a 2 para o clube de Natal. A respeito disso cf. LOPES, op. cit., p.264.

⁴⁶ ARRAIS; ANDRADE; MARINHO, op. cit., p. 150.

Lamartine recebia os jogos, tornando-se um espaço específico para a prática futebolística em Natal.

Entretanto, esse período corresponde ao início de uma modernização do futebol natalense, pois outra modernização futebolística, essa marcada pela mercadorização e massificação do futebol de Natal, ocorreria na capital do Rio Grande do Norte na segunda metade do século XX, após a inauguração do segundo espaço específico para as partidas de futebol da capital: o Estádio Presidente Castelo Branco.

1.2 O Castelão: espaço para a venda de jogos

Durante as décadas de 1950 e 1960, o futebol brasileiro tornou-se cada vez mais popular, o que possibilitou sua conversão em paixão nacional. Esse processo esteve associado, primeiramente, à realização da Copa do Mundo de 1950 no Brasil.

Para poder sediar essa copa, o Brasil necessitava de um novo estádio de futebol, um estádio monumental que representasse a grandeza de um torneio internacional como a Copa do Mundo é. Então, foi construído no Rio de Janeiro, capital do país na época, o Estádio Municipal do Rio de Janeiro, atualmente o Maracanã, inaugurado em 16 de junho de 1950.



Figura 4 - Fotografia aérea do Estádio Municipal do Rio de Janeiro, na época de sua inauguração, início dos anos 1950.

Fonte: Disponível em: <<http://www.ccpq.puc-rio.br/70anos/no-tempo/ha-60-anos/1950/inauguracao-do-maracana&docid=D-PdhsAycbBi5M&imgurl=>>>. Acesso em: 12 jan. 2009.

A fonte acima sugere a monumentalidade do Estádio Municipal do Rio de Janeiro, simbolizada pelas suas formas gigantescas e capacidade de receber o público (82.238 mil torcedores). Tal monumentalidade parece ser uma das estratégias da FIFA e da Confederação Brasileira de Desportos (CBD)⁴⁷ para ampliar a popularização do futebol no nosso país⁴⁸. Nessa perspectiva foi realizada, no Brasil, a Copa de 1950.

⁴⁷ A extinta CDB administrou todos os assuntos e competições do futebol nacional até 1979, quando foi substituída pela Confederação Brasileira de Desportos (CBF). A esse respeito cf. SARMENTO, Carlos Eduardo. **A regra do jogo:** uma história institucional da CBF. Rio de Janeiro: CPDOC, 2006.

⁴⁸ Até hoje a FIFA utiliza essa estratégia para popularizar o futebol em países onde o referido esporte não é tão popular. Para perceber isso, basta lembrar das Copas do Mundo de 1994 e 2002, realizadas, respectivamente, nos Estados Unidos da América e Coreia do Sul e Japão. A esse respeito cf. REIS, Heloisa Helena Baldy; ESCHER, Thiago Aragão. **A relação entre futebol e sociedade:** uma análise histórico-social a partir da teoria do processo civilizador. Disponível em:<http://www.uel.br/grupo-estudo/processoscivilizadores/portugues/sitesanais/anais9/artigos/mesa_debates/art15.pdf>. Acesso em: 15 nov. 2009.

E parece que tais estratégias surtiram efeito no Brasil já na década de 1950, pois como afirma Leite Lopes:

[...] é a partir da Copa de 50 que tem início uma comunhão entre a equipe de futebol brasileira e a torcida, com o grande número de torcedores presentes (todos os jogos realizados no novo estádio foram assistidos por um público acima dos 100 mil torcedores), muitos vindos de outros estados, e a presença marcante do público feminino, todos cantando o hino nacional a cada apresentação da equipe brasileira⁴⁹.

O fragmento acima evidencia que a ampliação da popularização do futebol nacional, durante a década de 1950, esteve, de fato, associada à realização de uma Copa do Mundo, em 1950, no Brasil, pois com essa, que contou com a massiva presença de torcedores nos seus jogos, parece que as atenções dos brasileiros se voltaram cada vez mais ao futebol.

Outro elemento que também contribuiu com a crescente popularização do futebol brasileiro durante aquele contexto, especificamente no final dos anos 1950 e durante os anos 1960, foi as vitórias do nosso país no referido esporte, como as conquistas das seguintes Copas do Mundo pela seleção: a da Suécia, em 1958 (nosso primeiro título mundial de futebol) e a do Chile, em 1962⁵⁰.

Acerca das conquistas do futebol brasileiro durante a década de 1960, Aquino afirma:

O bicampeonato em 1962 no Chile, bem como a dupla conquista da Taça Libertadores da América e do Mundial Interclubes pelo Santos FC de Pelé em 1962 e 1963, confirmou a avaliação de que o Brasil tinha o melhor futebol do mundo. O clima de euforia política e futebolística alimentava o otimismo com relação ao futuro do país. Nas ruas, a população cantava: “Não tem arroz, não tem feijão, mas assim mesmo o Brasil é campeão”⁵¹.

Assim, talvez respondendo a esse crescente processo de popularização do futebol nacional, foram construídos, a partir da década de 1960, para receber a nova demanda de espectadores, alguns dos mais importantes estádios de futebol do Brasil, como o Estádio Olímpico Monumental, em Porto Alegre, 1954; Estádio Governador Magalhães Pinto (o Mineirão), em Minas Gerais, 1965; Estádio José Pinheiro Borda (o Beira-Rio), 1969, também em Porto Alegre, dentre outros.

⁴⁹ LEITE LOPES, José Sérgio. Classe, etnicidade e cor na formação do futebol brasileiro. A esse respeito cf. BATALHA, Cláudio H. M. **Culturas de classe: identidade e diversidade na formação do operariado**. Campinas: Ed. da UNICAMP, 2004. p. 135.

⁵⁰ A conquista da Copa de 1958 pela seleção fez o Brasil superar o episódio do *maracanazo* (1950) e, conseqüentemente, o complexo de vira-lata que o escritor Nelson Rodrigues afirmava existir no brasileiro. A conquista da Copa do Chile, por sua vez, foi importante porque consolidou o nosso futebol como uma potência mundial. A esse respeito cf. CORREA JÚNIOR, Raphael de Araújo. **No país do futebol: as implicações do avanço do capitalismo no Brasil e sua influência no esporte mais popular do planeta**. 2008. Monografia (Graduação em Serviço Social) - UFRJ, Rio de Janeiro.

⁵¹ AQUINO, Rubin Santos Leão de. **Futebol: Uma paixão Nacional**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002. p. 85.

Tais espaços serão mais convidativos que os antigos estádios, por serem mais modernos estruturalmente e por oferecerem mais conforto. Esses vão atrair o público para suas dependências, contribuindo com a popularização do nosso futebol, processo que se consolidará durante a década de 1970, sobretudo.

Foi no bojo desse processo de construções de estádios de futebol que surgiu o desejo de construção de um novo estádio para Natal, ainda no início dos anos 1960. Esse desejo se manifestou com uma campanha organizada por políticos, desportistas e personalidades ligadas ao futebol, como afirma o arquiteto Moacyr Gomes da Costa, o responsável pela elaboração do projeto de construção do novo estádio:

Os desportistas de Natal, saudoso João Machado e Humberto Nesi lutavam querendo fazer um novo estádio [...] O Juvenal Lamartine já estava pequeno para o tamanho de Natal. Então, em um belo dia, me chamaram para fazer parte de uma comissão que iria ao governador [Dinarte Mariz] pedir que ele doasse um terreno para a gente fazer o estádio [...] Ele doou o terreno e nós ficamos com o compromisso de fazer o estádio[...] Djalma Maranhão era prefeito[...] foi quem tomou posse do terreno[...]”⁵².

Essa campanha pelo novo estádio, na época chamado Estádio Olímpico Municipal, evidencia as inúmeras mudanças sofridas por Natal e pelo seu futebol, ocorridas durante a primeira metade do século XX, pois em 1963, por exemplo, a capital do Rio Grande do Norte já não era aquela cidade provinciana que fora nos anos 1920 e 1930.

Um exemplo dessas mudanças é o crescimento demográfico de Natal, naquele período, pois, segundo o censo demográfico do IBGE de 1960, a população natalense crescera de 103.215 para 162.537 habitantes, durante as décadas de 1950 e 1960⁵³.

O futebol local, por sua vez, seguiu o mesmo percurso de desenvolvimento: crescera o número de clubes⁵⁴ e de frequentadores⁵⁵ nas partidas de futebol. Assim, para

⁵² A demolição do Machadão. **Xeque-Mate**. Natal: TV Universitária, 02 de abril de 20010. Programa de TV. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=Z6BW0GynyE8>>. Acesso em: 10 abr. de 2011.

⁵³ Dados estatísticos extraídos do censo municipal de 1960. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/seculoxx/arquivos>>. Acesso em: 14 fev. 2009.

⁵⁴ De 1940 a 1960, foram fundados no estado os seguintes clubes de futebol: Clube Atlético natalense (1941), Associação Desportiva e Cultural Natalense (1945), Natalense de Parnamirim (1946), Juventus Futebol Clube (1947), Riachuelo Atlético Clube (1948), Fluminense futebol Clube (1949), Racing Esporte Clube (1949), Ferroviário Esporte Clube (1952), Asas Sport Club (1956), União Esporte Clube (1956), Associação Cultural e Desportiva Baraúnas (1960). A esse respeito cf. LOPES, op. cit., 2006.

⁵⁵ Segundo Everaldo Lopes, o número de torcedores natalenses cresceu tanto que, durante o governo de Aluizio Alves (1961-1966), foi construída no Juvenal Lamartine uma arquibancada com capacidade para 3 mil pessoas. Como essa ampliação, o estádio do Tirol chegou a receber públicos pagantes próximos a 8 mil pessoas. A esse respeito cf. *ibid.*

dar conta de tais mudanças, surge o desejo de um novo estádio para Natal, um estádio mais adequado às necessidades da Natal dos anos 1960⁵⁶.

Apesar da campanha e aquisição do terreno para a construção do Estádio Olímpico terem ocorrido ainda no início dos anos 1960, a capital não ganhou um novo espaço esportivo naquela década. Isso ocorreu posteriormente, especificamente na década de 1970, auge da ditadura militar no Brasil. Esse novo estádio se chamará Estádio Presidente Castelo Branco, e não mais Estádio Olímpico, como propuseram seus antigos idealizadores.

Mas, além das mudanças ocorridas na Natal da década de 1960, temos que destacar outra motivação para a construção do novo estádio: a crise econômica vivida pelo futebol natalense e por seus clubes naquela época, crise esta mencionada por diversos jornais locais e que vai se estender até meados da década de 1970.

Na época de finalização das obras do Estádio Presidente Castelo Branco, o governador Cortez Pereira, reconhecendo essa crise que atravessou os anos 1960 e 1970, afirmava no *A República*:

[...] Não terá sentido se ter gasto tanto na construção do estádio se não tivermos condições de soerguer o futebol e torna-lo grande. Na tentativa de encontrar um meio de ajudar os nossos times a saírem do permanente estado de crise, vamos, em conjunto com as entidades que dirigem o futebol e com os diretores dos clubes esportivos, planejar e executar um programa de apoio às equipes, e motivar o nosso público para a frequência aos jogos- concluiu o Governador⁵⁷.

A ampliação da captação de recursos com a elevação das rendas dos jogos parece ter sido uma das estratégias adotadas para a superação da crise financeira do futebol natalense. A ideia era, portanto, salvar o nosso futebol transformando-o em mercadoria, em um meio gerador de capitais para clubes, entidades desportivas, dentre outros. E o Castelão teve um papel central nesse projeto que objetivava o soerguimento do futebol de Natal, pois este estádio atuaria de modo a atrair cada vez mais o público às partidas e fomentaria negócios envolvendo o futebol, como analisaremos.

⁵⁶ Os jornais da década de 1960 noticiavam algumas das inadequações do Juvenal Lamartine em relação à Natal dos anos 1960. *O Diário de Natal*, por exemplo, noticiava que o estádio do Tirol sofria constantes invasões ao gramado promovidas por torcedores, o que causava insegurança aos atletas, árbitros, dentre outros.

⁵⁷ *A República*, Natal, 14 mar. 1972. p. 8.

Nesse contexto, identificamos no âmbito nacional, além das arbitrariedades da ditadura, a ampliação da abertura do mercado brasileiro às empresas multinacionais. Essa abertura esteve associada à adesão do Brasil ao bloco capitalista durante a Guerra Fria, pois as principais nações capitalistas da época, lideradas pelos Estados Unidos da América, exigiam dos governos dos países aliados, gestões que favorecessem o desenvolvimento do capitalismo mundial, como a abertura de mercados às indústrias multinacionais.

Assim, sob a influência desse bloco capitalista, os presidentes da ditadura militar adotaram para o Brasil um modelo de desenvolvimento econômico baseado na abertura do mercado nacional a capitais e empresas estrangeiras. Essa abertura a capitais e empresas internacionais acabou contribuindo com as origens do processo de conversão do futebol nacional em mercadoria, ou seja, com a mercadorização do nosso futebol⁵⁸.

Isso ocorreu porque, ao penetrar no país e ao perceber a popularidade do futebol no Brasil, diversas empresas multinacionais passaram a investir no referido esporte, considerando-o uma vitrine para a divulgação de suas marcas e produtos.

Na verdade, o processo de mercadorização do futebol já era uma tendência mundial na década de 1970. A Federation Internationale de Football Association⁵⁹ teve um papel fundamental nesse processo, pois, além de organizar os torneios internacionais de futebol, regulamentar e homogeneizar as regras do referido esporte pelo mundo, a FIFA facilitava a penetração de capitais transnacionais no futebol através do estabelecimento de parcerias com empresas multinacionais, tornando o futebol uma mercadoria mundial, evidenciando que o Brasil já havia se convertido a espaço de um futebol globalizado.

Essas iniciativas da FIFA tornaram-se mais significativas quando João Havelange presidiu a mencionada instituição, dos anos 1970 até o final dos anos 1990. Com Havelange,

⁵⁸ Falamos em origem da mercadorização porque, apesar de nos anos 1970 surgirem elementos que iniciam a mercantilização do futebol nacional, esse processo só vai se consolidar, de fato, posteriormente, nas décadas de 1980 e 1990. A esse respeito cf. CRUZ, op. cit.

⁵⁹ Instituição máxima do futebol mundial e grande responsável pelo *status* que hoje desfruta o futebol pelo mundo, a FIFA foi fundada em 21 de maio de 1904 pelas federações nacionais de futebol dos seguintes países: França, Bélgica, Dinamarca, Holanda, Suécia, Suíça e Espanha. A esse respeito cf. REIS, Heloisa Helena Baldy; ESCHER, Thiago Aragão. **A relação entre futebol e sociedade:** uma análise histórico-social a partir da teoria do processo civilizador. Disponível em: <http://www.uel.br/grupo-estudo/processoscivilizadores/portugues/sitesanais/anais9/artigos/ mesa_debates/art15.pdf>. Acesso em: 15 nov. 2009.

o futebol avançou na forma de espetáculo e se transformou na mercadoria mais rentável da “indústria” dos esportes⁶⁰.

Segundo o próprio site da FIFA, Havelange transformou essa entidade, de uma instituição puramente administrativa para uma empresa dinâmica e com muitas ideias, inclusive, mercadológicas. Sobre esses aspectos, o site da FIFA afirma que:

Durante os últimos 25 anos, a FIFA tem conseguido estender seu campo de influência por todo o mundo, não somente no âmbito esportivo, senão também em outros setores de nossa sociedade, como o comercial e o político. O futebol em mais de uma faceta, expandiu-se para regiões inteiras e sua população. Com mais de 200 milhões de jogadores ativos, o futebol converteu-se em uma das melhores indústrias do lazer, abrindo novos mercados no mundo não apenas para a FIFA, senão para o resto das nações⁶¹.

Na tentativa de ampliar seu campo de atuação e de transformar o futebol em uma mercadoria, a FIFA buscou alianças com empresas multinacionais interessadas em investir nos negócios do futebol, como a Adidas, a KODAK, a Coca-Cola, dentre outras. Essas parcerias, por serem fundadas em contratos de fornecimento de materiais esportivos e de publicidade no valor de milhões de dólares, possibilitaram a ampliação dos negócios envolvendo esse esporte pelo mundo, permitindo a FIFA e às empresas envolvidas, uma expansão rumo a novos mercados, constituindo uma globalização do futebol e também uma verdadeira indústria do futebol⁶².

Essa globalização do futebol, assim como as parcerias da FIFA, vão refletir significativamente no futebol brasileiro, inclusive no Rio Grande do Norte. Um desses reflexos foi a introdução de investimento de empresas multinacionais no futebol, como o fornecimento de capitais e equipamentos para a manutenção de clubes e estádios. Não é à toa que identificamos, em diversos estádios brasileiros da época, uma maior implantação de placas publicitárias divulgando produtos ou as logomarcas de multinacionais.

Entretanto, a globalização do futebol vai ter suas especificidades em cada local (país, região, estado, dentre outros), pois “cada lugar é, ao mesmo tempo, objeto de uma razão global e de uma razão local, convivendo dialeticamente”⁶³. Nesse processo de

⁶⁰ A esse respeito cf. ESCHER, op. Cit.

⁶¹ Disponível em <http://www.fifa.com/fifa/index_S.html>. Acesso em: 3 abr. 2010.

⁶² A esse respeito cf. CRUZ, op. cit.

⁶³ SANTOS, 1996, p. 273.

globalização, por exemplo, enquanto os EUA foram convertidos em área de chegada de jogadores estrangeiros, o Brasil tornou-se uma grande fonte fornecedora de craques para o exterior, o que evidencia a especificidade do país no referido processo. Foi nesse contexto que craques como Pelé e Carlos Alberto Torres, jogadores campeões do mundo em 1970, foram negociados com o New York Cosmos, um dos clubes de futebol mais importantes dos Estados Unidos da América.

Nesse processo de mercadorização, além da atuação da FIFA, temos que destacar o papel dos meios de comunicação de massa, como o rádio; e, a partir dos anos 1950, principalmente o da televisão. Isso porque, “com a televisão alcançando todas as esquinas do globo, o futebol decolou e acabou por se transformar num entretenimento globalizado que arrebatou multidões ao redor do planeta”⁶⁴.

Desde a década de 1950, que jogos de futebol têm sido televisionados⁶⁵, mas é na década de 1970 que o número de transmissões de partidas do referido esporte cresce substancialmente no planeta. Além disso, é em 1970 que, pela primeira vez na história, a TV transmitirá partidas de futebol em imagens coloridas. Essas partidas foram da Copa do Mundo do México, evento esportivo esse que foi conquistado pelo Brasil de Pelé, Tostão, Jairzinho, Rivelino, Félix, Gerson, dentre outros.

⁶⁴ CORREA JÚNIOR, Raphael de Araújo. **No país do futebol**: as implicações do avanço do capitalismo no Brasil e sua influência no esporte mais popular do planeta. 2008. Monografia (Graduação em Serviço Social) - UFRJ, Rio de Janeiro, 2008. p.58.

⁶⁵ Quando da primeira partida de uma Copa do Mundo foi televisionada, Iugoslávia 1 x 0 França, em 16/06/1954, a TV praticamente não tinha valor de mercado. Em 1978, os direitos televisivos da Copa na Argentina correspondiam em valores atuais a somente 15 milhões de euros; na Copa de 2006 corresponderam a 991 milhões de euros. A esse respeito cf. FRANCO JÚNIOR, Hilário. **A dança dos deuses**: futebol, sociedade, cultura. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.



Figura 5 - “Reclame” (propaganda) da Rede Globo divulgando a transmissão televisiva de um dos jogos mais esperados da Copa do México (1970): Brasil e Inglaterra.

Fonte: Disponível em:
<<http://blogs.estadao.com.br/reclames-do->

Esse cartaz evidencia a existência de transmissões televisivas da Copa do Mundo de 1970 na programação da Rede Globo de Televisão. Essas transmissões vão ser vistas pelas empresas multinacionais como uma grande oportunidade para a divulgação virtual de suas marcas por todo o mundo. Na medida em que se ampliavam às casas dos brasileiros gradualmente, essas transmissões tornavam-se cada vez mais comuns, contribuíam com a massificação do futebol nacional e, conseqüentemente, com a popularização das marcas de multinacionais no país.

As fotografias abaixo nos permitem entender de que modo as empresas multinacionais tiravam proveito da Copa do Mundo de 1970 para divulgar suas marcas e produtos.



Figura 6 – Jairzinho, o furção da copa, comemora o gol que fez contra Itália na final da Copa de 1970.

Fonte: Disponível em: <<http://blog.maismemoria.net/?p=338>>. Acesso em: 4



Figura 7 -. Fotografia com Gerd Müller, artilheiro alemão, chutando para a bela defesa de Luis Rubiños, goleiro peruano, na Copa de 1970.

Fonte: Disponível em: <<http://duelosdecaques.blogspot.com.br/2011/04/gerd-muller-x-de-latorre-rubinos.html>>. Acesso em: 2 maio 2009.

Nas duas fotografias fica claro que diversas empresas multinacionais da época, como a holandesa *Philips* (presente nas duas fotografias), a italiana *Martini & Rossi* e a estadunidense *Philco*, buscavam parceiras com a FIFA para estampar suas logomarcas e slogans em muretas no interior dos estádios de futebol da Copa, transformando esses em espaços mercadorizados e que atendiam à lógica do mercado. Naquela época, entretanto, essas publicidades não ficavam em placas nas laterais do campo, como hoje, mas em pequenos muros que separavam o gramado das arquibancadas, ou até mesmo nessas⁶⁶.

É nesse contexto, do auge da ditadura militar e início da mercadorização do futebol nacional, que outro grupo de novos estádios foi inaugurado no Brasil. Dentre esses estádios, destacam-se: o José do Rego Maciel (Estádio do Arruda), em Recife-Pernambuco(1972), o Humberto de Alencar Castelo Branco (Castelão), em Natal-Rio Grande do Norte (1972), o Governador Plácido Castelo (o Castelão), em Fortaleza-Ceará (1973) e o José Fragelli (o Verdão), em Cuiabá- Mato Grosso (1976).

Mas que tramas envolveram o processo de construção do Estádio Castelão em Natal? Como será que ocorreu a inauguração desse espaço esportivo? E que evidências da mercadorização do futebol natalense são identificadas a partir da construção do Estádio Castelão?

Nos anos 1950, Moacyr Gomes da Costa (como já mencionamos, o arquiteto que projetou o Estádio Castelão) era apenas um jovem de Natal que, desde o final da década de 1940, estudava arquitetura na Universidade Federal do Rio de Janeiro. Na então capital do Brasil da época, Moacyr teve a oportunidade de ser aluno de um dos arquitetos responsáveis pela construção do Estádio Municipal do Rio de Janeiro. Segundo Gomes, ter estudado na UFRJ com aquele professor (Gomes não mencionou o nome do professor na entrevista) e ter visto a entrega e inauguração do referido estádio carioca na Copa de 1950, foi muito significativo para sua formação profissional.

Em entrevista ao programa Xequê-Mate da TV Universitária (UFRN), Gomes resumiu sua experiência no Rio de Janeiro:

[...] Eu fui para o Rio depois da guerra, da segunda grande guerra. Eu era um jovem de 18 anos[...] E lá fui ingressar na Escola de Arquitetura em 1949. E aí começou a vida de estudante numa cidade agradável [...]

[...] Quando entrei na escola, o Maracanã estava terminando a obra para pegar a Copa de 1950[...], aí um colega me disse: “esse professor é um dos

⁶⁶ Analisando diversas fotografias e vídeos disponíveis na internet, percebemos que só a partir da Copa de 1974 é que as placas de publicidade dos estádios de futebol passaram para a lateral do gramado, como hoje.

arquitetos do Maracanã”. Era um senhor muito simpático e tal, e eu me aproximei dele, né? Conteí minha história triste[...] Ele me deu um monte de apostilas e dizendo como é que se calculava aquilo [Maracanã] e tal. Eu comecei a estudar aquele negócio. [...]

(..) Quando cheguei no quinto ano, ele foi o orientador da minha turma, nos encontramos.

[...] ‘Ô rapaz, que beleza, você tá terminando’[...] ⁶⁷.

Após se formar no Rio de Janeiro, Moacyr Gomes retornou a Natal no início da década de 1960 e, por ser um grande admirador do futebol, se engajou na campanha pela construção de um novo estádio para a cidade, na época, chamado Estádio Olímpico. Ao lado de João Machado, Humberto Nesi e Djalma Maranhão, Gomes atuou na conquista do terreno para a construção do novo estádio, um terreno doado pelo Governo do Estado e localizado no bairro de Lagoa Nova.

Na época, o prefeito Djalma Maranhão encomendou a Gomes a elaboração de um projeto arquitetônico para a construção de um novo estádio para a capital do Rio Grande do Norte. Para construir esse projeto, Moacyr Gomes resgatou algumas ideias do seu antigo projeto desenvolvido ainda no Rio de Janeiro. Ainda na referida década, as obras foram iniciadas. Entretanto, com o golpe de 1964, marco inicial da Ditadura Militar, essas foram interrompidas por um curto período. Com os militares no poder, a construção do estádio foi concluída, isso em 1972.

Segundo Moacyr Gomes, foi a elaboração de um projeto arquitetônico para a construção de um complexo esportivo, atividade desenvolvida em uma disciplina do curso de arquitetura da UFRJ, que possibilitou o desenvolvimento de uma das principais marcas dos seus projetos: as formas onduladas das construções. Essas formas parecem ter sido o aspecto mais marcante e curioso do projeto de Gomes. Tal aspecto foi tão marcante que o professor, conhecedor de tantas estruturas arquitetônicas nacionais e internacionais, o estranhou, pedindo a Gomes explicações sobre a funcionalidade de tais formas.

Em uma conversa, segundo Gomes, o projetista do Estádio Municipal do Rio de Janeiro, encorajando o arquiteto natalense, disse:

“Olha vou te dar uma sugestão, desenvolva um projeto de um complexo esportivo”. Então, seguiu o conselho dele, e fez o projeto de um complexo

⁶⁷ A demolição do Machadão. **Xeque-Mate**. Natal: TV Universitária, 02 de abril de 2010. Programa de TV. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=Z6BW0GynyE8>>. Acesso em: 10 abr. 2011.

esportivo. Tinha estádio de futebol, tinha piscina olímpica, tinha ginásio de basketball, pista de corrida [...] Então ele gostou muito do projeto, me deu uma nota generosa, e terminou dizendo o seguinte: “Eu só queria que você me desse uma explicação, por que é que você fez este estádio que sobe e depois desce?”⁶⁸.

Esse “sobe e desce” mencionado no fragmento em destaque corresponde às ondulações presentes no estilo das construções de Gomes. Tal aspecto estará presente no projeto, desenvolvido posteriormente, para a construção do Estádio Humberto de Alencar Castelo Branco e vai se tornar uma das características mais marcantes no estádio de Lagoa Nova⁶⁹.

De fato, essas formas onduladas fizeram do Castelão um dos estádios mais bonitos e modernos do Brasil, pois na época nenhum outro espaço esportivo do país possuía tão belas e audaciosas formas. A fotografia a seguir demonstra as formas do Estádio Presidente Castelo Branco.



Figura 8 - Vista panorâmica do Estádio Castelão nos anos 1970, década de sua inauguração.

Fonte: Disponível em: <<http://www.grandeponto.com.br/%3Fp%3D5242&d%3D5242>&d ocid=

⁶⁸ A demolição do Machadão. **Xeque-Mate**. Natal: TV Universitária, 02 de abril de 2010. Programa de TV. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=Z6BW0GynyE8>>. Acesso em: 10 abr. 2011.

⁶⁹ Para se referir ao Estádio Castelão, a imprensa natalenseda década de 1970 também utilizava a denominação estádio de Lagoa Nova, uma referência ao bairro onde o campo foi construído.

A fonte destacada acima demonstra que essas ondulações eram compostas pela distribuição desigual das arquibancadas pelas zonas do estádio, pois tais arquibancadas eram concentradas nos pontos laterais e menos numerosas atrás dos gols, reverberando no “sobe e desce” das estruturas superiores. Tais ondulações possuíam duas razões de ser. A primeira era, de fato, estética. Mas a segunda era prática, pois estava associada à distribuição dos torcedores pelos espaços do estádio.

A função prática dessas ondulações era permitir uma concentração de espectadores nas zonas do estádio que possuíam uma visão privilegiada, as arquibancadas laterais⁷⁰, o que evidencia a preocupação do projetista com os torcedores que frequentavam as partidas de futebol.

Acerca da estratégia de espacialização dos torcedores no projeto Castelão, Moacyr Gomes afirma:

[...] Eu digo o seguinte, que eu não o fiz [o projeto] exatamente como arquiteto. Eu fiz como torcedor, e torcedor não gosta de ficar atrás do gol. Então eu concentrei o grande público nas duas laterais e fui diminuindo na media que arrodia para o outro lado. Então quando eu liguei geometricamente os pontos de encontro do traçado geométrico, deu a figura do tobogã, ali da montanha russa. [...] ⁷¹.

O embelezamento visual do Estádio Castelão estava associado à sua leveza arquitetônica. Essa leveza, por sua vez, era originada pela ideia de movimento criada por curvas compostas pelas estruturas superiores do estádio, gerando uma espécie de ondulação. Para Moacyr Gomes da Costa, o próprio Estádio do Rio de Janeiro não possuía tal leveza arquitetônica, sendo uma construção marcada pela rigidez. Ao reconhecer a leveza, movimento e inovação da estrutura do Castelão, Gomes afirma:

[...] Hoje já tem muitos estádios no mundo que possuem esse sobe e desce e tal, mas[...] ele era o único que tinha essa forma[...]Quando descemos, pela Prudente de Moraes, de Candelária ele tem um estranho movimento. Você vai descendo do carro e vê que ele está se mexendo, mas isso eu não calculei que ia acontecer, foi mera coincidência [...] É por isso que, talvez, ele seja tão interessante. E outra coisa que também torna ele um estádio atraente é a leveza dele. Ele é muito cheio de curvas, então, aquilo dá uma impressão de uma obra menos grosseira. O próprio Maracanã que eu

⁷⁰ Entendemos que, em geral, as laterais dos estádios possibilitam uma visão privilegiada do jogo, na medida em que permitem aos espectadores um acompanhamento dos lances que ocorrem nos dois lados do campo.

⁷¹ A demolição do Machadão. **Xeque-Mate**. Natal: TV Universitária, 02 de abril de 20010. Programa de TV. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=Z6BW0GynyE8>>. Acesso em: 10 abr. 2011.

considero um estádio fantástico, de muito boa qualidade, ele não tem essa leveza, ele é pesado, ele é parado [...] ⁷².

De fato, como o discurso de Moacyr Gomes no texto acima sugere, o elemento mais singular do Estádio Presidente Castelo Branco eram as ondulações presentes em suas estruturas superiores. E tais ondulações foram fruto da criatividade de Gomes, entretanto, o referido arquiteto não trabalhou sozinho na construção do estádio, por isso, não podemos esquecer as empresas envolvidas nas etapas de construção do Castelão.

A construtora Empresa de Construções Civis Ltda. (ECOCIL) foi a empresa do ramo de engenharia que ganhou a concorrência lançada pela Prefeitura Municipal do Natal e que conduziu as obras em todas as etapas da construção. Já durante o momento em que as obras ganharam maior impulso, especificamente nas gestões dos prefeitos Ubiratan Galvão (1971-1972) e Jorge Ivan Cascudo (1972-1975), a ECOCIL passou a contar com o auxílio de outra construtora natalense: a Engenharia e Arquitetura Limitada (ENARQ). Também ganharam concorrência para participar da construção, mas já na fase final das obras, as cearenses CIBRESME, Companhia Brasileira de Estruturas Metálicas e Companhia J. Tomé de Sabóya, a paulista Peterco S/A e a multinacional S/A *Philips* do Brasil (sediada em São Paulo).

Os jornais natalenses do início dos anos 1970, principalmente *A República* (órgão oficial de imprensa do Rio Grande do Norte), vão chamar essa última fase das obras do estádio de “ritmo de Brasília” ⁷³, isso porque naquele momento as obras foram aceleradas ganhando grande impulso.

Acerca do “ritmo de Brasília” e das empresas envolvidas nas mencionadas obras, em edição de 19 de março de 1972, *A República* noticiou:

[...] A história do Estádio Presidente Castelo Branco, embora para muitos pareça recente, já data de algum tempo, somente tendo ganhado maior impulso no Governo do professor Cortez Pereira, através da administração dos prefeitos Jorge Ivan Cascudo Rodrigues e Ubiratan Galvão.

⁷² A demolição do Machadão. **Xeque-Mate**. Natal: TV Universitária, 02 de abril de 20010. Programa de TV. Disponível em: < <http://www.youtube.com/watch?v=Z6BW0GynyE8>>. Acesso em: 10 abr. 2011.

⁷³ Para sugerir a competência dos governos municipal e estadual em imprimir uma velocidade às obras do Castelão, a imprensa oficial da época (*A República*) chamou a última fase da construção desse estádio de “Ritmo de Brasília”, alusão à velocidade da construção de Brasília, nova capital do Brasil.

[...] A última etapa da etapa da construção do estádio foi entregue às firmas ECOCIL [...] e ENARQ [...], ambas do Rio Grande do Norte, ganhadoras de concorrência realizada pela República⁷⁴.

Nesse documento fica clara a intenção do jornal oficial: demonstrar a competência dos governos de Cortez Pereira, governador do Estado; Ubiratan Galvão, prefeito de Natal indicado por Pereira; e Jorge Ivan Cascudo, prefeito que sucedeu Galvão e que também foi indicado pelo referido governador, na execução das obras do estádio, tornando-os indispensáveis à aceleração do processo de construção do estádio.

Na denominada fase do “ritmo de Brasília”, 657.304 metros lineares de ferro foram utilizados nas obras, totalizando 468.679 quilos de metal, também foram gastos 33.027 sacos de cimento, totalizando 1.656.350 quilos do referido material. De tábuas de madeira foram empregados 117.520 metros lineares e 3 mil chapas de Madeirit (essas medindo 2 metros e 20 centímetros por 2 metros e 10 centímetros). Além disso, o Governo do Estado, na figura do governador Cortez Pereira (governador escolhido pelos militares), investiu recursos da ordem de 4 milhões e 100 mil cruzeiros para acelerar as obras do estádio.

No dia 28 de março de 1972, ainda durante essa fase de aceleração das obras, o *A República* publicou uma notícia sobre a conclusão das arquibancadas do Castelão. Tal notícia corresponde a um texto que evidenciava a velocidade das obras e uma fotografia aérea do estádio parcialmente concluído:

⁷⁴ *A República*, Natal, 19 mar. 1972. p. 7.



Figura 9 - Estádio Presidente Castelo Branco há aproximadamente três meses antes da data estipulada para a finalização das obras.

Fonte: *A República*, Natal, 28 mar. 1972. p. 7.

O texto da matéria, publicado abaixo da fotografia, seria o seguinte:

Concluídas as arquibancadas trinta dias antes do prazo fixado para o término, as firmas responsáveis pela conclusão do Estádio Municipal de Lagoa Nova – ECOCIL e ENARQ -, iniciaram essa semana os trabalhos de construção de várias unidades restantes, necessárias ao funcionamento⁷⁵.

Por ser de um veículo de comunicação oficial ligado ao Governo do Estado e por destacar a conclusão de uma das etapas mais difíceis das obras: a construção das arquibancadas – o texto em destaque sugere, implicitamente, a grande capacidade dos gestores públicos, engenheiros, empresas, arquitetos, dentre outros envolvidos na última fase da construção do Castelão. Também são apresentados, na matéria em questão, alguns aspectos estruturais que irão compor o estádio após a conclusão das obras, como banheiros, bares, alojamentos, cabines de comunicação e bilheterias.

No referido texto, o superintendente da Secretaria Municipal de Obras e Viação - SUMOV -, o engenheiro Mário Sérgio Augusto de Viveiros, ganhou espaço para falar das metas que deveriam ser atingidas (e foram) até o início de junho de 1972:

⁷⁵ *A República*, Natal, 28 mar. 1972. p.5.

[...] serão construídas instalações sanitárias, bares e bilheterias, cabines de comunicação e unidades para o alojamento de atletas. Ao mesmo tempo, também se iniciaram os trabalhos de pavimentação da área de estacionamento, que terá capacidade para mais de mil veículos[...] O Estádio de Lagoa Nova contará com 52 conjuntos sanitários, com vasos, bidês, lavatórios, mictórios, sendo 20 para homens e 35 para mulheres e crianças⁷⁶.

Na fala de Mário de Viveiros é perceptível a correria que marcou essa fase final das obras do novo estádio. Essa correria foi imprimida porque os governos municipal e estadual queriam cumprir a promessa de inaugurar o estádio, no dia 4 de junho de 1972. Isso porque, a partir de 11 de junho do mesmo ano, Natal sediaria, juntamente com outras capitais brasileiras,⁷⁷ a Mini Copa da Independência, torneio que contou com a participação de diversas seleções, e que foi organizado em comemoração ao aniversário dos 150 anos da Independência do Brasil.

Em 28 de março, data de publicação da notícia sobre a conclusão das arquibancadas, o Estádio Presidente Castelo Branco ainda não tinha banheiros, cabines de imprensa, vestiários etc. e faltavam exatamente 68 dias para a data prevista para a inauguração. Assim, para cumprir tais prazos, as obras foram aceleradas. O Castelão foi entregue ao público no prazo estipulado e no dia 11 de junho de 1972 e Natal pode sediar a Mini Copa da Independência.

Quando, em 1972, a obra foi concluída, todos puderam perceber que a arquitetura do Castelão privilegiava o conforto, a beleza e a modernidade. Tais aspectos - e a adoção de outras estratégias para atrair o público e investimentos para as partidas de futebol - vão contribuir com a mercadorização do referido esporte no Rio Grande do Norte.

O Estádio Castelão foi construído para receber um público máximo de 52 mil torcedores, os quais seriam distribuídos em arquibancadas, gerais e 1275 cadeiras cativas. As arquibancadas proporcionariam segurança aos torcedores porque, além de serem de concreto, possuíam degraus com 80 centímetros de espessura, quase o dobro da espessura dos antigos degraus do Juvenal Lamartine⁷⁸. As cadeiras cativas eram os espaços mais caros

⁷⁶ *A República*, Natal, 28 mar. 1972. p.5.

⁷⁷ Além de Natal, as seguintes capitais sediaram a Mini Copa da Independência: Manaus, Recife, Maceió, Aracajú, Salvador, Belo Horizonte, Rio de Janeiro, São Paulo, Curitiba, Campo Grande e Porto Alegre.

⁷⁸ Durante os anos 1960 e início dos 1970, a imprensa natalense atacava o Estádio Juvenal Lamartine, considerando suas arquibancadas inseguras. E um dos argumentos dessa imprensa para afirmar isso era o fato de elas serem, predominantemente, de madeira e medirem apenas 40 centímetros de espessura.

do novo estádio por possibilitarem mais conforto aos torcedores. Nelas, eles assistiam aos jogos sentados em poltronas confortáveis. As gerais eram os espaços mais frequentados por torcedores natalenses menos abastados. Isso porque o preço dos ingressos para esse espaço era mais barato devido a pouca visibilidade que ele proporcionava aos espectadores que o frequentassem.

Para receber os espectadores no estádio, foram instaladas 33 borboletas registradoras e 54 bilheterias, e construídos 10 acessos internos para as acomodações nas diversas dependências desse espaço, além de dois acessos maiores para as gerais. Existiam também tribunas de honra e uma ampla área de estacionamento com capacidade para receber 1000 veículos, 52 banheiros, sendo 20 para o público masculino e 35 divididos entre mulheres e crianças. Nesses toaletes existiam vasos, bidês, lavatórios e mictórios.

Para acomodar os jogadores, comissões técnicas, dirigentes de clubes, dentre outros, foram entregues dois vestiários, cada um desses possuía um túnel, possibilitando o acesso ao gramado. Nesses vestiários, existiam, para o conforto e segurança dos atletas, assoalhos de borracha antiderrapantes, salas equipadas para assistência médica, 22 banheiras térmicas (11 em cada vestiário), 11 pontos de oxigênio com igual número de máscaras e poltronas do tipo “relax”, instaladas pela Peterco S/A (empresa responsável também pela instalação das cadeiras cativas e de quase todos os assentos do estádio).

Para a imprensa foram construídas 13 cabines de comunicação, sendo 7 para transmissões radiofônicas, 3 para transmissões de televisão, 1 para unidade de telex, 1 de som e outra de controle.

Pensando especificamente no campo, foi instalada uma estrutura hídrica, moderna para a época, responsável pelo agüamento do gramado. Composto essa estrutura foram construídos três reservatórios⁷⁹, cada um desses com capacidade para acumular 30 mil litros de água. Essa estrutura era responsável pela distribuição de 90 mil litros de água por dia. Por causa dessa irrigação, a qualidade do gramado chamava a atenção de torcedores, jogadores e imprensa da época. Não era à toa, portanto, que o gramado do Estádio Castelão era chamado por parte da imprensa natalense da época de “o tapete verde”.

Em 4 de junho de 1972, *A República* dedicou algumas de suas páginas aos preparativos para a inauguração do Estádio Presidente Castelo Branco. Dentre esses foi

⁷⁹ Dois desses reservatórios eram subterrâneos e um elevado.

noticiado o reconhecimento do gramado pelos jogadores que iriam atuar nas partidas daquele dia:

[...] Os jogadores da Seleção Olímpica, que fizeram o reconhecimento do gramado, ficaram encantados. Os craques disseram que já atuaram em muitos campos bacanas, porém este de Lagoa Nova, está uma coisa.

O lateral Terezo comentou: “Puxa, cara, este gramado está um barato, a bola vai rodar tranquila, tranquila”.

[...] Um dos jogadores mais contentes com o gramado, era Alberi. Depois de chutar algumas bolas para Erivan, disse: “Já pensou, quando eu bater aquelas faltas perto da área?”⁸⁰.

Entre o gramado apreciado e o espaço das gerais do Castelão, existia um grande fosso. Este fosso permitia separar significativamente atletas e torcedores, o que evidencia que o Estádio Castelão veio atender à nova lógica do futebol brasileiro daquela época, um futebol que começava a se mercadorizar e se massificar a partir da transformação das partidas de futebol em espetáculos organizados para serem vendidos.

Já no entorno do gramado, havia uma pista de atletismo com seis raias e espaços com areia para saltos triplos (em distância e altura), arremessos de dardo, discos e pesos. Por proporcionar a prática de diversos esportes, o Castelão foi projetado para ser um estádio olímpico, portanto.

Todos esses aspectos que caracterizaram o Estádio Presidente Castelo Branco visavam atrair a atenção do público, empresas e veículos de comunicação para o futebol natalense. O que, de fato, se concretizou e, como consequência, o futebol natalense tornou-se uma mercadoria.

A partir do término das obras do novo estádio, a divisão administrativa da FENAT (Federação Natalense de Esportes)⁸¹ estabeleceu, em diversos lugares da cidade, pontos para a venda de ingressos, sendo o Palácio dos Esportes Djalma Maranhão (localizado no bairro de Petrópolis) um dos principais. Essa estratégia para a venda de ingressos demonstra o quanto o futebol natalense se aproximara do mundo dos negócios nos anos 1970.

Ainda em relação à mercadorização do futebol natalense, temos que destacar os espaços comerciais criados no interior do Estádio Castelão, como lanchonetes e, sobretudo,

⁸⁰ *A República*, Natal, 4 jun. 1972. p. 8.

⁸¹ A FENAT, gerada pela Lei Municipal de número 1.155,7, foi criada para administrar a construção do Estádio Castelão, bem como para construir e manter outras praças esportivas de Natal. A esse respeito cf. LOPES, op. cit.

bares. Esses bares, espalhados por diversos pontos do estádio, foram arrendados e monopolizados pela *Brahma Chopp*. Essa, que foi uma das primeiras marcas de peso a investir no futebol natalense, alugava tais bares a pessoas interessadas em investir no comércio de bebidas, evidenciando a existência de empresas no novo estádio e no futebol do estado.

A edição da página de esportes do jornal *A República* de 31 de maio de 1972, dias antes da inauguração do Castelão, traz uma notícia que evidencia os investimentos da *Brahma Chopp* no estádio e, conseqüentemente, no futebol local: [...] “A Brahma já arrendou os 23 bares existentes no estádio e irá alugá-los a pessoas interessadas [...]”⁸².

Além da *Brahma Chopp*, outra empresa que investiu no Castelão foi a multinacional Phillips, empresa holandesa de atuação mundial que, desde a Copa do México (1970), investe maciçamente no futebol e em estádios, seja comprando espaços no interior desses para divulgar sua marca (como placas de publicidade) ou patrocinando a instalação de estruturas de iluminação nos referidos complexos esportivos.

Foi a Phillips que ganhou a concorrência lançada pela Prefeitura Municipal do Natal para instalar a moderna estrutura de iluminação do novo estádio. Essa empresa holandesa instalou um dos aspectos que mais chamou a atenção da imprensa e torcedores na época: um sistema de iluminação moderno à base de vapor metálico, símbolo de tecnologia na época. Composto tal sistema existiam 60 refletores, que perfaziam 12 mil watts e equivaliam a 1200 lâmpadas “fluorescentes” comuns.

A CIBRESME (Companhia Brasileira de Estruturas Metálicas) e a Companhia J. Tomé de Sabóya também foram empresas que contribuíram com a instalação da estrutura de iluminação do Castelão. A CIBRESME instalou quatro torres metálicas de iluminação, que mediam 45 metros de altura e recebiam todos os refletores instalados pela *Philips*. Todo o sistema de iluminação custou 305 mil, 133 cruzeiros e 36 centavos. Já a Companhia J. Tomé de Sabóya instalou a estação abaixadora de energia, que custou 335 mil cruzeiros. Esse sistema de iluminação foi considerado na época como um dos melhores dentre os dos estádios brasileiros.

Sobre as expectativas em relação à iluminação do Estádio Castelão, o *A República* publicou:

[...] A iluminação do Estádio de Lagoa Nova será - juntamente com a do Palestra Itália, do Palmeiras - o mais bem iluminado do Brasil[...]

⁸² *A República*, Natal, 31 maio 1972. p.7.

[...] A informação foi dada pela assessoria de imprensa da Prefeitura, adiantando que os testes de luminosidade que estão a cargo da Phillips estão sendo excelentes. No dia 4 de junho, na abertura do estádio, os espectadores presentes terão a oportunidade de vê-la, pois, durante o jogo Vasco da Gama e Seleção Olímpica, os refletores serão acesos no segundo tempo⁸³.

Segundo dados oficiais publicados no *A República* sobre os investimentos feitos - desde a limpeza do terreno de Lagoa Nova, ainda no início dos anos 1960, à finalização das obras (1972) - , o Estádio Castelão custou 8 milhões, 478 mil, 651 cruzeiros e 48 centavos, dinheiro este gasto ao longo de quase uma década. O Castelão foi, sem dúvida, um megaprojeto para aquela época, um estádio para reerguer o futebol natalense, um futebol que durante os anos 1950 e 1960 estava envolto em crises financeiras.

A partir da inauguração do Estádio Castelão, portanto, o futebol de Natal vai se tornar cada vez mais mercadorizado. Mas a transformação do futebol em produto também se deveu às iniciativas da antiga Confederação Brasileira de Desportos. Essa entidade, atendendo às orientações da FIFA, vai adotar um modelo de gestão futebolística baseado na lógica de mercado. A ideia era transformar o futebol em produto, em um grande negócio.

O documento a seguir, notícia publica no *A República*, sugere uma das estratégias adotadas pela CBD para transformar o futebol nacional em um negócio.

A Direção de Futebol da Confederação Brasileira de Desportos, anunciou uma única alteração para a realização do Campeonato Nacional de clubes deste ano, referente as arrecadações: a região que não obtiver uma renda média de 80 mil cruzeiros por cada jogo poderá ser excluída do torneio do próximo ano [...]⁸⁴.

Essa estratégia vai atingir também o futebol do Rio Grande do Norte. Isso porque, no mesmo ano da inauguração do Estádio Castelão, 1972, o ABC (clube de futebol mais popular do estado) vai ser convidado a participar do Campeonato Brasileiro.

Sobre a entrada do ABC no Campeonato Nacional de Clubes da CBD, *A Tribuna do Norte* publicou em 1972 o seguinte texto:

⁸³ *A República*, Natal, 27 maio 1972.

⁸⁴ *A República*, Natal, 25 ago. 1972. p. 5.

[...] Na reunião de ontem da CBD, com participação dos 13 presidentes de federações com clubes participantes no Nacional de Clubes, o ABC garantiu sua presença como representante do Rio Grande do Norte. Ficou também decidido que os vinte e seis clubes ficarão divididos em quatro chaves, com todos jogando entre si[...] A tabela dos jogos, porém, somente será conhecida no dia 12, em outra reunião que está marcada para aquela data [...] ⁸⁵.

O texto acima sugere que, através de uma reunião com outras federações estaduais de futebol do Brasil, a Federação De Natal de Desportos conseguiu a inserção do ABC no Campeonato Brasileiro de Futebol. Isso foi possível porque, naquele contexto, a inserção de clubes no Nacional se dava por convite e, como o Rio Grande do Norte construiu um moderno e novo estádio de futebol, ganhou o direito de indicar um clube para o Brasileiro de 1972. Entretanto, para manter o ABC no Nacional, a CBD vai exigir que o clube mantenha elevadas as rendas dos seus jogos pelo Brasileiro, realizadas em Natal. Essa era a exigência da CBD para manter o clube de Natal na elite do futebol nacional.

Outra evidência da preocupação da CBD com a ampliação da presença dos torcedores nas partidas de futebol e, conseqüentemente, das rendas com essas, ou seja, com a mercadorização do referido esporte, foi a transferência para as federações estaduais de futebol a responsabilidade do estabelecimento de preço dos ingressos para os jogos do Campeonato Nacional.

No Rio Grande do Norte, coube à Federação De Natal de Desportos definir os preços dos ingressos para as partidas do Campeonato Nacional, realizadas no Castelão, como é perceptível no documento abaixo:

[...] A CDB divulgou anteontem que estes [os ingressos] não seriam padronizados e que ficaria a critério de cada federação, podendo manter ou não manter os preços que são cobrados durante os campeonatos regionais.

Em Natal, a Federação Norte riograndense de Desportos já resolveu que os preços serão mantidos, o que satisfaz plenamente os torcedores que já estavam pensando que a CBD iria fazer a mesma coisa que fez durante a Taça da Independência, quando a majoração dos ingressos não esteve ao alcance do nosso torcedor ⁸⁶.

⁸⁵ *A Tribuna do Norte*, Natal, 2 ago. 1972. p.1.

⁸⁶ *A República*, Natal, 1972. p. 5.

O documento em destaque dá margem para concluirmos que, tentando manter o ABC no Campeonato Brasileiro e ampliar a arrecadação local com as partidas de futebol, a FND manteve os preços dos ingressos para as partidas do Nacional mais acessíveis à população natalense, a qual passou a frequentar mais enfaticamente o Estádio Castelão.

Segundo esse mesmo documento, os preços para assistir aos jogos entre o ABC e os maiores clubes da elite nacional em 1972 eram: 5,00 Cr\$ (cinco cruzeiros) para as arquibancadas, 3,00 Cr\$ (três cruzeiros) para a geral, 10,00 (dez cruzeiros) para as cadeiras numeradas, 15,00 Cr\$ (quinze cruzeiros) para cadeiras especiais e 2 Cr\$ (dois cruzeiros) para crianças e mulheres frequentarem as arquibancadas.

De fato, não há dúvidas de que a partir da inauguração do Estádio Presidente Castelo Branco e da entrada do ABC no campeonato Brasileiro, o futebol de Natal ganhou mais visibilidade nacionalmente. E uma das consequências dessa visibilidade foi o interesse de clubes do resto do país por jogadores natalenses, de nascimento ou que despontaram jogando no estado, como o potiguar Marinho Chagas.

Depois de ser negociado com o Clube Náutico de Capibaribe (1971) e de ter atuado pelo Botafogo de Futebol e Regatas (1972-1975) e Fluminense Futebol Clube (1978), Marinho Chagas foi transferido para o New York Cosmos dos Estados Unidos da América, como demonstra a fonte abaixo.



1975 COSMOS

Won 10, Lost 12

Figura 10 - Time do New York Cosmos de 1972, com a presença de Marinho Chagas e Pelé.

Fonte: Disponível em: <<http://botoesparasempre.blogspot.com/2011/01/o-retorno-do-new-york-cosmos.html&docid=>>>. Acesso em: 10 jul. 2010.

Ao apresentar Pelé e Marinho Chagas compondo a equipe do New York Cosmos de 1975, a fotografia acima confirma a nossa ideia de que a transferência de Chagas para os EUA não foi um caso isolado. Essas transferências, assim como as de outros jogadores brasileiros, para o exterior, na época, evidencia outro aspecto da mercadorização do futebol nacional da década de 1970: a globalização dos mercados para clubes e jogadores, um fenômeno que se aprofundará ao longo das décadas de 1980 e 1990.

Nessas décadas, os clubes brasileiros, com administrações amadoras e precárias, se comparadas às gestões dos clubes europeus, veem na venda de jogadores para o exterior a principal saída para os seus problemas econômicos⁸⁷. Iniciara-se, assim, um intenso êxodo de jogadores para a Europa, continente com clubes de futebol mais preparados para lidar com a relação entre futebol e mercado.

⁸⁷ HELAL, Ronaldo. **Passes e impasses**: futebol e cultura de massa no Brasil. Petrópolis: Vozes, 1997.

2 O Castelão, o futebol e a política potiguar

A trajetória do Estádio Presidente Castelo Branco se confunde com a história da política de Natal dos anos 1960 e 1970. Isso porque o contexto de construção do Castelão corresponde aos períodos do auge do populismo natalense e da Ditadura Militar Brasileira. Nesses dois momentos, as lideranças políticas do Rio Grande do Norte procuraram se apropriar do futebol local e do novo estádio de futebol de Natal.

Para entender de que modo tais lideranças políticas se apropriaram do futebol natalense e do Castelão naquela época, é necessário problematizar e identificar como as relações entre o referido estádio e a política potiguar se manifestaram nas décadas de 1960 e 1970, objetivo maior desse capítulo.

De fato, entre o nascimento do desejo de construção do novo estádio para Natal e a inauguração do Castelão foram decorridos aproximadamente dez anos, e isso esteve intimamente relacionado às mudanças políticas e institucionais ocorridas no Brasil e que ecoaram no Rio Grande do Norte durante os anos 1960 e 1970, como a cassação do mandato do prefeito Djalma Maranhão, político que idealizou um novo estádio para a capital do estado; e a instauração da ditadura militar no país a partir de 1964, a qual alterou drasticamente a situação política no estado do Rio Grande do Norte e acabou reverberando no processo de construção do Estádio Presidente Castelo Branco.

2.1 O Estádio olímpico de Natal: um espaço que ficou nos planos

Durante seu segundo mandato como prefeito de Natal (1960-1964)⁸⁸, além de adotar políticas de incentivo à arte e à educação⁸⁹, Djalma Maranhão procurou incentivar as práticas esportivas em Natal, construindo, por exemplo, o Palácio dos Esportes (primeiro

⁸⁸ Djalma Maranhão esteve à frente da prefeitura do Natal de 1956-1959 (primeiro mandato) e de 1960 a 1964 (segundo mandato).

⁸⁹ No âmbito educacional, Djalma Maranhão realizou a "Campanha de Pé no Chão Também se Aprende a Ler", coordenada pelo professor Moacyr de Góes, secretário de Educação e que tinha como objetivo a erradicação do analfabetismo na cidade do Natal. E no campo das artes, realizou o "I Seminário de Estudos dos Problemas de Educação e Cultura do Município de Natal". A esse respeito cf. MARIZ, Marlene da S.; SUASSUNA, Luiz E. B. **História do Rio Grande do Norte**. 2. ed. Natal: Sebo Vermelho, 2005.

ginásio esportivo da capital), localizado no bairro de Petrópolis. Mas além de estar associado à construção do referido palácio, quando era chefe do executivo municipal, Maranhão ingressou, juntamente com desportistas natalenses, em uma campanha pela construção de um novo estádio de futebol para a cidade do Natal, como mencionamos no capítulo anterior.

Segundo Everaldo Lopes, jornalista esportivo natalense, foi o próprio Djalma Maranhão que se sensibilizou da necessidade de se construir um novo estádio para a prática do futebol em Natal ao perceber a incompatibilidade entre o crescimento da Natal dos anos 1960 e o Estádio Juvenal Lamartine.

Baseando-se em depoimento de Roberto Furtado, secretário de fianças do município no primeiro governo de Maranhão, Lopes afirma que o referido prefeito deu o “pontapé” inicial para a construção do novo estádio, pois, além de fazer parte da comissão de desportistas que foi ao governador do estado (Dinarte Mariz) solicitar a doação de um terreno para construção do estádio, o referido prefeito autorizou a demarcação, desmatamento e limpeza do terreno para dar início às obras. O governador acabou doando o terreno ainda no início daquela década⁹⁰.

A partir da conquista do terreno, além da demarcação, limpeza e desmatamento da área, o prefeito encomendou a elaboração do projeto arquitetônico do estádio a Moacyr Gomes da Costa. E no dia 27 de novembro de 1963, a foto do prefeito com a maquete do projeto foi publicada na imprensa local e Dinarte Mariz fez um pronunciamento inaugurando a campanha pela construção do Estádio Olímpico⁹¹.

Essa interpretação de Everaldo Lopes sobre o sonho de construção do Estádio Olímpico parece ser um tanto quanto ingênua, pois se resume a destacar as realizações de Djalma Maranhão e não as intenções do prefeito com o estádio, os esportes, os esportistas e a população. Por isso, é necessária uma discussão sobre a relação de Maranhão com o populismo.

Enquanto Maranhão esteve à frente da Prefeitura do Natal, o Brasil, inclusive o Rio Grande do Norte, vivia o auge da chamada República Populista (1945-1964). Segundo a historiografia brasileira tradicional, essa é a fase da história nacional iniciada após a chamada Era Vargas (1930-1945) e encerrada com o golpe de 1964. Esses eram os anos da Guerra Fria (guerra ideológica entre Estados Unidos da América e União das Repúblicas Socialistas

⁹⁰ A doação do terreno para a construção do estádio municipal só foi oficializada em dezembro de 1967, em nome da Fundação de Esportes de Natal (FENAT), sendo a doação assinada por João Machado, presidente da referida fundação na época. A esse respeito cf. LOPES, op. cit.

⁹¹ O estádio seria chamado de Estádio Olímpico de Natal porque diversas modalidades olímpicas seriam praticadas nele. A esse respeito cf. Ibid., p. 266.

Soviéticas), da redemocratização do Brasil e da difusão das práticas políticas populistas no país.

Acerca da República Populista, Flávio de Campos e Miriam Dolhnikoff afirmam:

[...] Os anos da democracia populista foram regidos pelo arranjo político composto por Vargas ao final do Estado Novo. Os representantes do PCB e do PTB venceram três das eleições disputadas no período. Foi sempre a mão de Getúlio ou a sua sombra que decidiu os destinos políticos do país⁹².

O próprio Vargas é quem vai introduzir as práticas populistas no Brasil. E em Natal, um dos primeiros a adotar o populismo foi o prefeito Djalma Maranhão, ao lado de Aluizio Alves, um dos maiores fenômenos populistas do Rio Grande do Norte durante os anos 1960. Mas o que seria, de fato, o populismo?

Não cometeremos o erro de tentar definir o significado desse fenômeno político, pois como afirma Ângela de Castro Gomes, discutir o populismo é acompanhar “[...] a trajetória de um conceito na produção acadêmica da história e das ciências sociais no Brasil, tendo por base um período aproximado que decorre de meados dos anos 50 até os dias atuais”⁹³.

Ou seja, o populismo tem historicidade, ganha várias feições ao longo do tempo. Entretanto, existem alguns elementos gerais presentes nesse fenômeno político, tais como: a adoção de práticas políticas que visam aproximar o líder carismático das massas urbanas; como a consolidação de leis trabalhistas; utilização de propaganda política; apropriação do futebol nacional; dentre outras⁹⁴.

A fotografia a seguir sugere o uso do futebol por Getúlio Vargas, já na década de 1940, evidenciando a política populista do referido presidente.

⁹² CAMPOS, Flávio de e DOLHNIKOFF, Miriam. **Atlas História do Brasil**. 3. ed. São Paulo: Scipione, 1997. p. 58.

⁹³ GOMES, Ângela de Castro. *O populismo e as ciências sociais no Brasil: notas sobre a trajetória de um conceito*. **Revista Tempo**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, p.1,1996. Disponível em: <http://www.historia.uff.br/tempo/artigos_dossie/artg2-2.pdf>. Acesso em: 3 ago. 2010.

⁹⁴ A esse respeito cf. GOMES, Ângela de Castro. A política brasileira em busca da modernidade: na fronteira entre o público e o privado. In: SCHWARCZ, Lila Moritz (Org.). **História da vida privada no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. v.4, p. 546.



Figura 11 -. Getúlio Vargas nas comemorações do 7 de setembro, em 1941 no Estádio São Januário.

Fonte: CRUZ, op. cit., p. 65.

Essa fonte, foto do presidente Getúlio Vargas no Estádio São Januário (estádio do Clube de Regatas Vasco da Gama) evidencia a aproximação entre Vargas e o futebol carioca. Na fonte em destaque, essa aproximação é representada pelo que o presidente fazia do estádio do Vasco para a realização de festividades cívicas, como a comemoração da Independência do Brasil (o sete de setembro) ou do Dia do Trabalho (primeiro de maio), pois – como afirma Leite Lopes:

Se por um lado o estádio foi palco, através da equipe do Vasco da Gama – pivô do movimento de profissionalização do futebol carioca, que acabou por provocar uma relativa democratização do futebol brasileiro, em relação à incorporação de fato de jogadores negros, mulatos e da classe trabalhadora e também em relação à incorporação de um público amplo e de massas[...] por outro foi palco também de manifestações não esportivas, cívicas, promovidas pelo estado varguista, tais como a promulgação das leis trabalhistas e a instituição de um salário mínimo para o trabalhador [...] ⁹⁵.

⁹⁵ Apud CRUZ, op. cit., p. 65-66.

O fragmento em destaque apresenta alguns contextos de uso do Estádio São Januário por Getúlio Vargas, como a promulgação de leis trabalhistas e criação do salário mínimo. Em ambos os contextos, o presidente buscava a legitimação de sua política concedendo aos trabalhadores certas garantias, se apresentando como defensor da classe trabalhadora, demonstrando que “uma das formas básicas de sustentação do regime autoritário foram as manifestações de massa, sempre objetivando dar visibilidade à figura de Vargas enquanto um dirigente político próximo à população”⁹⁶.

Adotando políticas populistas, o prefeito Djalma Maranhão também vai tentar se aproximar das massas urbanas natalenses da época, como desportistas e analfabetos, por exemplo. Para isso, Maranhão construiu o Palácio dos Esportes, organizou uma campanha contra o analfabetismo e iniciou uma campanha para a construção de um novo estádio de futebol para Natal, o Estádio Olímpico Municipal.

Essas informações sugerem que, assim como Getúlio Vargas, Djalma Maranhão buscou legitimação política tentando “manipular” as massas. Entretanto, tanto em Vargas quanto em Maranhão, o conceito de manipulação não pode ser visto de forma simplista, pois como afirma Ângela de Castro Gomes:

[...] a “manipulação” populista não é [...] uma estratégia urdida por políticos espertos para enganar o povo ingênuo. É bem mais complexa, pois dotada de uma ambigüidade intrínseca: é tanto uma forma de controle sobre as massas, como uma forma de atendimento de suas reais demandas. Embora seja muito mais enfatizada a dimensão do ‘mascaramento’ existente neste atendimento, a política “populista” é avaliada também como um caminho de acesso e de reconhecimento dos interesses dos setores populares⁹⁷.

Portanto, o que vai de fato caracterizar a política populista é a existência de uma espécie de troca entre o carismático líder populista e o povo. Ou seja, o político “manipulador” concede algo em troca de legitimação e o povo conquista aquilo que é de seu interesse.

O prefeito Maranhão tentou adotar como estratégia para a efetivação de sua política populista a construção do Estádio Olímpico Municipal, mas não conseguiu efetivar seu projeto. Segundo Lopes, essa não efetivação ocorreu porque:

⁹⁶ NEGREIROS, Plínio José de C. **A Nação entra em campo: futebol nos anos 30 e 40.** 1998. 346 f. Tese (Doutorado em História), Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 1998, p. 26-27.

⁹⁷ GOMES, Ângela de Castro. **A política brasileira em busca da modernidade: na fronteira entre o público e o privado.** In: SCHWARCZ, Lila Moritz (Org.). *História da vida privada no Brasil.* São Paulo: Companhia das Letras, 1998, v.4. p. 546.

[...] muita burocracia a prefeitura teve de enfrentar para dar largada na obra, a partir de uma longa exposição de motivos que teve de ser encaminhado à Câmara dos Vereadores, com cronograma de obras, detalhamento de todo o projeto arquitetônico[...], recursos necessários [...]”⁹⁸.

Nessa afirmação, em destaque acima, percebemos uma certa ingenuidade no discurso de Lopes, pois, além das dificuldades burocráticas, outro entrave que impossibilitou Djalma Maranhão de iniciar efetivamente a construção do Estádio Municipal Olímpico foi a instauração de um novo regime político no país em 1964, pois com o golpe de 1964 Djalma Maranhão acabou sendo preso e cassado pelo regime militar.⁹⁹ Djalma foi “libertado posteriormente através de um *habeas corpus*. Exilado na Embaixada do Uruguai foi morar neste país, onde faleceu de tristeza, em Montevidéu a 30 de julho de 1971[...]”¹⁰⁰.

2.2 O Castelão: espaço para jogos internacionais e nacionais

Como mencionamos anteriormente, da elaboração do projeto Estádio Olímpico Municipal à inauguração do Estádio Presidente Castelo Branco, decorreram-se quase dez anos. Durante essa quase uma década, a construção do referido estádio atravessou cinco mandatos municipais de Natal, os de Djalma Maranhão, Agnelo Alves, Ernani da Silveira, Ubiratan Galvão e Jorge Ivan Cascudo Rodrigues. Por isso, podemos afirmar que as gestões dos referidos prefeitos estiveram de alguma maneira ligadas à construção daquele estádio e que essa rotatividade de gestores municipais, existente em tão curto espaço de tempo, sugere o quanto era instável a situação política natalense a partir de 1964 e durante os anos 1970.

Essa instabilidade política foi fruto da instauração da ditadura militar no Brasil. Esse regime de arbítrio, iniciado com o golpe de 1964 e marcado pela institucionalização da censura, repressão, uso da violência contra opositores, não vai poupar as supostas figuras políticas consideradas como ameaças ao novo regime em todo o país.

No Rio Grande do Norte, Djalma Maranhão (1964) e Agnelo Alves (1969) tiveram seus direitos políticos suspensos e seus mandatos cassados. Essa onda de cassações acabou impedindo tais gestores de tocar as obras do estádio como pareciam pretender¹⁰¹. Além disso, Hernani da Silveira, vice de Agnelo Alves, apesar de ter assumido em 1969 após a cassação

⁹⁸ LOPES, op. cit., p. 266.

⁹⁹ Os militares cassaram o prefeito Djalma Maranhão porque o consideravam comunista e, conseqüentemente, uma ameaça à ordem política vigente. A esse respeito cf. MARIZ; SUASSUNA, op. cit.

¹⁰⁰ Ibid., p. 343.

¹⁰¹ A esse respeito cf. LOPES, op. cit.

deste, não teve tempo suficiente nem apoio dos militares para acelerar efetivamente a construção do novo estádio.

Entretanto, apesar de sabermos que Maranhão, Alves e Silveira tiveram papel fundamental na construção do Castelão, nos anos 1970 a imprensa oficial da capital, o jornal *A República*, tratou de obscurecer o papel desses prefeitos, ressaltando o papel dos políticos natalenses ligados ao regime de arbítrio, como os prefeitos Ubiratan Galvão e Jorge Ivan C. Rodrigues e, sobretudo, o governador Cortez Pereira.

O documento a seguir sugere tal obscurecimento.

A história do Castelo Branco, embora para muitos pareça recente, já data de algum tempo, somente tomado maior impulso no Governo do professor Cortez Pereira, através das administrações dos prefeitos Jorge Ivan Cascudo Rodrigues e Ubiratan Galvão. [...].

Para que o “Colosso de Lagoa Nova” se transforme em realidade, o Governo do Estado, na administração do professor Cortez Pereira, participa até agora com recursos da ordem de 4 milhões e 100 mil cruzeiros, através do Banco de Desenvolvimento do Rio grande do Norte¹⁰².

Apesar de mencionar que a história do Castelão é antiga, o jornal oficial não menciona os nomes de Agnelo Alves, Djalma Maranhão e Ernani da Silveira, ressaltando os políticos que representavam a ditadura no estado e os investimentos de Cortez Pereira no estádio. Mas por que os nomes desses prefeitos não foram mencionados? Porque não interessavam à legitimação do regime implantado pelos militares.

Quando o Castelão foi inaugurado, em 1972, o Brasil vivia os anos de chumbo da ditadura militar, auge da repressão, violência, vigência do Ato Institucional N°5, AI-5¹⁰³, e da implantação de políticas legitimadoras do regime, políticas baseadas em propagandas. Era o governo do geral-presidente Emílio Garrastazu Médici, um típico representante da linha dura¹⁰⁴ dos militares.

¹⁰² *A República*, Natal, 19 mar. 1972, p. 7.

¹⁰³ Documento responsável pela “implantação acabada do totalitarismo estatal” e “a ditadura sem qualquer disfarce”, pois ao contrário dos Atos anteriores, o AI-5 não vinha com vigência de prazo dava totais poderes ao presidente, elevava a censura e repressão e tentava impossibilitar qualquer tipo de oposição. A esse respeito cf. BARROS, Edgar Luiz de. **Os governos militares**. São Paulo: Contexto, 1991.

¹⁰⁴ Em geral, os historiadores costumam dividir os militares que comandavam a política nacional durante a ditadura em dois grupos políticos: A ala da linha dura, associada a Garrastazu Médici e Costa e Silva, e a ala mais moderada, ligada a Castelo Branco. A esse respeito cf. SMITH, Anne-Marie. **Um acordo forçado**: o consentimento da imprensa à censura no Brasil. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2000. p. 41.

Ao chegar à presidência, percebendo o crescimento das manifestações populares contra a ditadura¹⁰⁵, o presidente Médici procurou desenvolver uma política legitimadora do regime militar. Essa política se baseava na elaboração de propagandas nacionalistas¹⁰⁶, nas quais a seleção brasileira tinha uma posição de destaque.

Acerca da referida época, Hilário Franco Júnior afirma:

A Copa do Mundo de 1970 demarcou a história do futebol graças aos lançamentos de Gerson, aos chutes de Rivelino, à inteligência tática de Tostão, às arrancadas e o faro de gol do artilheiro Jairzinho, aos gols e quase gols de Pelé, ao ritmo ruidoso de um futebol elevado à categoria de arte, ainda que proveniente de um país rebaixado à condição de ditadura militar. Tudo difundido pela televisão em transmissões ao vivo (inclusive ao Brasil) e pela primeira vez em cores (mas ainda não para o país campeão) fazendo com que, a partir de então, gestos, dribles, comemorações, feições e expressões de jogadores passassem a ser espetáculo mundial imortalizado, reproduzido e idolatrado em escala nunca vista. Pelé foi ainda definitivamente ungido como o rei do futebol, o atleta daquele século¹⁰⁷.

O texto acima demonstra que, no Brasil do início dos anos 1970, a ditadura militar e uma seleção de futebol brilhante coexistiram. Mas esses elementos não vão apenas coexistir, pois o presidente Garrastazu Médici percebeu na seleção brasileira de futebol, ou melhor, no sucesso desse selecionado, uma oportunidade de legitimar o regime militar. Assim, a seleção foi “blindada”, recebendo cuidados especiais do regime, como investimentos em recursos, prêmios, dentre outros¹⁰⁸.

O general Médici, portanto, buscou legitimar a ditadura associando-a a dois elementos: às conquistas da seleção brasileira de futebol (como a da Copa do México de 1970) e ao contexto político-econômico do país, representado pelo desenvolvimento econômico atingido pelo Brasil com a ditadura militar.

¹⁰⁵ Desde a decretação do AI-5, no governo de Costa e Silva, que o número de manifestações contra o regime militar cresceu.

¹⁰⁶ Através da Assessoria Especial de Relações Públicas (AERP), o regime elaborava e difundia propagandas governamentais que divulgavam ideais de identidade e de participação nacional. As propagandas visavam estimular a popularidade do presidente Médici e promover os feitos do regime militar. A esse respeito cf. CHAGAS, Livia dos Santos. **Brasil, modelo 70: futebol e política** na revista *Veja* em 1970. In: Encontro Nacional de História da Mídia: mídia alternativa e alternativas midiáticas, 7., 2009. Fortaleza. Anais... Fortaleza, 2009. Disponível em: <<http://paginas.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/7o-encontro-2009-1/Brasil-%20modelo%2070.pdf>>. Acesso em: 20 set. 2009.

¹⁰⁷ FRANCO JÚNIOR, op. cit., p. 143.

¹⁰⁸ Blindada porque, além de receber uma atenção especial (recursos), segundo Correia Júnior, os militares pressionaram a CBD para que João Saldanha fosse despedido do comando da seleção por ele ter criticado o Presidente da República. A esse respeito cf. CORREA JÚNIOR, Raphael de Araújo. **No país do futebol: as implicações do avanço do capitalismo no Brasil e sua influência no esporte mais popular do planeta**. 2008. Monografia (Graduação em Serviço Social) - UFRJ, Rio de Janeiro.

Nesse sentido, os militares construíram e propagaram discursos demonstrando que o sucesso da seleção brasileira (representada pela geração de Pelé, Gérson, Rivelino, Tostão, dentre outros) era consequência da chegada dos militares no poder e do “milagre econômico brasileiro”. Por isso, foi fundamental para elaboração desses discursos que o Brasil conquistasse a Copa do Mundo do México (1970), o que acabou se concretizando. Assim, enquanto o país vibrava com as vitórias da seleção brasileira de futebol, prisioneiros políticos eram covardemente torturados pela ditadura militar.

A partir daí, o projeto de legitimação do regime diante da sociedade brasileira começou a entrar em curso, “o que, aliás, já estava em curso graças aos resultados positivos do chamado ‘milagre econômico’, quando o país chegou a crescer até 13% ao ano [...]”¹⁰⁹.

Mas o que, de fato, foi o “milagre econômico”? Em linhas gerais, podemos dizer que esse milagre brasileiro foi um período de crescimento econômico (1969-1973) transformado em “milagre” pela propaganda do governo Médici. Na época, a economia brasileira, comandada pelo então ministro da fazenda Delfim Netto, crescera, apresentando números expressivos. Segundo o economista Paul Singer, a política econômica de Delfim Netto tinha os seguintes pontos:

[...] abertura da economia ao exterior, mediante estímulos às exportações e ampla importação de capital, tanto sob a forma de investimento como o de empréstimos, expansão do crédito ao consumidor; estímulo à poupança interna mediante a correção monetária das taxas de juros, política salarial e trabalhista capaz de proporcionar às empresas mão-de-obra barata, abundante e bem disciplinada [...] ¹¹⁰.

Esse crescimento econômico do Brasil, entretanto, mostrou-se artificial, pois se baseava na abertura de mercado nacional e na aquisição de empréstimos junto a organismos financeiros internacionais, como o Fundo Monetário Internacional (FMI).

O documento em destaque abaixo, texto do jornal *A Tribuna do Norte*, demonstra a postura do Ministro Netto em relação à participação dos capitais internacionais no modelo de desenvolvimento econômico adotado pelo país na época.

¹⁰⁹ CORREA JUNIOR, op. cit., p.46.

¹¹⁰ SINGER, Paul. **A crise do “milagre”**. 4. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981. p. 163-164.

Delfim diz que ajuda externa ainda é necessária ao Brasil

O Ministro da Fazenda, Sr. Delfim Netto, afirmou que "seria um absurdo, justamente porque o país está fazendo um grande esforço interno, impedir que se receba auxílio externo nas melhores condições". Ele rebateu declarações de técnicos da Agência Internacional de Desenvolvimento (AID) de que o Brasil não mais necessita de ajuda dos Estados Unidos.

A declaração foi feita durante a visita do Presidente Médici às obras do novo Aeroporto Internacional do Rio (Noticiário na pág. 3). Isso — acrescentou — foi um problema de julgamento da AID: o Brasil é um país que não merece deixar de receber apoio dos organismos internacionais, principalmente daqueles que oferecem recursos a prazos mais longos e a taxas de juros mais baixas.

VISÃO CAOLHA

— Eu creio que isso é uma visão um pouco caolha de como se realizará o desenvolvimento no mundo. Um país como o Brasil, que está investindo quase 22% do seu Produto Interno Bruto (sendo 20% ou um pouco mais do que isso financiados por suas próprias poupanças internas), merece um apoio bastante grande das organizações internacionais.

— Apoio, aliás, que temos recebido e que estou certo — continuaremos a receber porque atente não só aos interesses dos países em via de desenvolvimento, como é o nosso caso, como também dos países desenvolvidos — acrescentou o Sr. Delfim Netto.

— E um equívoco — frisou — pensar que o financiamento a um país como o Brasil representa um benefício apenas para este último. Não, representa um benefício para todo o mundo porque amplia a economia brasileira, amplia o volume de comércio e amplia, portanto, o nível de produção e produtividade do mundo todo.

INFLAÇÃO E CARNE

Referindo-se aos resultados da política anti-inflacionária, disse o Ministro que os resultados de julho — que ainda não os tem — vão mostrar que "continuamos sendo bastante facieis na previsão da taxa de 12% estabelecida para o corrente ano".

— Acredito que deveremos ter uma inflação muito próxima dos 12%.

Sobre a carne, disse que não há nenhuma alteração política:

— Ela continua a ser a mesma que vem sendo executada até agora, com as mesmas dificuldades e a mesma compreensão que temos tido até hoje. O problema da carne não é um problema nacional. É um problema mundial. A decisão do Presidente da República continua inabrevável: o consumidor interno tem que ter prioridade sobre o consumo externo. Temos estoques suficientes para enfrentar a entressafra.

Figura 12 - Reportagem do jornal *A República* sobre a política econômica do ministro Delfim Netto, ministro do governo Médici.

Fonte: *A Tribuna do Norte*, 9 ago. 1973.

Aquilo que Delfim chama de ajuda externa, no documento acima, corresponde à aquisição de empréstimos pelo Brasil no exterior. Serão esses empréstimos que sustentarão esse desenvolvimento artificial chamado de “milagre” e que, posteriormente, contribuirão com o crescimento da dívida externa do Brasil e, conseqüentemente, com a nossa dependência econômica em relação ao exterior. Em outras palavras, tudo era válido para desenvolver o país e legitimar o regime.

Essa legitimação do regime, por sua vez, estava fundada naquilo que Carlos Fico chama de “utopia autoritária”. Segundo Carlos Fico, “a mencionada utopia assentava-se na crença da superioridade militar sobre os civis, vistos, regra geral, como despreparados, manipuláveis, impatrióticos e — sobretudo os políticos civis — venais”¹¹¹.

Assim, buscando se legitimar no poder, os militares tentam construir por meio de propagandas a ideia de que, com a ditadura, o país estava se desenvolvendo em todos os níveis. Acerca dos objetivos da propaganda militar e da estruturação dessas, Chagas afirma (2009):

¹¹¹ FICO, Carlos. **Reinventando o otimismo: ditadura, propaganda e imaginário social no Brasil**. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getúlio Vargas, 1997. p. 11.

Tendo como base o controle dos meios de comunicação através da censura e propaganda a estrutura de comunicação do regime tentou institucionalizar um discurso, que tentavam estabelecer a dominação cultural, ideológica e do comportamento da população. Esse discurso pretendia produzir significações relativas à unidade nacional, ao nacionalismo, ao patriotismo. Esses sentimentos, divulgado também pela mídia do período, tinha suas bases, especialmente no grande crescimento econômico, obtido com o *milagre econômico*¹¹².

Esse fragmento textual, além de destacar que os veículos de comunicação brasileiros, como jornais impressos, programas de televisão e de rádio, revistas, dentre outros, eram controlados pela ditadura militar, fortalece a ideia de que o “milagre econômico” teve papel fundamental nessas. Mas, como mencionamos anteriormente, também fazia parte da estratégia propagandista dos militares se apropriar das conquistas da seleção brasileira de futebol da época, como a conquista da Copa de 1970.

Devido à estratégia dos militares, os “cartazes das propagandas do regime confundiam-se com o sucesso do selecionado nacional tricampeão mundial. Na Semana da Pátria o slogan era ‘Ninguém mais segura esse país’”¹¹³. A expressão sugeria que, nos níveis econômico e futebolístico, ninguém era igual ao Brasil.

A relação entre o presidente Médici e a seleção tornou-se tão estreita que o chefe do executivo nacional fazia questão de ser filmado e fotografado com a Taça Jules Rimet - maior símbolo do sucesso do nosso futebol na época - e ao lado dos jogadores que venceram a Copa do Mundo de 1970, no México. As fotografias a seguir, produzidas em 1970, logo após o retorno da seleção brasileira ao Brasil, evidenciam tal aproximação.

¹¹² CHAGAS, op. cit., p. 4.

¹¹³ CORREA JUNIOR, op. cit., p.47.



Figura 13 - Em Brasília, o general Médici recebe a seleção brasileira campeã de 1970.

Fonte: Arquivo Público do Estado de SP.



Figura 14 - O presidente Médici cumprimenta os jogadores da seleção brasileira de 1970, em Brasília.

Fonte: Disponível em:
<http://portaldoprofessor.mec.gov.br/storage/discovirtual/galerias/imagem/0000003194/md.0000035798.jpg&imgrefurl=>>.
Acesso em: 4 jun. 2010.



Figura 15 - Garrastazu Médici exhibe a Taça Jules Rimet ao lado do capitão da seleção de 1970, Carlos Alberto Torres.

Fonte: <<http://carmattos.files.wordpress.com/2010/02/invictus-duplo.jpg&imgrefurl=>>. Acesso em: 04 de jun. de 2010.

Essas fontes evidenciam o papel das fotografias no processo de apropriação do futebol brasileiro pelo presidente Médici: constituir, por meio de imagens que aproximam o presidente militar, a Taça Jules Rimet (símbolo do sucesso nacional) e os craques brasileiros vitoriosos no México: uma espécie de unicidade entre o regime vigente e o sucesso do selecionado brasileiro de futebol.

O presidente Médici pretendia, através de práticas como essas, promover a seleção brasileira, a si próprio e, conseqüentemente, o regime militar. Assim, o discurso oficial era materializado em imagens que transformavam o presidente (representante do regime) em um dos principais atores das conquistas futebolísticas brasileiras da época.

O que estava em jogo para a ditadura, portanto, era a construção de um patriotismo fundado em um esporte, o futebol. Na identificação do brasileiro com a seleção e, conseqüentemente, com o regime vigente.

O futebol teria essa importância para os militares por ter um grande poder de integrar os indivíduos. Isso porque, como afirmam Eric Hobsbawm e Ranger, “o esporte[...], por muitas vezes ao longo da história se estabeleceu como fator de demarcação social, como mecanismo de reunião de pessoas de *status* social equivalente”. A “a ascensão do esporte

proporcionou novas expressões de nacionalismo através da escolha ou invenção de esportes nacionalmente específicos”¹¹⁴.

Nos anos 1970, a ideia de que o futebol brasileiro é singular, único, ganha força significativamente, sendo convertido a futebol arte. Essa conversão foi uma construção, ou seja, um processo constituído não só pelas belas exibições dos jogadores brasileiros da época, mas também pelas imagens e discursos construídos sobre o nosso futebol.

Os responsáveis pela confecção dessas imagens e discursos foram os órgãos de imprensa, jornais e revistas vinculados aos militares. Isso ocorreu porque, ao apoiarem a ditadura militar naquele momento, alguns jornalistas e donos de jornais “[...] tornaram-se tanto agentes como ‘vítimas’ dessa autocensura. [...] Assim, “[...] permanecer no palco das decisões era mais importante que a busca e a publicação da verdade”¹¹⁵.

Assim, a imprensa foi perdendo, pouco a pouco, sua autonomia frente ao regime instaurado.

A Revista *Veja*¹¹⁶, por exemplo, foi censurada após publicar em dezembro de 1969 uma capa composta por um desenho de câmaras de tortura medievais, possivelmente, alusivas ao regime militar e uma reportagem sobre a censura e a morte de um militante político opositor do regime, preso e torturado até a morte¹¹⁷.

A partir desse episódio, como afirma Ronaldo Alves, a *Veja* adotou uma postura colaboracionista com o regime, passando a publicar

[...] reportagens alusivas ao governo e suas realizações, enaltecimento de feitos, conquistas e efemérides passaram a ter mais espaço que as sérias questões políticas e econômicas que, apesar do Milagre, assolavam a sociedade brasileira. Os princípios de ordem, legalidade, nacionalismo, patriotismo e de legitimidade do governo também ganhavam vulto dentro da Revista. [...] Com essa nova roupagem, a revista começou a fazer ampla cobertura dos ‘feitos’ da nação¹¹⁸.

¹¹⁴ HOBBSAWM, Eric; TERENCE, Ranger. **A invenção das tradições**. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997. p. 307-309.

¹¹⁵ KUSHNIR, Beatriz. **Cães de guarda: jornalistas e censores, do AI-5 à Constituição de 1988**. São Paulo: Ed. Boitempo, 2004. p.52.

¹¹⁶ A *Veja*, revista semanal de informações foi criada pela Editora Abril, em 1968, momento de grandes agitações políticas e sociais no Brasil e no mundo. (<<http://veja.abril.com.br/historia/index.shtml>>. Acesso em: 12 out. 2010).

¹¹⁷ Essa publicação censurada foi a edição número 66 da revista *Veja*, de 10 dez. 1969.

¹¹⁸ ALVES, Ronaldo Sávio Paes. **Legitimação, publicidade e dominação ideológica no Governo Médici (1969/1974)**. 2001. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2001. p. 117.

O fragmento acima sugere que a *Veja* ajudou no processo de apropriação do futebol pelos militares, pois confeccionava reportagens que destacavam os feitos do regime vigente. Algumas edições da revista na década de 1970 apresentavam discursos que pareciam querer promover a identificação do povo com o futebol, ou melhor, com a seleção brasileira da época. A edição 93 da *Veja* afirmava que “[...] Quase todo brasileiro já deu seu chute – e dos milhões de chutes nasceu Pelé. E o povo brasileiro reconhece a sua imagem na Seleção, fruto de grandes e pequenas dores e de um imenso amor à arte [...]”¹¹⁹.

Nessa reportagem há uma construção discursiva que visa constituir a unicidade entre o povo e a seleção brasileira, a partir de da elaboração de uma imagem simbiótica do brasileiro com o rei do futebol e do brasileiro com nosso selecionado.

Segundo tal imagem, o povo é Pelé, o povo é a seleção. Assim, se a seleção brasileira tem êxito, o povo também tem. Isso ocorre porque o esporte desenvolve um ritual que reforça o comportamento nacionalista, a partir do qual as injustiças sociais podem ser compensadas por uma identificação com a nação no contexto do confronto esportivo internacional¹²⁰.

A imagem de Médici também foi muito trabalhada pela imprensa vinculada aos militares. A propaganda da ditadura teve o cuidado de construir uma imagem benéfica do presidente Médici e regime vigente. A ideia era realizar uma construção imagética de ambos os elementos a partir de propagandas que não possuísem um caráter personalista, pois os militares temiam a repulsa popular a esse tipo de propaganda. Nesse sentido, a imagem de Médici foi constituída de modo a aproximá-lo do povo brasileiro. Por isso, os textos presentes nas propagandas do regime associavam os gostos do general-presidente aos gostos e costumes populares, como o futebol¹²¹.

A edição número 87 da revista *Veja* apresenta um discurso do presidente Médici que sugere essa tentativa de aproximar os gostos do presidente aos gostos populares.

Tenho muita confiança na Seleção [...] Quem fala assim é o torcedor Emílio Garrastazu Médici, que, por ser também presidente da República, pôde oferecer um almoço aos jogadores da Seleção[...] Como bom entendedor, o presidente dirigiu-se a cada um dos jogadores de forma especial: saudou a “canhotinha” do Gérson, manifestou esperança nos gols de Dario,

¹¹⁹ Festividade e conflito. *Veja*, n. 93, p. 56. 17 jun. 1970. In: CHAGAS, op. cit..

¹²⁰ A esse respeito cf. BRACHT, V. **Sociologia crítica do esporte**: uma introdução. 3. ed. Injuí: Ed. Unijuí, 2005.

¹²¹ O Presidente: a fé do torcedor. *Veja*, n. 87, p. 20, 6 maio 1970. In: Ibid., p. 8.

perguntou pelo olho de Tostão e dispensou apresentação a Pelé (“Este já conheço muito”)[...]”¹²².

Esse discurso de Médici sugere a importância que o futebol teve para esse processo de constituição da aproximação do chefe de estado com a população. Isso porque “ a enunciação desses discursos produz uma significação do presidente como antes de tudo, um brasileiro como outro qualquer, um torcedor de futebol como todos os outros[...]”¹²³.

A televisão, que na época tornara-se mais popular que nos anos 1960 no país¹²⁴, desempenhou um papel fundamental para o projeto da ditadura militar. A televisão vai contribuir com a propagação dos discursos do regime e, sobretudo, com os feitos da seleção brasileira. No Brasil, esse veículo de comunicação vai contribuir com a espetacularização do futebol nacional. E o espetáculo futebol vai penetrar no interior dos lares brasileiros.

Essa penetração, por sua vez, vai contribuir com a popularização do referido esporte no país. A popularização desse esporte foi fruto de sua aliança com o espetáculo, no estádio, no rádio e, recentemente, na televisão. Para a construção do espetáculo, os profissionais da comunicação e a televisão contribuíram decisivamente e são os grandes responsáveis pela popularização do esporte mencionado¹²⁵.

E no Rio Grande do Norte? De que maneira a ditadura se apropriou do futebol natalense? Essa apropriação ocorreu em diversas ocasiões e existem algumas evidências de tal prática, as quais demonstram que ela foi realizada pelos políticos que representavam os militares no estado, principalmente por Cortez Pereira e prefeitos indicados por ele.

Nesse sentido, é preciso entender, basicamente, os seguintes exemplos de apropriação do futebol pelos militares, através do governador Cortez Pereira: investimentos do Governo do Estado na construção e inauguração do Estádio Presidente Castelo Branco, as

¹²² CHAGAS, op. cit., p.8.

¹²³ Ibid.

¹²⁴ No Brasil, a televisão chegou ainda na década de 1950. Em 1954, ocorreu a primeira transmissão televisiva de Copa do Mundo para o Brasil, entretanto não era ao vivo. A Copa de 1970, realizada no México, foi a primeira copa transmitida ao vivo para o Brasil. A partir daí, a televisão vai desempenhar um papel fundamental para a espetacularização do futebol brasileiro porque trouxe para o interior dos lares do país diversos lances das partidas de futebol, a cores e ao vivo. A esse respeito cf. ESCHER, Thiago Aragão. **O Futebol (tel)espetáculo como lazer: um exame sobre as manifestações do futebol brasileiro**. 2007. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007.

¹²⁵ A esse respeito cf. LOVISOLO, Hugo. Saudoso futebol, futebol querido: a ideologia da denúncia. In: HELAL, Ronaldo, SOARES, Antônio.Jorge; LOVISOLO, H. **A invenção do país do futebol: mídia, raça e idolatria**. Rio de Janeiro: Ed. Mauad, 2001.

políticas estaduais de incentivo aos clubes natalenses e a relação do governador Pereira com o ABC.

Em junho de 1972, o “Colosso de Lagoa Nova” estava pronto e, finalmente, poderia ser inaugurado. Para essa inauguração a Prefeitura de Natal, o Governo do Estado, a Federação de Esportes de Natal e a Federação De Natal de Desportos organizaram uma programação especial que teria como atrações principais a promoção de duas partidas de futebol, no dia 4 de junho de 1972. Seriam dois amistosos: ABC e América, partida preliminar, e Seleção Olímpica do Brasil e Clube de Regatas Vasco da Gama - Rio de Janeiro -, jogo principal.

A cidade se preparava e respirava os ares do grande acontecimento que marcaria definitivamente a história do futebol de Natal. O matutino *A República* também respirara tais ares. Assim, naquele dia, o referido jornal dedicara-se quase que exclusivamente àquele acontecimento, apresentando matérias e notícias sobre os preparativos da festa de abertura e das expectativas das autoridades políticas locais e de quem vivenciava o futebol na capital.

Observe o título da matéria da primeira página do jornal em destaque a seguir.



Figura 16 – Edição do jornal *A República* dedicada à inauguração do Estádio Castelão.

Fonte: *A República*, Natal, 4 jun. 1972

O título da referida matéria, publicada em primeira página, sugere a importância atribuída ao acontecimento em destaque para a imprensa local. As autoridades e torcedores de Natal também consideravam a inauguração do Castelão um grande acontecimento esportivo da história do Rio Grande do Norte.

Alguns textos publicados nessa mesma edição do *A República* demonstram a expectativa das autoridades quanto ao público dos jogos de abertura. A esse respeito *A República* publicara:

[...] Não existe, da parte dos que administrarão o Estádio Marechal Castello Branco a menor dúvida de que, por ocasião dos dois grandes clássicos de hoje, será esgotada a lotação da majestosa praça de esportes. Caucula-se que os 50 mil lugares do estádio serão totalmente tomados pela massa humana, uma vez que muito mais de a metade das entradas já foram adquiridas [...] ¹²⁶.

A inauguração era vista como histórica porque o Estádio Castelão era, de fato, adorado pela população devido a sua grandeza e beleza. Por isso, muita gente que acompanhava o futebol natalense não queria perder a festa de inauguração do estádio, programada para 4 de junho de 1972.

O documento a seguir, referente a uma enquete popular realizada pelo *A República* e publicada no dia do grande acontecimento, demonstra um pouco a ânsia da população por participar do espetáculo que inauguraria o referido estádio.

Severino Dias, “Gasolina” (garçom do Bar dia e Noite): “Já vi o estádio, e achei bacana. Qualquer dia desse, que tiver uma folga, vou assistir uma partida . Me disseram que vai dar muita gente hoje. Se não tivesse trabalhando hoje, estaria lá. É um apena”.

[...] Aluísio Barros (vigário da paróquia de Morro Branco): “Apesar de gostar de futebol nunca fui a campo. Acredito que com este belo estádio, estarei lá, apenas por curiosidade” ¹²⁷.

Pensando na grande presença da população na inauguração do Estádio Castelão, a Divisão Administrativa da Federação Natalense de Esportes tratou de distribuir, antecipadamente, pela cidade alguns pontos para a venda de ingressos para o espetáculo. Nos

¹²⁶ *A República*, Natal, 4 jun. 1972, p.1.

¹²⁷ *A República*, Natal, 4 jun. 1972, p.8.

dias 1, 2 e 3 de junho as entradas seriam vendidas no Palácio dos Esportes, Confeitaria Cirne e Edifício Leopoldo. E no dia da abertura, somente na bilheteria do estádio, isso a partir das 8 horas da manhã.

Essa preocupação da FENAT em distribuir pontos para a venda de ingressos estava direcionada aos torcedores da capital e do interior, pois muita gente viria do interior para participar do espetáculo, seja assistindo à abertura e jogos ou trabalhando nas mediações do estádio, especialmente na área do comércio.

Assim, as autoridades locais desenvolveram um esquema de trânsito para evitar congestionamentos nas avenidas que levavam os torcedores ao estádio. Essa preocupação existia porque as autoridades esperavam, inclusive, caravanas de torcedores vindas do interior, algo que não era comum na época, segundo os jornais.

Pensando nisso, a Diretoria de Divisão de Controle de Trânsito do Departamento de Trânsito do Rio Grande do Norte (DETRAN/RN), chefiada por Arcyrio Trigueiro (coronel da Polícia Militar), determinou que o acesso ao Castelão fosse pela Avenida Salgado Filho, tanto para quem viesse de áreas da capital quanto do interior.

A área de estacionamento do estádio foi dividida em cinco setores: B1, B2, B3, B4 e B5. As vagas seriam preenchidas por ordem de chegada, ou seja, os primeiros veículos a chegarem estacionariam no setor B1, os que chegassem em seguida no B2, e assim sucessivamente. Para saída do estádio, os veículos do B1 e B5 sairiam pela Lima e Silva. E os carros estacionados nos setores B2, B3 e B4 sairiam pela Prudente de Moraes. Os passageiros, que viriam de ônibus ou táxis desceriam em um ponto único, localizado na Lima e Silva, já próximo ao Castelão.

A entrada dos torcedores no estádio também foi organizada. O portão 4 daria acesso às gerais, os portões 1, 2, 3, 5, 12 e 13 dariam acesso às arquibancadas. Já os portões 6 e 8 dariam acesso às cadeiras cativas e numeradas e o portão 7 seria exclusivo para a entrada das autoridades. Tudo foi milimetricamente planejado.

E, assim, no dia de 4 de junho tudo estava pronto. Às 12 horas, como tinha sido planejado, os portões do estádio foram abertos ao público. Pouco a pouco, os torcedores começaram a chegar.

A fonte a seguir, fotografia do Estádio Castelão, produzida no dia da inauguração desse espaço, publicada no *A Tribuna do Norte*, em 06 de junho de 1972.

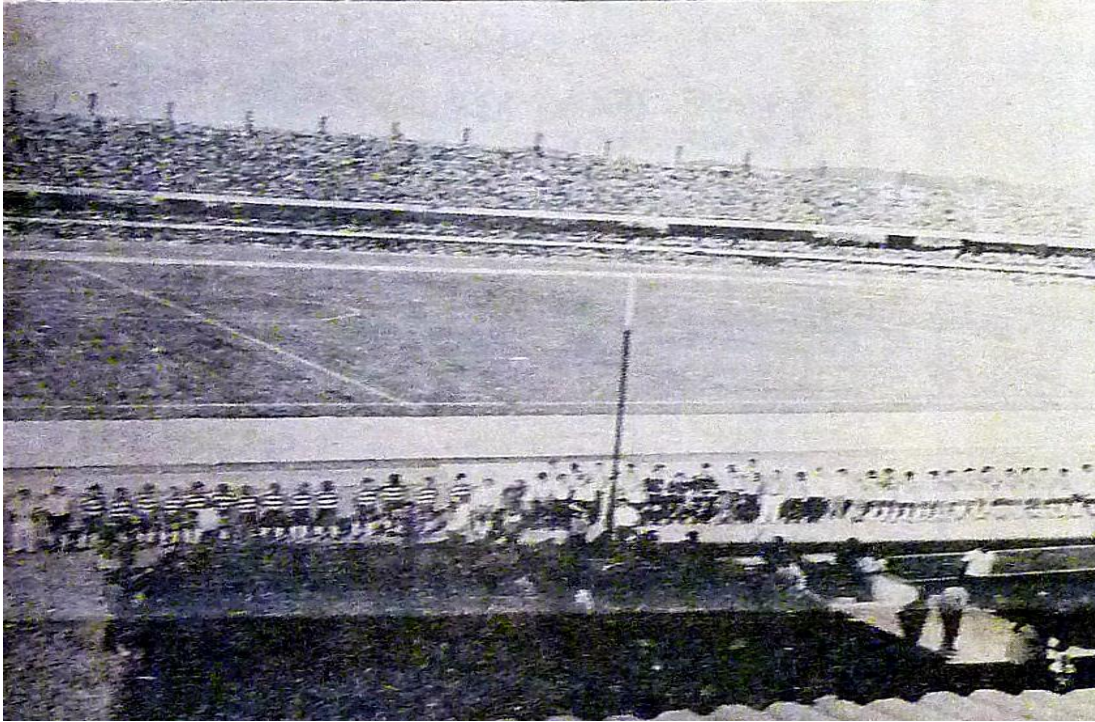


Figura 17 – Fotografia interna do Estádio Castelão produzida no dia 4 de junho de 1972, dia da inauguração desse espaço.

A fotografia em destaque sugere a maciça presença do público na inauguração do Estádio Castelão. Isso é perceptível quando observamos ao fundo desta, nas arquibancadas, o número significativo de torcedores que compareceram a essa inauguração. O público pagante foi de 32.860 mil pessoas, gerando uma renda de Cr\$ 166. 476 mil, cento e sessenta e seis mil, quatrocentos e setenta e seis cruzeiros¹²⁸.

Às 15 horas começaram as solenidades de abertura no estádio. Durante tais solenidades, demonstrações de patriotismo não faltaram. Essas solenidades são importantes porque, observando-as, Segundo Da Matta:

[...] temos a oportunidade clara e concreta de passar de um código ideológico para um código visual, auditivo, tátil, corporal, e de odores, totalizando a própria experiência humana. Daí a importância de estudar os aspectos simbólicos, ideológicos e ritualísticos do futebol, tal como esse esporte é praticado no Brasil [...] ¹²⁹.

¹²⁸ *A Tribuna do Norte*, Natal, 6 jun. 1972, p.4.

¹²⁹ Da Matta, op. cit., p.14.

Um dos primeiros rituais patrióticos foi o hasteamento de bandeiras. Assim, o governador Cortez Pereira hasteou a bandeira nacional, o prefeito Jorge Ivan C. Rodrigues a do Rio Grande do Norte e Humberto Nesi (presidente da FENAT) a da cidade do Natal. Em seguida as autoridades entregaram simbolicamente a obra ao povo.

Outra prática patriótica foi a execução de duas canções: o Hino Nacional Brasileiro e o “Pra Frente Brasil”, essa última canção, inclusive, tornou-se símbolo da seleção brasileira de 1970, das conquistas dessa e do ufanismo do regime militar brasileiro. O Castelão foi inaugurado oficialmente, então.

A primeira partida, ABC x América, começou às 15 horas e 30 minutos. Foi a primeira vez que a bola rolou no gramado do Estádio Castelão. As equipes que inauguraram o Castelão contavam com diversos craques e que até hoje são lembrados pelos torcedores natalenses mais velhos. Alberi foi um desses que se imortalizaram durante a década de 1970¹³⁰.

A partida foi bastante disputada e terminou 1 a 0 para a equipe do ABC. O gol foi marcado por Jailson, primeiro gol no Castelão. No segundo jogo do dia, a Seleção Olímpica do Brasil enfrentou o Vasco da Gama e o resultado da partida foi 0 a 0. Diferente da primeira partida, nessa não houve muita rivalidade.

Pesquisando os jornais da época, pudemos constatar que, de fato, as expectativas para a inauguração do estádio foram superadas e que aquele era o início de uma grande fase do futebol de Natal, fase esta marcada pela intromissão de políticos potiguares nos assuntos relativos ao nosso futebol.

Sem sombra de dúvida, o político norte-rio-grandense que mais levou a sério o projeto de apropriação do futebol pela ditadura militar do Brasil foi o governador Cortez Pereira. Pois, assim como o presidente Garrastazu Médici, Cortez Pereira vai tentar construir discursos que tentavam engrandecer o futebol natalense.

Ao chegar ao poder, Pereira deu diversos exemplos de como no nosso país a relação entre política e futebol pode ser estreita, pois além de possibilitar o encerramento das obras do Estádio Castelão, o referido governador adotou políticas de incentivo econômico ao futebol e buscou manter relações muito próximas dos clubes potiguares.

¹³⁰ Do lado do ABC: Erivan, Preta, Edson, Josemar e Anchieta, Willian, Gonzaga (substituído por Bill), Elias (substituído por Zé Maria), Jailson, Alberi e Soares (substituído por Osmar). Representando o América: Juca, Pimentel, Cláudio, Djalma, Duda, Amaro (substituído por Osmar), Nunes, Carlos Alberto, Bagadão, Washigton, Gonzaga (substituído por Petinha) e Chiquinho. A esse respeito cf. *A Tribuna do Norte*, Natal, 6 jun. 1972, p.4.

O governador Cortez Pereira, através de pronunciamento no dia 14 de março de 1972 afirmou que:

[...] não terá sentido se ter gasto tanto na construção do estádio se não tivermos condições de soerguer o futebol e torna-lo grande. Na tentativa de encontrar um meio de ajudar os nossos times a saírem do permanente estado de crise, vamos, em conjunto com as entidades que dirigem o futebol e com os diretores dos clubes esportivos, planejar e executar um programa de apoio às equipes, e motivar o nosso público para a frequência aos jogos [...]¹³¹.

A referida fala de Cortez foi produzida antes da inauguração do Castelão, mas mesmo após a inauguração do referido estádio, essa ideia de que o futebol natalense estava em crise vai continuar sendo propagada pelos discursos do governador. Tais discursos tinham como objetivo criar uma ideia de que o Governo do Estado estava se esforçando para salvar e desenvolver o futebol de Natal.

A partir da inauguração do Estádio Castelo Branco, o governador Cortez Pereira, buscando legitimar suas ações e o novo regime, adotou políticas de incentivo ao futebol da capital e procurou noticiar suas realizações no veículo de comunicação oficial do governo estadual, o jornal *A República*.

Assim, no mesmo mês de inauguração do Castelão, o Governo do Estado criou o Fundo Estadual de Esportes do Rio Grande do Norte (FERN), fundo este que direcionava recursos para desenvolver o futebol de Natal. O FERN, segundo o próprio Cortez Pereira, tinha como objetivo “transformar o nosso desporto em um dos maiores do Brasil”¹³².

A criação do referido fundo demonstra a integração do Rio Grande do Norte no projeto de apropriação do futebol pela ditadura militar, como é perceptível nas entrelinhas do documento a seguir.

[...] A mensagem governamental criando o fundo Estadual de Esportes do Rio Grande do Norte assinala, mais uma vez e sob um ângulo fundamental, a presença do Estado no setor desportivo, estimulando, ajudando, auxiliando e financiando as atividades vitais do esporte. Aliás, esta tem sido uma das constantes preocupações do Governador Cortez Pereira, colocando a administração pública como instrumento propulsor das atividades esportivas.

Esse comportamento do governo Estadual sintoniza com o espírito e a ação do governo federal, mormente no ano do Sesquicentenário da Independência do nacional, quando a administração central enfatiza a

¹³¹ *A República*, Natal, 14 mar. 1972, p. 8.

¹³² *A República*, Natal, 10 jun. 1972, p. 7.

prática dos esportes e patrocina a Taça da Independência, num momento em que desperta a atenção mundial para o País. Sente o Presidente Médici – e sua atitude encontra reflexos no comportamento e no pensamento do nosso Governador [...].

O Governo do Estado compreendeu, sentiu e viu as dificuldades que assoberbam o nosso esporte provinciano, cujas entidades sobrevivem a duras penas, e após ouvir os reclamos e apelos dos dirigentes locais e de entidades específicas, decidiu instituir critérios de alta política administrativa que propiciem condições e meios para o desenvolvimento das atividades esportivas¹³³.

Já em relação à disponibilidade de capitais do FERN e as possibilidades de emprego desses pelos clubes da capital, essa mesma edição de *A República* publicava:

Por unanimidade de votos, a Assembléia legislativa aprovou a mensagem governamental que cria o Fundo Estadual de Esportes – FERN, que será sancionado hoje, às 11 horas, na sede provisória do governo do Estado, pelo professor Cortez Pereira [...]

[...] O FERN vem beneficiar o esporte norte-riograndense, contando com o capital inicial de Cr\$ 100.000.00 (cem mil cruzeiros), doado pelo Governo do Estado. Vai financiar a vinda de grandes equipes e a contratação de jogadores para reforçar as equipes locais [...] ¹³⁴.

Ao destacar recursos investidos e mencionar as dificuldades do esporte natalense, esses textos do jornal *A República* enaltecem os esforços do governador Cortez Pereira para desenvolver os esportes do Rio Grande do Norte. Nos discursos desses textos, também há o esforço para demonstrar que aquilo que o governador Pereira fazia pelo desporto de Natal estava em sintonia com aquilo que o presidente Garrastazu Médici fazia pelo futebol no âmbito nacional. Portanto, esses discursos, que enaltecem as ações dos governos estadual e federal, evidenciam que o jornal *A República* vai se converter em instrumento de legitimação das ações de Cortez Pereira e do regime militar brasileiro.

Na época, portanto, enquanto o presidente Médici direcionava verbas para a realização da Taça da Independência, Cortez Pereira, logo após inaugurar o Estádio Castelão, buscou direcionar - por meio do FERN - verbas governamentais aos clubes da capital, sobretudo ao ABC, América e Alecrim. Com essas verbas em mãos, os referidos clubes poderiam contratar jogadores, manter seu quadro de funcionários e estruturas materiais, dentre outros.

¹³³ *A República*, Natal, 9 jun. 1972, p.1.

¹³⁴ *A República*, Natal, 9 jun. 1972, p.1.

O repasse de tais verbas do FERN aos clubes da capital vai possibilitar também a vinda de equipes de futebol do sul e sudeste do país a Natal, pois tendo acesso a tais capitais, os clubes locais passaram a contratar, em ocasiões especiais, times do eixo sul-sudeste para a realização de amistosos em solo natalense. O documento a seguir se refere a uma dessas partidas amistosas.

O Internacional de Porto Alegre jogará em nossa cidade no dia 15 de agosto por ocasião do aniversário do Alecrim. A partida foi acertada ontem com o empresário Joaquim Felizardo, representante do Sr. Carlos Mendonça, presidente do Internacional. O clube gaúcho vai receber 25 mil cruzeiros livre de qualquer despesa [...]

[...] Um vasto programa está sendo preparado pelos dirigentes do alviverde, para as comemorações do aniversário do clube. O diretor de esportes, Bastos Santana, está ultimando os preparativos para que a família “perequita” possa, realmente, ter momentos de contentamento nos festejos de aniversário do “verdão”¹³⁵.

Um dos amistosos mais comentados pela imprensa de Natal no ano de 1972 foi uma partida entre Alecrim e Internacional, clube gaúcho. O documento em destaque, além de atestar a realização dessa partida, afirma que ela fez parte das comemorações do quinquagésimo quinto aniversário do alviverde natalense. E a realização de tais comemorações só foi possível graças à existência de recursos estaduais destinados aos clubes locais, pois o Alecrim era, dentre os grandes de Natal, o time mais humilde.

O número de partidas entre clubes de Natal e de outros estados cresceram ainda em 1972, quando o ABC Futebol Clube foi convidado a participar do Campeonato Brasileiro de Futebol. A fotografia a seguir evidencia a realização de um jogo entre ABC e Santos pelo Campeonato Nacional de 1972.

¹³⁵ *A República*, Natal, 15 jun. 1972.



Figura 18 – Pelé e Alberi no Castelão, antes do início da partida entre ABC e Santos pelo Campeonato Brasileiro de 1972.

Fonte: *A Tribuna do Norte*, Natal, 1972. Disponível em:<
<http://colunacarlosmagno.blogspot.com.br/2010/10/pele-e->

O Campeonato Brasileiro de Futebol fora criado em 1971 pela Confederação Brasileira de Desportos para, dentre outros elementos, possibilitar contatos entre os clubes do país que participassem da competição (vinte clubes, naquele ano). Por buscar, a partir do futebol, a integração entre os estados da federação (objetivo da ditadura militar do Brasil), o Campeonato Nacional e a instituição que o criou surgiram como instrumentos do regime instaurado em 1964.

Para possibilitar tal integração, a CBD estabeleceu que os clubes participantes jogariam entre si, ou seja, em todos os estados que colocassem clubes no campeonato - o que demonstra a articulação da CBD com a política de integração nacional imposta pelos militares¹³⁶.

¹³⁶ CORREA JUNIOR, op. cit., p. 47.

Com o passar dos anos, esse campeonato foi se tornando, cada vez mais, um instrumento dos projetos políticos da ditadura. Para percebermos isso basta observar o aumento progressivo da quantidade de clubes participantes na competição. Em 1971, o campeonato contou com 20 clubes; em 1972, com 26; em 1978, com 74 e, em 1979, com 94 clubes. A ideia era convidar clubes de estados onde o partido governista, a Aliança Renovadora Nacional (ARENA), não estava bem para participar da competição¹³⁷.

Atuando no Campeonato Nacional, o ABC Futebol Clube vai realizar diversas partidas oficiais contra diversos clubes do país. E para ajudar o ABC nesse torneio, o Governo do Estado resolveu, por meio do Banco do Rio Grande do Norte (BANDERN), conceder um empréstimo ao referido clube natalense.

Acerca da assinatura do referido contrato de empréstimo ao ABC, *A República* publicou a seguinte fotografia.



Figura 19 – Cortez Pereira assina documento de empréstimo no BANDERN.

Fonte: *A República*, Natal, 19 Ago. 1972, p. 5.

Acompanhando a fotografia em destaque acima, o jornal em destaque publicou o seguinte texto:

Foi assinado ontem ao meio dia – na agência central do Banco do Rio Grande do Norte – o contrato de empréstimo que o ABC tinha solicitado do Governo do Estado e concretizado através do BANDERN, no valor de Cr\$ 55.000.00. [...] O contrato terá seu vencimento no dia 16 de dezembro deste ano, e de acordo com a cláusula estabelecida, deverá se pago

¹³⁷ A esse respeito cf. GUTERMAN, Marcos. **O futebol explica o Brasil: uma história da maior expressão popular do país.** São Paulo: Contexto, 2009.

parceladamente nos dias 30 de setembro, 30 de outubro, 30 de novembro e 16 de dezembro, ficando estabelecido que a FENAT reterá a quantia Cr\$ 3.500.00 de cada partida que o ABC efetuar pelo Campeonato Nacional¹³⁸.

O documento em destaque demonstra que tal empréstimo esteve relacionado à inserção do ABC no Campeonato Nacional, pois – ao ser convidado a participar do Campeonato Brasileiro - esse clube buscou se estruturar economicamente para não fazer feio na competição, e a aquisição de um empréstimo junto ao Estado tornou-se uma solução. Isso porque, tendo recursos em mãos, o alvinegro natalense poderia investir na contratação de jogadores, reforçando seu elenco para enfrentar os clubes da elite do futebol brasileiro, times do sul e sudeste do país.

O documento sugere também a proximidade que havia entre o governador Cortez Pereira e o ABC. Poderíamos, irresponsavelmente, dizer que isso ocorreu por ser o governador Pereira um convicto abecedista. Mas, na verdade, tal aproximação ocorria por ser ela uma prática de legitimação comum entre os representantes da ditadura militar nos estados brasileiros, pois o próprio presidente estimulava essa prática.

Tal prática se manifestou, no Rio Grande do Norte, a partir da quebra dos protocolos oficiais e do rompimento das barreiras entre o chefe do executivo estadual e os dirigentes dos clubes da capital. Isso mesmo, clubes e não só do ABC.

Um episódio que demonstra a existência de proximidade entre o governador e outros clubes de Natal foi a chegada de Sílvio Tavares à presidência do Alecrim. Em dezembro de 1972, José Magalhães renunciou ao cargo de presidente do Alecrim Futebol Clube, terceiro maior clube da capital. E Sílvio Tavares, vice-presidente da gestão de Magalhães, assumiu a presidência do referido clube.

O documento em destaque a seguir demonstra que uma das primeiras medidas do novo presidente do Alecrim foi procurar a ajuda do governador Pereira na tentativa de superar o problema que levou à renúncia de Magalhães: a crise financeira do clube, como demonstra o documento a seguir.

Com a renúncia do Presidente José Magalhães, do Alecrim, o vice- presidente Sílvio Tavares, que assumiu em seu lugar, vai procurar junto ao

¹³⁸ *A República*, Natal, 19 ago. 1972, p. 5.

Governador Cortez Pereira ajuda para sanear a grave situação financeira que atravessa o clube. [...]

Quando renunciou – sexta-feira à noite – o ex-presidente José Magalhães, resolveu juntamente com o conselho deliberativo do clube, dispensar todo o plantel alecrinense dando passo livre a todos os jogadores [...]¹³⁹.

Além de mencionar elementos que atestam a crise econômica vivenciada pelo Alecrim, como a dispensa de jogadores, esse documento sugere que Cortez Pereira se aproximou não só do ABC, mas de outros clubes da capital, como o Alecrim. A partir da interpretação desse documento, também percebemos que essa aproximação poderia partir da iniciativa dos representantes de clubes de futebol da capital e não apenas do governador do estado, o que demonstra que tal relação entre futebol e política não era uma via de mão única, pois, ao passo que o governo busca se legitimar apoiando o futebol, os clubes se aproveitam do apoio financeiro oferecido pelo governo para sobreviver.

Essa relação de mão dupla pôde se efetivar porque os dirigentes de clubes encontravam espaços para se aproximar do governo. Esses espaços eram possibilitados pelo próprio governador.

Cortez Pereira parecia fazer questão de estar perto do povo e, estar perto do povo também representava estar perto do futebol. Por isso o governador posava para fotos, ora junto dos populares, ora junto de representantes dos clubes da capital, sobretudo quando era homenageado por esses. A foto abaixo sugere a prática de aproximação das massas adotada por Cortez Pereira.



Figura 20 – Cortez Pereira em meio a populares.

Fonte: *A República*, Natal, 15 mar. 1973.

¹³⁹ *A República*, Natal, 22 dez. 1972.

Não queremos dizer que Cortez Pereira foi o político natalense fundador dessas práticas de posar para fotografias junto ao povo e caminhar com as massas, pois tais práticas existem desde os anos 1930 no nosso país¹⁴⁰ e, no Rio Grande do Norte, desde Djalma Maranhão e Aluizio Alves. Mas esse ato de Cortez Pereira sugere a permanência de práticas populistas no estado mesmo após a implantação da ditadura militar no país.

O governador Pereira não inaugurou o populismo no estado, mas foi ele que, fazendo uso da imprensa e sendo coerente com o projeto da ditadura militar, procurou sistematicamente divulgar fotografias e pronunciamentos tentando se aproximar das massas e, o que é mais intrigante, apropriando-se do futebol.

O documento a seguir, notícia da realização de uma cerimônia que comemorava o quinquagésimo oitavo aniversário do ABC, evidencia a divulgação de textos que, fazendo uso do futebol, associavam o governador natalense às massas.

Para o torcedor número um do ABC, nada melhor do que a maior e mais bonita taça já conquistada pelo clube: o Governador Cortez Pereira que é torcedor abecedista dos mais fanáticos, recebeu o troféu que foi ganho pelo seu clube contra o América, que marcou a abertura do Estádio de Lagoa Nova.

A taça tem o nome de “Diário de Pernambuco” foi entregue pelos dirigentes e jogadores do “Mais Querido” ao governador, em agradecimento por tudo quanto ele tem feito pelo futebol natalense, quinta-feira à noite na sede do ABC Futebol Clube na solenidade que marcou o 58º aniversário do mais popular clube do Rio Grande do Norte¹⁴¹.

Ao apresentar que o governador foi homenageado em ocasião especial (aniversário do clube) e recebendo um símbolo da conquista alvinegra (Troféu “Diário de Pernambuco”), o documento ratifica a existência de relações de proximidade entre o governador e os clubes da capital, nesse caso, o ABC. Além disso, essa fonte nos dá margem para entendermos o modo como, tentando tocar as massas, os discursos oficiais trabalhavam a imagem do

¹⁴⁰ Antes da ditadura militar ser instaurada no Brasil (1964), identificamos alguns políticos populistas em nosso país, como Getúlio Vargas, Juscelino Kubitschek. No Rio Grande do Norte, não foi diferente, pois temos Djalma Maranhão e, sobretudo, Aluizio Alves fazendo uso de práticas populistas no estado. Aluizio Alves, por exemplo, pode ser considerado um nato líder populista porque, “[...] nas eleições de 1960, tornou-se porta-voz dos setores populares emergentes. Sua candidatura ao Governo do Rio Grande do Norte conseguiu obter um número significativo de adesões [...]” A esse respeito cf. PEREIRA, Henrique Alonso Rodrigues. **O homem da esperança: uma experiência populista no RN (1960-66)**. 1996. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 1996. p. 16.

¹⁴¹ *A República*, Natal, 7 jul. 1972, p.7.

governador: um homem do povo, torcedor do ABC. O objetivo era fazer o povo se identificar com o governante e isso seria atingido a partir da produção de um discurso capaz de tornar o governador Pereira um torcedor dentre tantos outros. Daí o uso dos termos: “o torcedor número um do ABC” e “abecedista dos mais fanáticos”.

Ao ABC Futebol Clube foi dada uma importância grande dentro desse projeto que visava aproximar o governador das massas. Mas porque ao ABC e não a outro clube? Porque o alvinegro já era na época um time do povo, das massas, o clube de maior torcida no Rio Grande do Norte.

Os jornais da década de 1970 trazem vários exemplos da relação entre o ABC e o governador Cortez Pereira. Relação esta fundada não só na concessão de ajuda financeira do governo ao clube e jogadores¹⁴², mas também no apoio político. Isso fica claro quando percebemos as interferências do governador nos assuntos do ABC. Por exemplo, quando o ABC foi punido pela CBD por ter escalado irregularmente dois atletas para uma partida do Campeonato Brasileiro de 1972 contra o Botafogo do Rio de Janeiro¹⁴³, o governador coloca-se à disposição do clube para intervir e buscar o apoio político necessário para a absolvição do alvinegro junto a CBD.

O apoio e os esforços de Cortez Pereira para absolver o ABC eram transformados em discursos apelativos divulgados no *A República*. O documento a seguir demonstra tal divulgação:

Desde o primeiro instante em que o ABC foi suspenso pela CBD, o chefe do executivo juntou-se aos reclamos dos torcedores do Estado, particularmente da imensa torcida abecedista, clube, aliás, por quem o Governador é fervoroso adepto e admirador[...]

Após solicitar do Ministro a colaboração necessária ao problema, uma vez que o próprio Presidente da República deseja que as promoções da CBD tenham o caráter de integração e desta maneira o ABC não pode se afastar do Campeonato Nacional, O Ministro Passarinho prometeu ao Chefe do Executivo que também participará desta luta [...]

Na audiência especial que manteve com o Ministro da Educação, o Governador Cortez Pereira expôs todos esses problemas e salientou o perigo que poderá acontecer, caso o ABC seja mesmo suspenso pela CBD. Através de números, o professor Cortez Pereira fez sentir ao Ministro Jarbas Passarinho, a força do ABC diante do futebol do Rio Grande do Norte, e

¹⁴² Falamos em ajuda a jogadores porque isso também ocorria. Por exemplo, quando Alberi ganhou o prêmio “bola de prata” da Revista Placar de 1972, prêmio de melhor atacante do Brasil, Cortez Pereira bancou a ida de Dona Marluce, esposa do jogador abecedista, a São Paulo para que ela não perdesse a cerimônia de entrega do prêmio ao marido. A esse respeito cf. *A República*, Natal, 1973.

¹⁴³ O ABC foi punido pela CBD por ter escalado irregularmente Rildo e Marcílio no Campeonato Brasileiro de 1972. A pena imposta ao clube alvinegro foi de 120 dias de suspensão, o que impossibilitava a atuação desse em competições oficiais organizadas pela referida entidade desportiva.

salientou que sem ele, poderá acontecer o final do esporte natalense B[...]”¹⁴⁴.

O discurso em destaque tenta destacar os esforços de Cortez Pereira para conseguir anular a pena imposta pela Confederação Brasileira de Desportos ao ABC. Nesse discurso, o governador é representado como um incansável militante das causas da torcida alvinegra, um batalhador em prol do futebol natalense, o que atesta - mais uma vez – a existência de um projeto que visa associar o governador Pereira às massas, sobretudo à torcida do ABC.

Ao destacar que o presidente Médici desejava que a CBD priorizasse em suas promoções a integração nacional, o documento também sugere a intervenção dos militares nos assuntos da referida confederação¹⁴⁵. Assim, percebendo a submissão dessa instituição ao regime militar, Cortez Pereira solicitou que o ministro da Educação, Jarbas Passarinho, intervisse junto a essa confederação para anular a punição imposta ao ABC. Segundo esse mesmo documento, Cortez utilizou como argumento para a absolvição do ABC a força desse clube para o futebol de Natal, pois o alvinegro era o clube de maior apelo popular e, conseqüentemente, aquele que mais atraía admiradores do futebol. Por isso o governador vai dizer ao ministro Passarinho que “se a pena for mantida, não houve sentido para se ter gasto tanto na construção do Estádio Municipal de Lagoa Nova, se o clube de maior torcida for obrigado a se afastar das competições esportivas”¹⁴⁶.

Entretanto, a intromissão da Cortez Pereira nos assuntos relativos à punição imposta ao ABC não se limitou à conquista do apoio de pessoas influentes que pudessem intervir junto a CBD, pois o governador vai tentar resolver pessoalmente o problema do clube alvinegro natalense, como sugere o documento abaixo.

Como não teve tempo para conversar pessoalmente com o Sr. João Havelange, presidente da CBD, o Governador Cortez Pereira afirmou que em janeiro irá novamente ao sudeste do país e um dos motivos principais da viagem será falar com o dirigente chefe da Confederação Brasileira de

¹⁴⁴ *A República*, Natal, 22 dez. 1972.

¹⁴⁵ A intromissão do Regime Militar nos assuntos da CBD era tão grande que, segundo Raphael Correa Júnior, “para ampliar o espaço político do regime, o Campeonato Brasileiro chegou a reunir 94 clubes em 1979, consagrando a máxima de que ‘Aonde a Arena vai mal, mais um clube no nacional’”. A esse respeito cf. CORREA JÚNIOR, op. cit., p. 48.

¹⁴⁶ *A República*, Natal, 22 dez. 1972.

Desportos. Pretende ele também expor os problemas e razões para o não afastamento do ABC do Campeonato Nacional de Clubes¹⁴⁷.

Ao afirmar que o governador Pereira vai falar diretamente com o presidente da CBD, João Havelange, o documento em destaque sugere o quão se tornou complexa a proximidade entre o chefe do executivo estadual e o ABC. Pois não se trata mais de pedir ajuda a lideranças do regime, mas de representar pessoalmente o clube potiguar no sudeste, ou seja, os interesses de um clube, de uma torcida, tornaram-se interesses de estado.

Tudo isso que discutimos nesse capítulo atesta que o futebol de Natal tinha papel de destaque nas pautas do governo Cortez Pereira, pois esse esporte era uma das prioridades das políticas do governador. Isso demonstra que havia um grande comprometimento do Governo do Estado com o projeto de legitimação da ditadura militar, pois, assim como o Governo Federal, Cortez Pereira propagava a ideia de que o desenvolvimento do estado e do futebol natalense era resultado do desenvolvimento econômico do país, de seus esforços e das políticas do regime instaurado pelos militares.

Ou seja, o governador do Rio Grande do Norte contribuiu com a propaganda nacionalista e ufanista, a qual buscava legitimar a ditadura militar e as ações do presidente Emílio Garrastazu Médici. E parece que essas políticas tiveram algum efeito junto à população, pois - como afirma Carlos Fico - “o presidente Médici [...] fruiria de alguma popularidade [...] graças à eficácia da propaganda [...] e aos desempenhos da economia e do futebol”¹⁴⁸.

¹⁴⁷ *A República*, Natal, 22 dez. 1972.

¹⁴⁸ FICO, op. cit., p. 69.

3 O Castelão abriga as massas

Poderíamos começar as discussões deste capítulo definindo, friamente, o significado de massificação, mas isso seria bastante complicado, pois existem diversas definições para este conceito, as quais variam de dicionário para dicionário e de autor para autor. Entretanto, em diversas definições de massificação encontramos referências a dois conceitos: homogeneização e popularização. Por isso, no nosso estudo, para analisar a massificação do futebol natalense e a relação desse estádio com tal processo, trataremos da popularização do futebol de Natal, da transformação deste em esporte de massa, e da homogeneização das torcidas, transformação do elemento torcedor em uma coletividade.

Nesse sentido, para pensarmos a popularização do futebol natalense analisaremos o papel das transmissões radiofônicas e da ampliação das coberturas da imprensa esportiva de Natal nesse processo. Já para discutirmos a homogeneização das torcidas de Natal trabalharemos com o surgimento das principais torcidas organizadas locais e alguns de seus elementos identitários.

3.1 O Castelão: espaço para a imprensa

Sem dúvida, a imprensa esportiva de Natal, os jornais impressos, as transmissões radiofônicas de partidas de futebol e, mais tarde, os programas de televisão dedicados aos esportes, desempenhou um papel fundamental no processo de popularização do futebol local, pois, desde o início do século XX, tímidas notícias acerca do referido esporte eram divulgadas na capital potiguar. A cobertura do futebol pela imprensa natalense será ampliada ao longo do tempo a partir da profissionalização do futebol no estado. E com a ampliação dessa cobertura, a população natalense passará a ter mais acesso às notícias futebolísticas, o que contribuirá com a ampliação da popularização do futebol na cidade. Portanto, graças à imprensa local o futebol do potiguar passará a fazer parte do cotidiano da

população de Natal. Por tudo isso, analisaremos o processo de massificação do futebol de Natal a partir da trajetória da imprensa esportiva natalense.

Analisando jornais do recorte temporal de 1903 a 1974, percebemos que a ampliação da cobertura do futebol natalense pela imprensa foi impulsionada basicamente por dois momentos: o primeiro seria o da inauguração do Estádio Juvenal Lamartine (1928) e o segundo corresponde à inauguração do Presidente Castelo Branco (1972).

Até o início dos anos 1940, o único veículo de divulgação do futebol natalense no estado eram os jornais impressos, como *A República*, *Diário de Natal*, dentre outros. Serão esses jornais que noticiarão naquele contexto, ainda em poucas páginas, os principais eventos do futebol de Natal. Entretanto, na medida em que o gosto pelo futebol de Natal crescera, ainda nas primeiras décadas do século XX, a cobertura esportiva nos jornais natalenses ampliara-se.

Para o jornalista e pesquisador Everaldo Lopes, nos primeiros anos do século XX, os jornais foram aos poucos abrindo espaços para a publicação de notícias sobre o futebol. Nesses espaços não era adotado o uso de títulos específicos para as matérias, apenas usava-se uma espécie de “chapéu”, como uma chamada para a matéria, e era comum a utilização das seguintes expressões: “Vida Desportiva”, “Desportos”, ou “Sports”¹⁴⁹.

Lopes também afirma que por trás dessas publicações não havia a figura do jornalista de formação, pois a atividade jornalística não era regulamentada na época. Assim, essas informações sugerem, no mínimo, que qualquer um que se considerasse entendedor de futebol, escrevesse bem e ganhasse uma chance para escrever em jornais podia ser o autor dessas notas sobre o futebol. Naquele momento, o futebol ainda não era muito popular e o interesse da imprensa local por esse esporte era, por tudo isso, bastante restrito.

Com o processo de profissionalização do futebol de Natal, desenvolvido a partir da fundação dos maiores clubes da capital (ABC e América), em 1915, da criação da Liga dos desportos Terrestres, 1918, e inauguração do Estádio Juvenal Lamartine, 1928, o crescimento do interesse da população pelo futebol local se ampliou.

Essa ampliação aconteceu porque, com o surgimento dos referidos elementos, torneios locais de futebol foram organizados pela Liga e, conseqüentemente, acabaram atraindo um número maior de natalenses às partidas de futebol. Esse crescente interesse do natalense pelo futebol acabou impulsionando a ampliação da cobertura do referido esporte pela imprensa local.

¹⁴⁹ LOPES, op. cit., p. 165.

Nessa época, especificamente no dia 18 de setembro de 1915, semanas após a fundação do ABC Futebol Club e América Futebol Clube, o jornal *A República* publicava o seguinte texto:

O match com que os clubes Natal e ABC estreiam amanhã, realiza-se no ground da Praça Pedro Velho, às 15:30. O 1º team do Natal compõem-se dos jogadores Marino (goal keeper), Severino e Aguinaldo (backs), Arary, Canindé e Wanderlay (half backs), Barreto, Meira Braga, Fernandes e Romualdo (fowards). Juiz de linha, Orlando Luz, juiz de goal, Valdomiro Lopes. O 1º team do ABC FC compõe-se de Coelho (keeper), Carlos e Rocha (backs), Pé de Ouro, Gomes e Natalense (half-backs), Deão, mousinho, Zeca, Moura e Luiz (fowards). O juiz de goal será Cerqueira e o juiz de linha, Coelho [...]¹⁵⁰.

O texto desse documento, notícia sobre uma partida entre ABC e Natal, limita-se a informar dados que serão úteis ao natalense que tiver interesse em acompanhar os jogos de futebol realizados na cidade, como o horário e local da realização do jogo, equipes e jogadores envolvidos nesse, dentre outros. Ou seja, esse texto, assim como a maioria dos textos sobre futebol publicados em Natal na época, são verdadeiras propagandas dos eventos futebolísticos.

Os documentos a seguir confirmam e exemplificam alguns aspectos das publicações esportivas da imprensa natalense dos anos 1920.

¹⁵⁰ *A República*, Natal, 18 set. 1915.

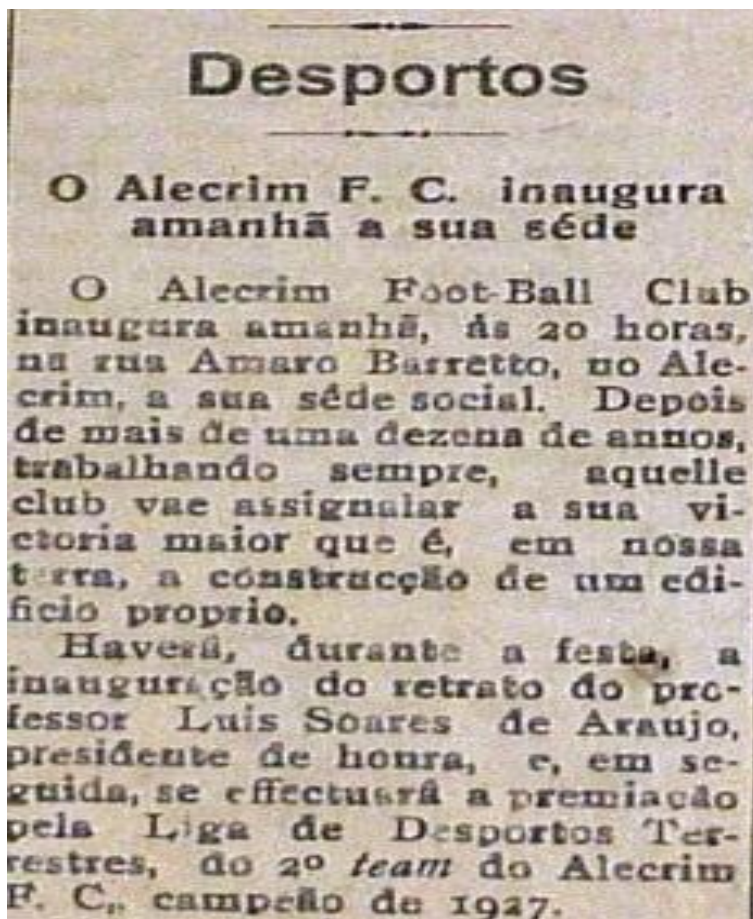


Figura 21 – Típica publicação esportiva do jornal *A República* dos anos 1920.

Fonte: *A República*, Natal, 25 ago. 1928, p.2.

Esse documento, uma notícia sobre a inauguração da sede do Alecrim Futebol Clube, demonstra o caráter simplório das publicações da imprensa natalense sobre futebol na época. Consideramos tais publicações esportivas simplórias porque, além de serem extremamente diretas, - pois não havia muito espaço disponível para o futebol nos jornais - não seguiam alguns dos padrões usuais da imprensa esportiva brasileira da época, como o uso de títulos esclarecedores dos temas das matérias e de fotografias ilustrativas. E um dos possíveis fatores do caráter simplório dessas notícias é o já mencionado fato de essas serem produzidas por cronistas amadores.

Ao invés da utilização de títulos na abertura das matérias esportivas, essa imprensa ainda fazia uso de termos genéricos como “desportos”, “fott- ball” etc. para abrir as notícias, evidenciando a continuidade da tradição de publicações sem títulos específicos para cada notícia esportiva, prática identificada inicialmente nos jornais natalenses dos primeiros anos do século XX.

Apesar de afirmarmos em nossa análise que existia, em geral, um caráter simplório nas notícias futebolísticas da imprensa potiguar dos anos 1920, reconhecemos que tal afirmação é uma generalização, pois algumas publicações desse contexto já fugiam à regra geral e concediam mais espaço às notícias esportivas.

O *Diário de Natal* é um desses exemplos, pois em 1925 inaugurará aquela que, segundo Everaldo Lopes, será a primeira coluna esportiva da imprensa natalense, a Coluna de Oscar Wanderley, um espaço da imprensa local exclusivo para os esportes praticados no Rio Grande do Norte¹⁵¹. A existência dessa coluna possibilitará a abertura de mais espaço para a divulgação de notícias em relação aos eventos futebolísticos da capital.

Além disso, o próprio *A República* já fugia da regra geral e, em contextos considerados especiais, começava a abrir maior espaço para as publicações acerca do futebol natalense, como a publicação do *A República* de 29 de julho de 1928 sugere:

[...] A Liga dos Desportos Terrestres está construindo no seu antigo campo do Tyrol um *stadium*, com grandes dimensões e sob as regras das modernas organizações congêneres.

Para tanto, o professor Luis Soares, presidente da Liga e o sr. Lauro de Medeiros, tesoureiro da comissão de construção, têm posto ao exito desse empreendimento todos os recursos disponíveis.

Havendo em Natal um movimento já considerável de desportos terrestres, procuramos visitar o campo em construção e ouvir os dirigentes desse grande melhoramento.

[...] o redactor do *A República* esteve horem no campo do Tyrol. O aspecto antigo do desapareceu completamente. A área dos jogos é de grande extensão, protegida toda ella por um gradil de cimento armado. O campo foi cuidadosamente nivelado e, para o lado do poente, levantou-se uma archibancada de cimento armado com capacidade franca para mil pessôas. Todo o trabalho em andamento está orçado em 40 contos de réis, e foi contratado com constructor Clodoaldo Caldas. Esse capital foi subscripto em ações de cem mil réis cada uma, tendo ficado o governo do Estado com a quantia de 20 contos.

Em taes condições, está sendo realizada a construção do nosso campo de foot ball, que ficará excelentemente instalado podendo receber qualquer team[...]

¹⁵¹ LOPES, op. cit., p. 180.

A construção foi iniciada em Abril último e o senhor Clodoaldo Caldas, que é um constructor competente e activo, muito tem se esforçado para que o *stadium* corresponda ao plano da Liga [...] ¹⁵².

Essa notícia trata da construção do Estádio Juvenal Lamartine e foi publicada quando a inauguração deste estava próxima, ou seja, em uma ocasião considerada especial pela imprensa natalense, pois a cidade ganharia o seu primeiro estádio de futebol. Tal notícia fugia da regra geral da imprensa local. O documento, ao apresentar uma notícia mais detalhada que a maioria das notícias publicadas na época ¹⁵³, sugere a ampliação de espaços para a publicação de notícias futebolísticas em jornais locais durante os contextos considerados especiais pela imprensa natalense, como o contexto que antecedeu a inauguração do primeiro estádio de futebol da capital potiguar.

Esse monopólio exercido pelos jornais impressos sobre a cobertura esportiva começará a ser rompido a partir dos anos 1940, com a criação da primeira emissora de radiodifusão de Natal: a Rádio Educadora de Natal, uma rádio criada, segundo seu estatuto, para irradiar programas artísticos, culturais e educativos.

A REN, como era chamada a referida rádio, é considerada a primeira rádio legal e juridicamente constituída no Estado do Rio Grande do Norte ¹⁵⁴. Apesar de ter sido autorizada a sua abertura em 16 de maio de 1941, essa emissora só seria inaugurada oficialmente em 30 de novembro de 1941, passando a funcionar, efetivamente, em 29 de novembro de 1942.

A primeira transmissão da REN foi um show musical, realizado em um local próximo à Casa do Estudante, Cidade Alta, com Denise Albuquerque ao violão, Jandira Albuquerque ao violino e Clarice Palma ao bandolim. Esta transmissão, ainda em fase de teste, foi apresentada pelo locutor Genar Wanderley. Naquele contexto, quando Natal já possuía ABC, América, Alecrim, estádio de futebol, dentre outros, percebendo o crescente movimento esportivo da capital, a Rádio Educadora, começara a se interessar pelos esportes. Assim, ainda em caráter experimental, em 21 de novembro de 1941, a REN fez a primeira transmissão radiofônica de

¹⁵² *A República*, Natal, 29 jul. 1928.

¹⁵³ Consideramos a notícia desse documento mais detalhada porque - ao invés de se limitar a descrever factualmente os eventos esportivos apresentando datas, lugares, etc. - ela apresenta dados mais amplos e discussões acerca de questões ligadas ao futebol, como verbas investidas na construção do Estádio Juvenal Lamartine, engenheiro envolvido, o papel do Governo do Estado, da liga dos Desportos, dentre outras.

¹⁵⁴ Antes dela funcionou apenas uma emissora sem razão jurídica e função comercial, que foi instalada pela Diretoria Geral dos Telégrafos, no bairro de Petrópolis, no ano de 1928. A esse respeito cf. FERNANDES, Anchieta. **A saga do rádio natalense.** Disponível em: <<http://www.dei.rn.gov.br/contentproducao/aplicacao/dei/arquivos/nosdorn/nos0905.pdf>>. Acesso em: 3 abr. 2009.

uma partida de futebol no estado: uma partida entre ABC e Paysandu de Natal, jogo realizado no Juvenal Lamartine e narrado pioneiramente pelo locutor Francisco Lamas¹⁵⁵.

Em 1944, A REN acabou sendo comprada pela rede dos Diários e Emissoras Associados¹⁵⁶ e rebatizada, passando a se chamar Rádio Poti.

O documento a seguir nos dá informações acerca da transformação da Rádio Educadora de Natal em Rádio Poti.

Até que a REN foi comprada pela rede dos Diários e Emissoras Associadas, passando a ser chamada de Rádio Poti, em homenagem ao principal cacique dos índios natalenses que viviam nestas terras antes da invasão portuguesa. A nova estrutura da até então única rádio-emissora do Rio Grande do Norte foi inaugurada a 1º de novembro de 1948, contando com estúdios próprios e o que, na época, foi considerado "o maior auditório do país"¹⁵⁷.

O documento sugere que com a transformação da REN em Rádio Poti (essa que já nasce moderna, possuindo estúdio próprio e um auditório imenso) evidencia que, durante a Era do Rádio no Brasil, a Rádio Poti despontava em Natal. O desenvolvimento da Poti foi intenso até 1950. A partir daquele ano, a Poti passará a sofrer a concorrência de outras emissoras de radiofonia que surgirão no estado e, principalmente, da penetração cada vez maior da televisão nos lares brasileiros e natalenses.

Ainda no ano de 1950, surgiram no Rio Grande do Norte outras emissoras de rádio. O texto a seguir nos dá informações sobre esse fenômeno.

A primeira emissora de rádio a se fixar no interior foi também a terceira do Rio Grande do Norte, depois da REN e Poti. Em 7 de setembro de 1950, a Rádio Difusora de Mossoró era fundada pelo empresário Renato Noronha da Costa, que em 1984 passou o controle acionário da emissora para a

¹⁵⁵ FERNANDES, op. cit.

¹⁵⁶ A Rede de Diários e Emissoras Associadas era uma espécie de conjunto de veículos de comunicação, pertencentes a Assis Chateaubriand (paraibano, advogado de formação, jornalista por vocação, um dos maiores empresários brasileiros do século XX e fundador da TV Tupi), e que chegou a compor a maior rede de jornais do mundo nos anos 1950, quase cem em todo o Brasil. Essa rede possuía também estações de rádios, revistas para adultos, revistas infantis, agências de notícias e propaganda, dentre outros. (< <http://redetupitv.blogspot.com.br/>>. Acesso em: 6 mai. 2011).

¹⁵⁷ Ibid., p.3.

família Alves. No ano em que a Nordeste passou a atrair audiência em Natal (1954), outras duas empresas de radiodifusão se estabeleciam no interior: a Rádio Tapuyo de Mossoró, em 1º de maio, pertencente a Dix-Huit Rosado, e a Rádio Difusora de Caicó, em 21 de setembro, obra do padre José Celestino Galvão. Cinco anos depois, surgia a Rádio Brejuí, de Currais Novos, sob a batuta do desembargador Tomaz Salustino¹⁵⁸.

O texto destaca, dentre outros elementos, o caráter interiorano das rádios surgidas na época: Difusora e Tapuyo (ambas de Mossoró), Brejuí (Currais Novos) e Difusora de Caicó (em Caicó). Logo essas rádios vão inserir a cobertura esportiva em suas programações, tornando o futebol de Natal cada vez mais acessível às populações do interior do estado e, conseqüentemente, mais popular. O documento também sugere a relação entre a radiofonia interiorana e a política natalense, pois as emissoras da época foram fundadas por figuras políticas do interior do Rio Grande do Norte.

Paralelamente a esse processo de surgimento de rádios interioranas, ocorre o nascimento de novas emissoras de radiofonia na capital ou região metropolitana de Natal, emissoras estas, assim como as do interior, também ligadas a grupos políticos do estado. Era a época do surgimento da Rádio Nordeste, criada por determinação do governador Dinarte Mariz, em 1954 (Natal); Rádio Cabugi, criada em 1954 pelo senador Georgino Avelino (Parnamirim, na época); e a Rádio Trairy (Natal), fundada em 1962 pelo deputado federal Theodorico Bezerra, transformada em Rádio Tropical, posteriormente¹⁵⁹.

A partir do surgimento dessas emissoras, a radiodifusão no Rio Grande do Norte crescerá significativamente. E tais emissoras, seguindo o exemplo da antiga REN e da Rádio Poti, logo passaram a incorporar às suas respectivas programações a cobertura do futebol natalense. Como o número de rádios cobrindo o referido esporte ampliara-se em Natal, este também cresceu em popularidade, tanto na capital quanto no interior do estado. O futebol, portanto, não passava mais despercebido pelas transmissões radiofônicas potiguares.

Na década de 1970, temos vários exemplos da íntima relação entre os eventos futebolísticos e a cobertura esportiva radiofônica. Por exemplo, durante a realização da Copa do Mundo do México, realizada naquele ano, a Rádio Cabugi lançara uma espécie de plantão esportivo chamado "Escrete de Ouro", apesentado por Edvaldo Pereira, Franklin Machado e Roberto Machado, e popularizado como "o ouvido de ouro". Nesse plantão todas as novidades sobre a seleção Brasileira e as seleções adversárias eram noticiadas diariamente.

¹⁵⁸ FERNANDES, op. cit., p.6.

¹⁵⁹ Ibid.

Outro exemplo do aprofundamento da relação entre futebol e rádio foi a inauguração do Estádio Presidente Castelo Branco, em 04 de junho de 1972. Um evento rico que, como já mencionamos, contou com festividades cívicas e com as seguintes partidas de futebol: ABC e América e Seleção Olímpica do Brasil e Vasco da Gama.

Todo o espetáculo foi acompanhado pela imprensa esportiva natalense. Tudo tinha de ser transmitido. Além de jornais impressos locais que cobriram o evento, como *A Tribuna do Norte* e o *A República*, as principais rádios locais compareceram e transmitiram o espetáculo ao vivo para diversas cidades do Rio Grande do Norte. Fizeram-se presentes a Rádio Poti (que contava com a narração de Hélio Câmara e Almeida Filho e comentários de Everaldo Breves), a Rádio Cabugi (que contava com os seguintes narradores: Roberto Machado, Edvaldo Pereira, Jota Telles, Oscar Jorge, Carlos Alberto de Souza, Franklim Machado e Wellington Carvalho), e rádios menores, como a Trairi (que também transmitiram as partidas da inauguração do novo estádio¹⁶⁰).

Não há dúvidas de que, no início dos anos 1970, o interesse das rádios de Natal pelo futebol natalense cresceu significativamente. Isso correu porque, com a referida inauguração do Estádio Castelão, o Rio Grande do Norte passou a contar com uma estrutura esportiva de ponta para receber grandes públicos e clubes de futebol de todo o Brasil. Reconhecendo tal estrutura, a partir de 1972, CBD passou a convidar por ano um clube potiguar para representar o estado no Campeonato Brasileiro de Futebol¹⁶¹. Por tudo isso, ocorreu a ampliação da cobertura do futebol pelas rádios de Natal.

A entrada de clubes potiguares no Campeonato Nacional, bem como a conseqüente ampliação da cobertura do futebol pela radiofonia natalense, fez o referido esporte se massificar no estado. Ou seja, fez o futebol de Natal se tornar um esporte de massa, esporte este acompanhado por diversos torcedores da capital e interior.

Na época, o futebol do estado tornou-se tão popular que

¹⁶⁰ LOPES, op. cit., p. 267-268.

¹⁶¹ Segundo Everaldo Lopes, de 1972 a 1980, por exemplo, o Rio Grande do Norte (nesses anos ABC e América, pois o Alecrim só jogará o Brasileiro de só não participar) só não teve representante no Nacional em 1973. A esse respeito cf. Ibid., p. 339-345.

[...] o rádio esportivo da capital passou a viver em permanente ebulição, com quatro emissoras se envolvendo nessa verdadeira guerra pelos pontinhos do Ibope. A Cabugi, sempre na liderança junto ao povo com cartaz de jamais haver abandonado o esporte, mas as rádios Poti, Nordeste, Trairi e mais tarde Tropical tentavam a todo custo tirar a liderança da emissora dos Alves [...]”¹⁶².

A Rádio Cabugi, por exemplo, foi uma das emissoras de rádio de Natal que mais investiram nas transmissões esportivas da época. O documento sugere que esses investimentos da Cabugi não se restringiram à aquisição de equipamentos e contratação de locutores para realização das transmissões.



Figura 22 – Propaganda da Rádio Cabugi no *A Tribuna do Norte*, década de 1970.

Fonte: *A Tribuna do Norte*, Natal, 3 jun. 1972.

¹⁶² LOPES, op. cit., p. 172-173.

Essa espécie de cartaz demonstra outro tipo de investimento feito pela Cabugi para conquistar a atenção dos espectadores durante suas transmissões radiofônicas futebolísticas: a realização de propagandas, publicadas diariamente no *A Tribuna do Norte*, jornal que pertencia aos mesmos donos da Cabugi. Essa realidade sugere a existência de uma verdadeira corrida entre as rádios natalenses pela liderança na audiência das transmissões radiofônicas. Essa corrida fez, ainda durante a década de 1970, as rádios de Natal investirem cada vez mais nas transmissões e coberturas futebolísticas.

Assim, por meio do rádio, o futebol passou a invadir substancialmente os lares natalenses na época. Isso aconteceu porque, segundo Negreiros¹⁶³, o desenvolvimento da radiodifusão brasileira permitiu que o futebol se aproximasse significativamente das pessoas e chegasse aos lugares mais remotos. Dessa forma, o ritual de ouvir as notícias esportivas e de assistir as transmissões de jogos passou a fazer parte do cotidiano das pessoas.

Mas não foram apenas as rádios que, a partir da década de 1970, investiram mais na cobertura do futebol do estado, os próprios jornais impressos deram mais espaço aos temas futebolísticos.

O *Diário de Natal*, por exemplo, deu espaço para que o jornalista Everaldo Lopes criasse em 1973 uma coluna futebolística chamada “Cartão Amarelo”. Essa coluna tratava dos temas futebolísticos do Rio Grande do Norte com certa dose de humor, apresentando cartas com espécies de charges que ironizavam clubes, atletas, eventos do futebol de Natal, dentre outros.

A carta com desenho a seguir foi uma das primeiras publicadas na coluna “Cartão Amarelo”.

¹⁶³ A esse respeito cf. NEGREIROS, Plínio José L. de C. **Futebol e identidade nacional: o caso da Copa de 1938**. In: encontro de história do esporte, lazer e educação física, 5., 1997. Anais...Ijuí: Ed. da Unijuí, 1997.

CARTAS

Edmar Antônio Câmara Viana (5.º conj. do Ipa-se, A-76) O ABC vai enfrentar uma tribo, na África, pois, como se sabe, lá não há times. Segue charge para publicação no seu **Cartão Amarelo**.

E nós a publicamos, solicitando ao mesmo tempo sua presença aqui na redação para um papo.



Figura 23 – Desenho e carta de Edmar Cardoso para o *Cartão Amarelo*.

A charge em destaque ironiza o fato do ABC ter enfrentado times africanos em uma excursão internacional realizada no ano de 1972 e que passou, além da África, pela Ásia e Europa¹⁶⁴. Essa charge também sugere que a referida coluna do *Diário de Natal* era também um meio de manifestação de opiniões muito utilizado pelo natalense que acompanhava o futebol da época. A coluna se constituía em um canal de manifestação de opiniões porque possibilitava aos leitores a externalização de suas visões sobre o futebol de Natal, recebendo e divulgando cartas escritas por esses. E esses torcedores acabavam se tornando colaboradores da coluna, como Edmar Viana que teve seu talento reconhecido por Lopes e *Diário de Natal*, sendo convidado para ser membro da coluna ainda naquele ano como chargista.

Outro exemplo de maior abertura dos jornais impressos ao futebol durante a década de 1970 foi a criação no *A República* de um espaço específico para a publicação de notícias futebolísticas. Era uma espécie de caderno de esportes, algumas páginas dedicadas quase que

¹⁶⁴ Diante da punição imposta pela CBD, o ABC de Natal realizou a maior excursão de que se tem notícia no futebol mundial. Segundo Everaldo Lopes, a excursão, feita pelos gramados da Ásia, África e Europa, constou de 24 jogos contra times e seleções dos três continentes. Foram conquistadas 7 vitórias, 12 empates e apenas 5 derrotas. Foram marcados 30 gols a favor e sofridos 21. O ABC saiu de Natal no dia 17 de agosto e retornou somente no dia 6 de dezembro do mesmo ano. A esse respeito cf. LOPES, op. cit.

exclusivamente ao futebol. Os documentos a seguir demonstram dois momentos do A

República:

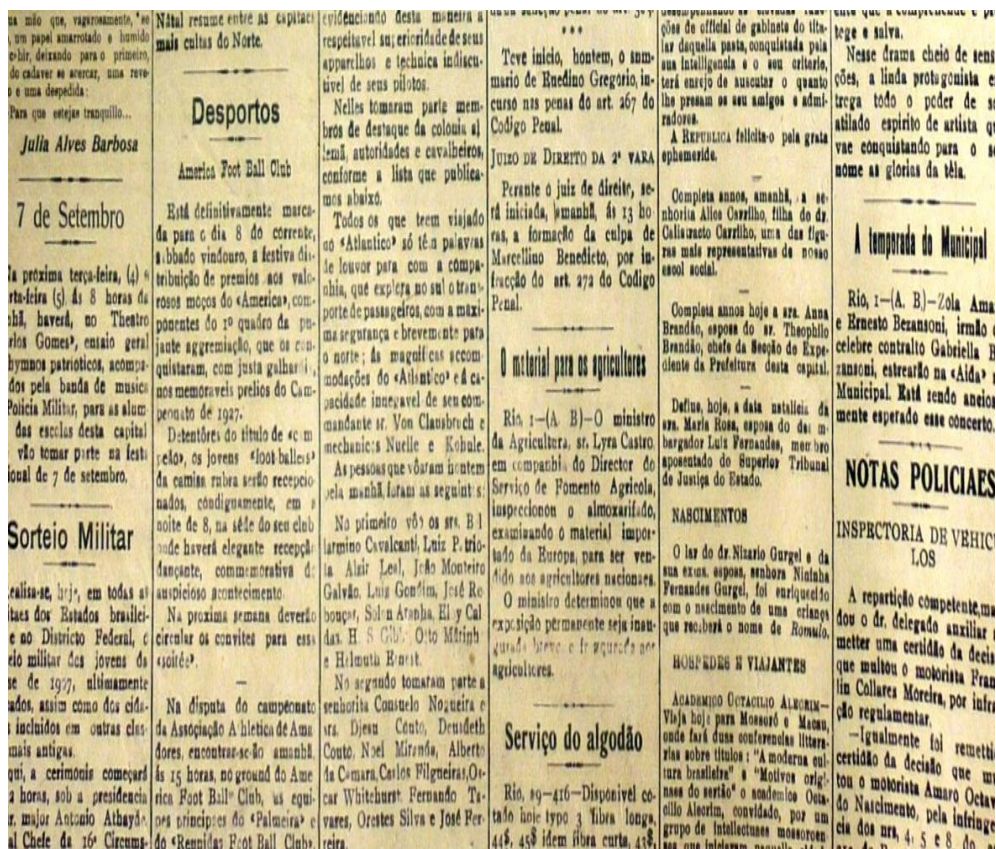


Figura 24 – Notícias de assuntos futebolísticos no A República da década de 1920.

Fonte: A República, Natal, 2 set. 1928, p. 2.



Figura 25 – Publicação futebolística do *A República* da década de 1970.

Fonte: *A República*, Natal, 17 ago. 1972, p. 7.

No primeiro documento, publicação de 1928, não há páginas exclusivas para as notícias futebolísticas, pois uma notícia relativa ao América (*Desportos*) é publicada na mesma página das notícias econômicas (*Serviço do algodão*) e de segurança (*Notas policiaes*). Já no segundo, publicação de 1972, há páginas que se dedicam exclusivamente ao futebol, componho uma espécie de caderno de notícias futebolísticas, o que evidencia a importância dada ao futebol potiguar pela imprensa local da época.

Nessa década de 1970 e, sobretudo, na de 1980, começará a surgir no Rio Grande do Norte outro elemento que contribuirá significativamente com a massificação do futebol natalense: as emissoras de televisão do estado, como a TV Universitária (1972)¹⁶⁵, TV Ponta Negra (inaugurada em 1987, a primeira comercial do estado), TV Cabugi, hoje Intertv Cabugi (1987), TV Tropical (1988). Tais emissoras locais logo criarão espaços para a cobertura do futebol natalense, dentro de programas jornalísticos ou criando programas especializados em esportes, como o Globo Esporte Local, programa da TV Cabugi.

Nas referidas décadas, a cobertura televisiva do futebol natalense vai levar aos lares natalenses não apenas a voz dos radialistas e narradores, mas imagens coloridas do futebol, materializando o referido esporte, seus craques, clubes, torcidas, dentre outros. E a população de Natal passará a se identificar muito mais com o nosso futebol. Isso porque, com a televisão,

¹⁶⁵ Segundo *A Tribuna do Norte*, a TVU transmitiu a Mini Copa da Independência. A esse respeito cf. *A Tribuna do Norte*, Natal, 9 jun. 1972, p. 7.

“o modo de ver o futebol modificou-se bruscamente [...] A imagem do futebol torna-se mais perto. Os ídolos ficam mais próximos. A um ‘clique’ de distância dos telespectadores”¹⁶⁶.

3.2 O Castelão: espaço para as torcidas

A partir dos anos 1970, com a inauguração do Estádio Castelão, inserção de clubes do futebol local no Campeonato Brasileiro e ampliação da cobertura esportiva das rádios e televisões, o futebol natalense adquire uma nova identidade. O futebol torna-se massificado, um esporte de massa. E uma dos principais sintomas dessa massificação é a nova configuração do elemento torcida. Surge, assim, um torcedor bem diferente daquele que frequentava nos anos 1920 o Estádio Juvenal Lamartine. Um torcedor mais barulhento, que reclama de jogadores, clubes, entidades, preços de ingressos, que vaia, grita, dentre outros, um torcedor que participa da vida futebolística mais diretamente, portanto.

Quando o futebol chegou a Natal, logo surgiram os primeiros espaços para a prática futebolística, segundo César, “terrenos descampados, [...] locais onde hoje estão, por exemplo, as praças André de Albuquerque e Pedro Velho, ou no polígono da Av. Deodoro, no Tirol”¹⁶⁷. Naquele contexto, início do século XX, ao contrário de hoje, o elemento torcida não era bem definido, pois não havia uma nítida distinção entre torcedores e jogadores, assim como não havia muitos elementos identitários que agregassem espectadores agrupando-os em torno de uma paixão por um clube.

Esses torcedores compunham aquilo que alguns pesquisadores vão chamar de torcidas voluntárias. Torcidas que existiam esporadicamente como coletividade. Torcidas, portanto, que “se reuniam única e exclusivamente em consequência dos jogos e tinham

¹⁶⁶ ESCHER, op. cit., p. 42.

¹⁶⁷ A esse respeito cf. CORREIA SOBRINHO, José; CÉSAR, Iran Hermenegildo. **Torcidas organizadas de futebol: metamorfose de um fenômeno de massa.** Natal, 2008, p. 3. Disponível em: <<http://www.cchla.ufrn.br/interlegere/revista/pdf/3/ex02.pdf>>. Acesso em: 25 mar. 2011.

como elemento unificado a paixão, ou a simpatia, que nutriam por um ou por outro clube”¹⁶⁸. Ou seja, quando partida de futebol terminava, a torcida se diluía.

A própria espacialização de jogadores e espectadores nas partidas de futebol da época reflete essa tímida distinção entre atletas e torcedores. Essa espacialização era marcada pela utilização de cercas que mantinham os jogadores separados do público. Os descampados eram “tão abertos a ponto do torcedor não pagar ingresso, mas apenas contribuir com qualquer importância a título de ajuda para as despesas com a partida”¹⁶⁹.

No sudeste do país, por exemplo, também há uma indefinição do elemento torcida. E isso resultava, em parte, do caráter temporário das torcidas da época. Acerca do caráter temporário das torcidas do sudeste, Correia Sobrinho e Iran César afirmam:

Nesse momento, os laços de identidade e de solidariedade ficariam restritos ao espaço de duração dos jogos, podendo ser revividos em momentos do cotidiano desses torcedores, como em bares e rodas de amigos. E a rivalidade se daria mais em oposição, propiciada com o início da industrialização brasileira em cidades como Rio de Janeiro e São Paulo, entre o nativo e o estrangeiro que, nesse contexto, passavam a disputar um mercado de trabalho em formação¹⁷⁰.

Everaldo Lopes afirma que, segundo o historiador Gil Soares, na Natal da época “os torcedores ficavam esparsos, não havia a chamada torcida organizada, nem fogos e bandeiras saudando os times quando entravam em campo. O aplauso era com palmas, as vaias foram surgindo lentamente. O palavrão não era admitido[...]”¹⁷¹

Só após a fundação dos principais clubes de Natal, ABC e América, e da inauguração do Estádio Juvenal Lamartine, é que a prática do uso de bandeiras nas partidas tornou-se comum e o elemento “torcida” começa a ser mais claramente definido. A definição do elemento torcida esteve associada ao surgimento de uma nova espacialização dos sujeitos envolvidos nas partidas de futebol, a qual distanciava atletas e espectadores. Esse distanciamento não será tão significativo quanto aquele originado pela espacialização dos grandes estádios brasileiros, mas será suficiente para definir os espaços dos jogadores e torcedores.

¹⁶⁸ SOBRINHO, José Correia; CÉSAR, Iran Hermenegildo. **Torcidas organizadas de futebol: metamorfose de um fenômeno de massa.** Disponível em: <<http://www.cchla.ufrn.br/interlegere/revista/pdf/3/ex02.pdf>>. Acesso em: 25 mar. 2011.

¹⁶⁹ LOPES, op. cit., p. 253.

¹⁷⁰ CORREIA SOBRINHO; CÉSAR, op. cit.

¹⁷¹ Ibid., p. 254.

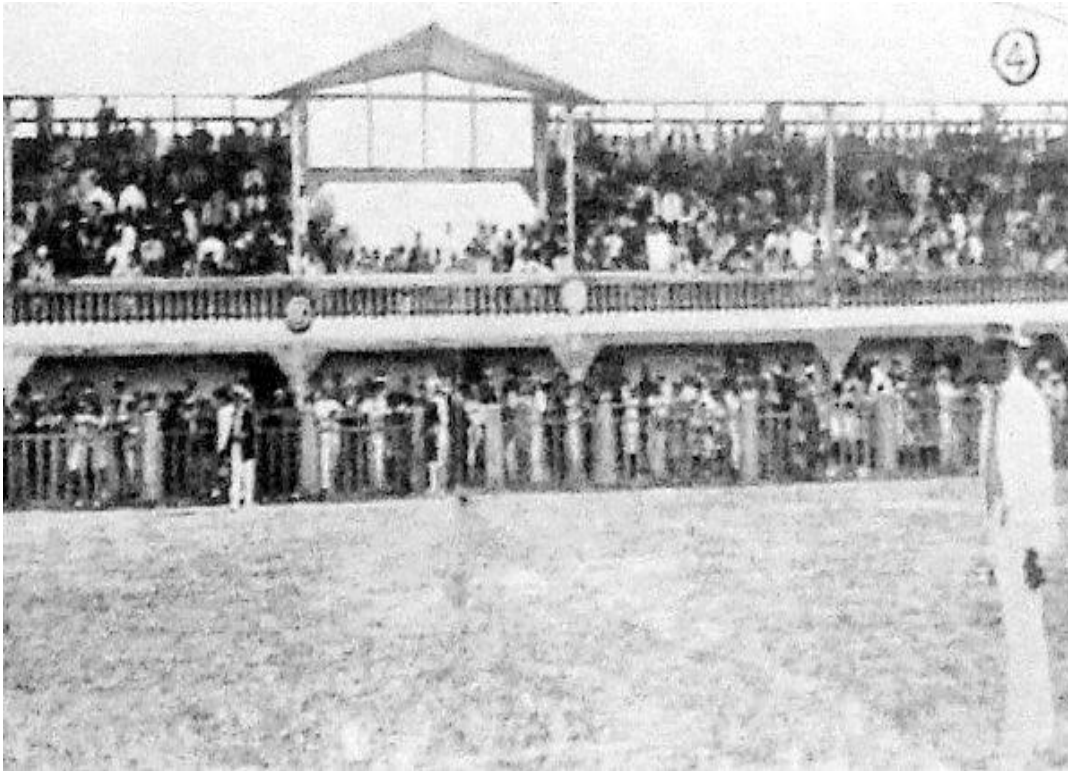


Figura 26 – Fotografia de arquibancadas na inauguração do Estádio Juvenal Lamartine.

Fonte: Revista *Cigarra*, Natal, nov. 1928, p. 62. Disponível em: <http://tokdehistoria.wordpress.com/2011/10/29/1928-%E2%80%93-fotos-da-inauguracao-do-estadio-juvenal-lamartine/>. Acesso em: 12 jan. 2012.

Nessa fotografia percebemos claramente o tipo de espacialização que o Estádio Juvenal Lamartine vai impor aos atores sociais natalenses. Essa espacialização se baseava, basicamente, em dois subespaços: o gramado (campo), espaço específico dos atletas, e as arquibancadas, espaço daqueles que torcem e assistem as partidas, os torcedores-espectadores. Essa fonte também sugere o caráter elitista da torcida da época. Na fonte em destaque, esse elitismo é perceptível quando observamos o perfil dos frequentadores das partidas de futebol da época, torcedores (sobretudo homens) trajando paletó, gravata borboleta e chapéu de palhinha, dentre outros acessórios típicos das elites brasileiras da época.

Essa lógica de civilidade vai influenciar no comportamento dos jogadores e torcedores de Natal daquele contexto. Assim, o espectador tinha um comportamento

civilizado, limitando-se a torcer utilizando bandeiras, aplausos ou o silêncio. Dos atletas também era exigido um comportamento civilizado, ou seja, adequado aos moldes da época. Por isso, “o jogador não podia dizer palavrão, e se o fizesse diante do árbitro ou bandeirinha, a pena seria dobrada [...]”¹⁷².

Nos anos 40 e 50, “Havia torcedores notoriamente agressivos, geralmente postando-se próximo ao alambrado para que seus protestos fossem ouvidos pelos jogadores e árbitros”¹⁷³.

A partir da inauguração do Estádio Castelão e no decorrer das décadas seguintes o elemento torcida vai sofrer profundas mutações. Assim, a partir da década de 1970 surgem novas formas de organização de torcidas e do torcer, o que vai refletir- de certa maneira- o processo de massificação e de mercadorização do futebol natalense. O fragmento em destaque abaixo sugere algumas mutações que as torcidas de Natal vão sofrer após o Castelão:

As grandes torcidas organizadas surgiram após o estádio de Lagoa Nova. Nomes até hoje lembrados são os de Adiel de Lima e Antônio Belo, da “Gang Alvinegra”. O barbeiro Belo, chegava a ponto de reduzir seu orçamento doméstico para ajudar o ABC, viajando com o time aonde ele fosse jogar. Adiel, que tinha condição financeira menor, era uma espécie de escudeiro, comparecia às emissoras de rádio para ironizar os adversários [...] Com o tempo, o ABC foi ganhando novas torcidas organizadas e, tempos depois, surgiram dezenas delas, dos dois lados. “Garra Alvinegra”, “Fanamérica”, “Camisa 12”, “Coração Alvinegro”, Comando Abecedista”, “Gang Alvinegra”, “Máfia Vermelha”, “TIA- Torcida Independente do América”, “ABC NET”, “Comando vermelho”, “Chama Rubra”, várias delas com filiais nas cidades da grande Natal [...]”¹⁷⁴.

O documento fala do surgimento das torcidas organizadas natalenses durante a década de 1980. Esse fragmento, portanto, ignora as primeiras torcidas organizadas que surgem ainda nos primeiros anos do Estádio Castelão, início da década de 1970. Essas torcidas vão possuir um perfil diferente daquele das antigas torcidas que frequentavam o Juvenal Lamartine e, apesar de serem chamadas de organizadas, não vão ter o mesmo padrão organizacional das torcidas organizadas surgidas posteriormente.

Pesquisando alguns jornais natalenses da década de 1970, encontramos informações acerca das primeiras manifestações em Natal desse primeiro tipo de torcida organizada: a

¹⁷² LOPES, 2005, p. 254.

¹⁷³ Idem.

¹⁷⁴ Ibid., p. 255.

denominada “união de torcida”, termo empregado pelos chefes de torcida da época e imprensa. Essa união de torcida corresponde a um aglomerado de torcedores que utilizavam elementos sonoros, como orquestras ou charangas; e visuais, como bandeiras e papel, para torcer pelos três principais clubes de futebol do estado, ABC e América, principalmente.

A “união de torcida”, apesar de atuar coletivamente e de utilizar bandeiras, por exemplo, não possuía um nome próprio oficial e, por isso, às vezes era chamada de charanga ou orquestra de torcedores. A presença de um líder era comum, sendo este uma espécie de animador e organizador da coletividade. Era esse líder que se mobilizava para reunir torcedores e levantar recursos para sustentar a torcida.

O documento a seguir apresenta informações acerca de um dos líderes de torcida mais atuantes naquele contexto:

Prudêncio não desiste de lutar pelo alvi-negro, onde segundo ele “faz parte da minha carne”. Está organizando uma torcida para torcer pelo “Mais Querido” durante todas as suas apresentações no certame patrocinado pela CBD. Nós pretendemos formar uma união de torcida para defender e incentivar o futebol de nosso Estado. Para essa partida com o CRB, já vamos levar uma orquestra e dependendo do resultado, o incentivo será maior, pois vamos falar com o Prefeito e Governador e levar para campo cerca de 300 bandeiras por cada jogo.

[...] Prudêncio afirma que qualquer que seja o resultado da campanha do ABC (ruim ou boa), ele estará no Estádio de Lagoa Nova, incentivando os jogadores abecedistas, no comando da torcida organizada.

- Esta orquestra que vamos levar amanhã (hoje) para Lagoa Nova, foi contratada por Cr\$ 200,00, quantia que será paga através de uma coleta feita entre torcedores [...] ¹⁷⁵.

Esse fragmento, texto do *A República* que trata da mobilização de Prudêncio¹⁷⁶ para organizar uma torcida para apoiar o ABC no Campeonato Nacional de 1972, além de apresentar os recursos utilizados pelas torcidas da época, como orquestras e bandeiras,

¹⁷⁵ *A República*, Natal, 9 set. 1972.

¹⁷⁶ Pesquisando em jornais natalenses, não encontramos o nome completo de Prudêncio nem informações sobre sua vida. Entretanto resolvemos utilizar seu exemplo porque seu nome era frequentemente citado nos jornais da época, uma exceção, pois esses, apesar de falarem na figura dos chefes de torcida, não mencionavam seus nomes.

sugere a importância do líder de torcida para a existência dessas. Através do fragmento, percebemos que esse líder tomava a iniciativa de organizar a torcida, pois era ele que unia torcedores, realizava coletas de recursos junto a esses e recorria às instâncias do poder público para conseguir doações que possibilitassem a existência da “união de torcida” (como já mencionado, primeira forma de torcida organizada a surgir em Natal).

No sudeste, esse processo de surgimento de torcidas organizadas se originou antes da década de 1970. Segundo Luiz Toledo, novas formas torcedoras surgiram ainda nos anos 1940. Eram as primeiras torcidas organizadas. Ao contrário das coletividades de torcedores do início do século XX, as quais – apesar de já terem iniciado um processo de moldagem da identidade e de sentimentos de unidade, possuíam uma espécie de paixão pelos clubes que se manifestava quase que exclusivamente nos momentos das partidas.

As torcidas dos anos 1940, ao contrário das antigas coletividades, possuíam uma estrutura básica de organização fundada na liderança de uma só pessoa, o denominado “chefe de torcida”, o qual agrupava em torno de si dezenas de simpatizantes para formar a torcida¹⁷⁷. Alguns exemplos de torcidas organizadas que surgem no sudeste ainda na década de 1940 foram a *Torcida Uniformizada do São Paulo F.C*, fundada em 1940 pelos chamados torcedores símbolos Manoel Porfírio da Paz e Laudo Natal, e a fundação da *Charanga do Flamengo*, por Jaime Rodrigues de Carvalho em 1942¹⁷⁸.

Além das manifestações das primeiras torcidas organizadas, temos na Natal do início da década de 1970 a realização de passeatas e carreatas como uma prática comum dos torcedores da época, prática esta que representa também a união de torcedores em torno da paixão pelo clube do coração. O documento a seguir, notícia sobre a final do primeiro turno do Campeonato Estadual de Futebol de 1973, demonstra tal manifestação.

Nunca Natal viu uma festa tão bonita quanto a de domingo entre ABC e América. Tudo começou pela manhã quando as duas torcidas embandeiraram seus carros e saíram às ruas da cidade. Duas passeatas forma formadas com torcedores demonstrando o que seria o jogo à tarde entre as duas maiores forças do futebol de Natal.

Por ser dono da maior torcida natalense, a passeata do ABC possuía maior número de carros e de pessoas. Seus torcedores demonstravam muita alegria e foram prás ruas com charangas, apitos, buzinas, bandeiras, faixas, além de muito papel picado. As praias foram os locais onde as passeatas mais custaram.

¹⁷⁷ TOLEDO, Luiz Henrique de. **Torcidas Organizadas de Futebol**. São Paulo: Vozes, 1996.

¹⁷⁸ A esse respeito cf. CORREIA SOBRINHO; CÉSAR, op. cit.

À tarde, no estádio, a festa foi ainda mais bonita: com todas as suas dependências tomadas, o LAGOÃO vivia a sua tarde mais memorável desde sua inauguração. Milhares de bandeiras eram vistas em toda a sua extensão, com predominância de alvi-negras dado ao maior número de torcedores. No entanto, a torcida rubra estava muito bonita já que praticamente todos seus torcedores vestiam camisas vermelhas¹⁷⁹.

O documento acima sugere a existência dessas carreatas antes dos jogos, o que nos possibilita considerar tais manifestações como parte dos preparativos dos torcedores para as partidas. Nesse texto, há menção ao uso de charangas, apitos e buzinas, pelas torcidas, o que evidencia o caráter barulhento dessas manifestações. Além disso, ao falar das camisas dos torcedores do América, o documento sugere a padronização das cores das torcidas da época nessas manifestações. Assim, podemos imaginar a existência de uma carreata alvinegra e outra alvirrubra nos dias de clássico, cada qual representando seu clube do coração, algo que até hoje faz parte do cotidiano das grandes decisões do futebol de Natal.

Assim, podemos dizer que a partir da década de 1970, as torcidas e manifestações de torcedores tornaram-se atrações à parte nas partidas realizadas no Estádio Castelão. A presença cada vez maior do público no estádio contribuiu com a definição de um novo futebol de Natal, o qual se tornara massificado, pois, além das torcidas organizadas e carreatas de torcedores, o nosso futebol passará a contar, como nunca, com um grande público feminino, algo quase impensável durante as décadas anteriores¹⁸⁰.

Meses antes da inauguração do Estádio Presidente Castelo Branco, o jornal *A República* publicava um texto sobre o distanciamento das mulheres em relação às partidas de futebol no Rio Grande do Norte. Nesse texto, o governador Cortez Pereira afirmava:

“A mulher é uma figura ausente no nosso futebol. Enquanto no Rio ou em São Paulo já tem uma expressiva participação nas torcidas que vão a campo, em Natal ela talvez não chegue a representar 1%” do público – declara <Chefe do Executivo>. E ele mesmo ele mesmo considera que a coisa poderia ser diferente aqui, “se o estádio Juvenal Lamartine oferecesse conforto e se os nossos espetáculos de futebol fossem mais empolgantes”

¹⁸¹

¹⁷⁹ *A República*, Natal, 1973.

¹⁸⁰ Consideramos que a presença feminina nos jogos era quase impensável porque, antes do Castelão, o número de mulheres frequentando o Juvenal Lamartine era inexpressivo.

¹⁸¹ *A República*, Natal, 14 mar. 1972.

O texto em destaque estabelece uma comparação entre o público feminino de futebol do Rio Grande do Norte, considerado pequeno, e o do sudeste do Brasil, considerado superior ao do estado (nesse caso, o público de São Paulo e Rio de Janeiro). Nesse documento, o governador Cortez Pereira, tentando justificar os investimentos públicos no Estádio Castelão, apresenta o suposto desconforto do Estádio Juvenal Lamartine e a morosidade do futebol natalense como fatores da tímida presença feminina nas partidas de futebol do estado.

Por ser um discurso oficial e produzido meses na fase final de construção do Castelão, o texto sugere que o governador tenta demonstrar que o caráter ultrapassado do Juvenal Lamartine e a morosidade do futebol local precisam ser superados para que as mulheres possam frequentar as partidas de futebol. E como essa superação ocorreria? Para Cortez Pereira, com a inauguração do Estádio Castelão.

De fato, o conforto e a beleza oferecidos pelo Estádio Presidente Castelo Branco, aliados à propaganda oficial do Governo do Estado, vão atrair o público feminino para as partidas de futebol, isso desde a inauguração do novo estádio.

O fragmento abaixo sugere a sedução exercida pelo Castelão sobre as mulheres.

Dizia Bezerra (ex-candidata a miss Rio Grande do Norte): “vou estar presente a esta festa. Já organizamos uma turma. “Já visitei o estádio e achei uma coisa”.

[...] Tânia Mendes (estudante de jornalismo): “Vai ser bárbaro. Vou com uma turma legal pacas. Irei também a outros jogos e estarei torcendo pelo meu querido ABC. Quero o tricampeonato do meu clube no novo estádio”

¹⁸².

Esse texto, produzido no dia da inauguração do Estádio Castelo Branco, apresenta a fala de duas mulheres que se entusiasmam com o novo estádio de Natal, afirmando que estarão presentes na inauguração desse espaço. E, a partir daí, a presença feminina nas partidas de futebol realizadas no Castelão serão uma constante e, nas décadas seguintes, essa presença só vai aumentar, tanto que hoje temos várias mulheres fazendo parte das maiores torcidas organizadas de Natal.

E vai ser nesse mesmo contexto do crescimento da presença feminina no estádio de futebol, que nós identificamos o surgimento do segundo modelo de torcida organizada da capital natalense, as torcidas organizadas portadoras de nomes, sedes e símbolos próprios. Essas torcidas vão abrir espaço para que, durante as décadas de 1980 e 1990 surjam as principais organizadas de hoje.

¹⁸² *A República*, Natal, 4 jun. 1972, p.8.

Já no ano de 1973, os jornais locais passam a falar de torcidas organizadas que possuíam bandeiras e nomes próprios oficiais. O documento abaixo, uma notícia sobre a decisão entre ABC e América destacada anteriormente (final do primeiro turno do estadual de 1973), atesta a existência dessas torcidas.

As torcidas organizadas transformaram-se em atrações à parte. O ABC apresentou três torcidas organizadas: a “Frasqueira Jovem”, Torcida do Gavião” e a “Frasqueira Universitária”. Está última ficou nas cadeiras especiais e foi inclusive alvo de crítica por parte de dirigentes rubros que não gostaram do seu barulho e das suas bandeiras avantajadas.

O incentivo por parte das torcidas também foi bastante notado em Lagoa Nova. A virada do jogo em favor do ABC se deu em especial pela euforia dos seus torcedores que não pararam um só instante de gritar e aplaudir seus jogadores, levando o time para a vitória¹⁸³.

Esse novo modelo de torcida organizada, representado no documento acima pela “Frasqueira Gavião”, “Frasqueira Jovem” e “Frasqueira Universitária”, se diferencia do modelo de torcida organizada existente anteriormente em Natal. Essa diferença se dá porque, apesar da utilização de charangas e orquestras nos jogos (elementos típicos da união de torcidas), as organizadas destacadas no documento vão possuir uma identidade mais bem definida que as antigas. E essa identidade vai girar em torno de um nome oficial próprio. Ou seja, a denominação da torcida parecia ser o elemento identitário mais significativo para aquela coletividade.

Os nomes das torcidas sugerem os seguintes elementos: perfil dos torcedores que as compunham, os símbolos dessas, suas origens, dentre outros. Por exemplo, o nome da “Frasqueira Jovem” talvez tenha como fonte de inspiração o nome da “Torcida Jovem do Flamengo”, fundada no Rio de Janeiro, em 1967, e o mascote (símbolo) da “Frasqueira Gavião”, um gavião, talvez tenha sido inspirado no da “Torcida Gaviões da Fiel”, torcida do Corinthians fundada em São Paulo, a 1969. Já o nome da “Frasqueira Universitária” sugere o perfil dos torcedores que a compunha, em sua maioria, jovens estudantes da Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

¹⁸³ Diário de Natal, Natal, 1973.

Ainda na década de 1970, temos um outro exemplo desse tipo de torcida organizada surgindo em Natal: a torcida FERA, “Fieis Esmeraldinos Radicais”. Fundada em 1977, A FERA será a primeira e, talvez a mais importante, torcida organizada do Alecrim Futebol Clube. Discutindo a fundação da FERA, Everaldo Lopes afirma:

Do outro lado, próximos ao portão nove estavam os “Fiéis Esmeraldinos Radicais” (Fera), nasceu dia 21/09/77, tendo como fundadores Normando, Macedo, Chico Antônio, Wilson Ítalo, Josemar, Edilson, Márcio, Arivan (Pastel), Agostinho, Júnior Jácome, Geraldo e Chico Ferreira[...] Segundo o assessor de comunicação, prof. Normando Bezerra, [a fera] foi a única a comparecer aos estádios Vivaldo Lima, Parque Antártica e Maracanã acompanhando o Alecrim na série “A” de 1987, além de se considerarem pioneiros na utilização de rolos de papel higiênico nos estádios como forma de saudação à equipe quando pisa no gramado [...]¹⁸⁴.

Além de evidenciar a existência da FERA já em 1977, o texto acima atesta a participação do Alecrim futebol Clube no Campeonato Brasileiro de 1987 e a ida da FERA aos jogos do alviverde fora do Rio Grande do Norte. Esse documento também sugere algumas das práticas mais características do modelo de torcida que surge na década de 1970 e atravessa os anos 1980: o amplo uso de rolos de papel higiênico nos estádios e a realização de viagens para acompanhar o clube do coração pelo país, práticas comuns às torcidas de hoje.

O processo de desenvolvimento dessas torcidas da década de 1970 vai possibilitar, durante as décadas de 1980 e 1990, o surgimento do atual modelo de torcida organizada existente em Natal. Esse novo modelo se diferenciará do anterior porque apresenta seus componentes de forma impessoal, reduz as individualidades à coletivização, ou melhor, à massificação. As torcidas desse modelo não são centradas na figura de uma só pessoa, são burocratizadas na sua estrutura organizacional, possuem presidente eleito para cumprir um mandato determinado, conselho deliberativo e sócios, constituindo-se em uma empresa privada e sem fins lucrativos ¹⁸⁵.

A “Garra Alvinegra”, torcida organizada do ABC, e a “Torcida Independente do América” (TIA), torcida organizada do América, ambas originadas na década de 1980, faziam parte desse grupo de novas torcidas organizadas natalenses.

¹⁸⁴ LOPES, 2005, p. 255.

¹⁸⁵ A esse respeito cf. A esse respeito cf. SOBRINHO, José Correia; CÉSAR, Iran Hermenegildo. **Torcidas organizadas de futebol:** metamorfose de um fenômeno de massa. Disponível em: < <http://www.cchla.ufrn.br/interlegere/revista/pdf/3/ex02.pdf>>. Acesso em: 25 mar. 2011.



Figura 27 – Torcida Garra Alvinegra no Estádio Machadão.

Fonte: LOPES, 2006, p. 257.

Na fotografia em destaque percebemos alguns elementos que atestam a massificação dos torcedores abecedistas, como, por exemplo, o obscurecimento das individualidades pelo uso de cores padrão, no caso, o branco e preto, representando o ABC e sua torcida. Essa massificação a partir de cores se aprofundará nos anos 1980 com a padronização das vestimentas dos torcedores, ocorrida com a criação de camisetas de torcidas pela “Garra Alvinegra” e “Torcida Independente do América”. Durante a década de 1980, essas duas torcidas vão sacudir o cotidiano dos jogos de futebol realizados no Estádio Castelão, na época já denominado Machadão.

Na década de 1990, da Garra e da TIA vão ser originadas as duas maiores torcidas organizadas da capital do Rio Grande do Norte: a “Gang Alvinegra” e a “Máfia Vermelha”, aprofundando ainda mais a massificação do futebol natalense a partir do elemento torcida.

A “Gang Alvinegra” foi fundada em 3 de janeiro de 1991 e originou-se da antiga “Garra Alvinegra”, torcida existente anteriormente e que foi formada por camelôs abecedistas que trabalhavam na Avenida Rio Branco, Cidade Alta. A “Torcida Máfia Vermelha” (TMV), por sua vez, foi fundada em 08 de dezembro de 1991 e foi montada por ex-integrantes da “Torcida Independente do América” (TIA) ¹⁸⁶.

¹⁸⁶ A esse respeito cf. SOBRINHO, José Correia; CÉSAR, Iran Hermenegildo. **Torcidas organizadas de futebol:** metamorfose de um fenômeno de massa. Disponível em: <<http://www.cchla.ufrn.br/interlegere/revista/pdf/3/ex02.pdf>>. Acesso em: 25 mar. 2011.

Considerações Finais

A partir de nossas análises, pudemos perceber que a história do futebol de Natal pode ser dividida, basicamente, em dois momentos: antes e depois da “Era Castelão”, ou - considerando a mudança do nome deste espaço em 1989 - “Era Machadão”. Ou seja, o referido estádio foi, sim, uma espécie de “divisor de águas” da história do futebol natalense.

Não queremos com essa afirmação, entretanto, dizer que antes o futebol em Natal era demasiadamente simples e que só após a inauguração do espaço esportivo Castelão tornou-se complexo. Se afirmássemos isso, estaríamos cometendo um grande erro, porque, desde a década de 1920, o futebol praticado em Natal possui certa complexidade, podendo ser considerado, inclusive, moderno, pois na época, como pudemos constatar nesse estudo, a capital do estado já possuía: uma liga que geria os assuntos associados ao referido esporte (A Liga dos Desportos Terrestres do Rio Grande do Norte); clubes gozando de certa popularidade (sobretudo, o ABC e o América) e, talvez o mais importante para nossa análise, um espaço específico para a prática do futebol profissional (o Estádio Juvenal Lamartine).

Todavia, não podemos negar que, com a inauguração do Castelão, o futebol de Natal sofreu profundas mudanças, ganhando outra feição, pois tornou-se mais complexo ainda. Isso porque, a partir do momento em que passou a contar com uma nova praça esportiva, esse futebol entrou em um processo de mercadorizado e de massificação. Ou seja, tornou-se mercadorizado por passar a ser organizado também para ser vendido, gerando lucros revertidos aos clubes e entidades desportivas de Natal. E massificado porque se tornou um esporte de massa, um esporte extremamente popular na capital e interiores do estado.

E como esse estádio contribuiu com tais transformações? O Estádio Presidente Castelo Branco contribuiu com as referidas transformações por ter demonstrado uma capacidade enorme de atrair torcedores para o seu interior, contribuindo significativamente com a popularização desse esporte no Rio Grande do Norte.

Assim, percebendo a referida capacidade do Castelão e visando a obtenção de lucro, algumas empresas, como a *Brahma Chopp* e a *Phillips*, passaram a investir no estádio e, conseqüentemente, no futebol natalense.

A *Brahma* investiu construindo bares no interior do estádio, os quais foram arrendados por ela a comerciantes interessados em negociar durante os jogos realizados nesse espaço. A segunda empresa, por sua vez, participou ativamente da construção do estádio, fornecendo, praticamente, todos os elementos que iriam compor a estrutura de iluminação desse, o que sugere a penetração do capital global nos negócios do futebol local, pois a *Phillips* é uma empresa estrangeira.

Além da penetração dessas empresas no ramo do futebol natalense, conseguimos identificar no nosso estudo, outros elementos da década de 1970 que atestam a mercadorização do nosso futebol, como a significativa ampliação das rendas com os jogos realizados em Natal.

Essa ampliação foi possibilitada pela capacidade que o Castelão possuía para receber grandes públicos, pois enquanto o Juvenal Lamartine tinha capacidade máxima para receber 8 mil pessoas, o Estádio Castelão podia receber até 52 mil. Nesse sentido, para ampliar os capitais provenientes das rendas dos jogos, era preciso explorar a capacidade do estádio Castelão, atraindo o público às partidas de futebol realizadas nesse estádio. E isso ocorreu gradualmente.

Era do interesse da ditadura militar que o futebol nacional se popularizasse ainda mais no país. Isso porque, como o presidente Garrastazu Médici buscava visibilidade e legitimidade para suas ações associando seu governo - por meio de propagandas políticas - à seleção nacional de futebol, era preciso despertar ainda mais o interesse do brasileiro por este esporte.

A ideia era, portanto, demonstrar que o país se desenvolvia em todos os níveis, no político, social, econômico (milagre econômico, por exemplo) e, inclusive, futebolístico. O objetivo era fazer o brasileiro acreditar que o sucesso da seleção era também fruto do regime militar, ou melhor, do apoio dado pelos militares ao nosso futebol.

Para despertar o interesse do brasileiro pelo futebol, a ditadura pressionou a CBD para que essa entidade futebolística criasse um campeonato de futebol reunindo clubes de todos os estados da federação, o que acabou sendo efetivado, pois em 1972 nascia o Campeonato Brasileiro de Futebol.

A partir desse campeonato, começa a vigorar no país um projeto de integração nacional a partir do futebol, pois todos os estados da federação ganhariam o direito de incluir seus melhores clubes na competição. Tudo isso evidencia o interesse da ditadura militar pelo futebol, ou melhor, pela popularização de um de seus maiores instrumentos de legitimação.

No Rio Grande do Norte, buscando o cumprimento de seu papel de representante do regime instaurado em 1964, o governador Cortez Pereira buscou desenvolver o futebol do nosso estado para que, a partir disso, a população natalense se sentisse cada vez mais atraída pelos espetáculos de futebol.

Com esse objetivo, além de concluir as obras do Estádio Presidente Castelo Branco, o referido governador criou, em junho 1972, o Fundo Estadual de Esportes do Rio Grande do Norte (o FERN) e começou a realizar empréstimos aos clubes de futebol do estado, como o de

agosto de 1972, empréstimo concedido ao ABC Futebol Clube, por meio do Banco do Rio Grande do Norte (BANDERN), para que esse clube pudesse se reforçar para jogar o Brasileiro.

Em geral, podemos dizer que, de fato, com o Estádio Castelão, a população potiguar, sobretudo a da capital, passou a frequentar significativamente as partidas de futebol, o que sugere a ocorrência de uma maior popularização do futebol no estado a partir dos anos 1970.

Assim, percebendo essa popularização, buscando a liderança no mercado natalense. Os principais jornais locais impressos e as emissoras de rádio do estado passaram a se interessar cada vez mais pelo nosso futebol.

Interessando-se mais pelo futebol, esses jornais, sobretudo *A República*, *Diário de Natal* e *A Tribuna do Norte*, ampliaram em suas páginas os espaços destinados à publicação de notícias esportivas. Tanto que, no decorrer dos anos 1970, surgem colunas especializadas no futebol, como o “Cartão Amarelo” (no *Diário de Natal*, a partir de 1973), e alguns cadernos de esporte, como o do jornal *A República* (existente desde, pelo menos, o início dos anos 1970).

As transmissões de partidas de futebol pelas rádios potiguares, que já existiam desde os anos quarenta com a Rádio Educadora de Natal, por sua vez, também foram ampliadas a partir da inauguração desse novo espaço esportivo e da entrada dos clubes de Natal no Campeonato Nacional, anos 1970.

Nesse sentido, a *Cabugi*, *Trairi*, *Nordeste* e, mais tarde, *Tropical* passaram a disputar a audiência, era o início de uma verdadeira busca pela liderança do Ibope estadual, o que contribuiu com a divulgação e, conseqüentemente, ampliação da popularização do futebol natalense. Em outras palavras, essas rádios vão contribuir, assim, com o processo de massificação desse esporte no Rio Grande do Norte, como conseguimos evidenciar nesse estudo.

E um dos sintomas principais dessa massificação do nosso futebol foi o surgimento das chamadas torcidas organizadas, agrupamento de torcedores que se comporta como massa, ou seja, como uma verdadeira coletividade.

Dentre essas torcidas detectamos, dos anos 1970: as charangas de torcedores (denominadas, genericamente, união de torcidas), as primeiras organizadas com nomes oficiais (como a “Frasqueira jovem”, “Torcida do Gavião” e “Frasqueira Universitária”), e dos anos 1980: a “Garra Alvinegra” e “Torcida Independente do América”, as quais originaram, nos anos 1990, a “Gang Alvinegra” e a “Máfia Vermelha”, as maiores torcidas organizadas de Natal da atualidade.

Referências bibliográficas

ADORNO, Theodor. A indústria cultural. In: COHN, Gabriel. **Comunicação e indústria cultural**. São Paulo: Ed. Nacional, 1977.

AIDAR, Antônio C. K. ; LEONCINI, Mario P.; OLIVEIRA, João J. de (Org.). **A nova gestão do futebol**. Rio de Janeiro: FGV, 2000.

ALVES, Ronaldo S. Paes. **Legitimação, publicidade e dominação ideológica no governo Médici (1969/1974)**. 2001. 117 f. Dissertação (Mestrado em História)-Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2001.

AQUINO, Rubin S. de. **Futebol: uma paixão nacional**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

ARRAIS, Raimundo; ANDRADE, Alenuska; MARINHO, Márcia. **O corpo e a alma da cidade: Natal entre 1900 e 1930**. Natal: EDUFRN, 2008.

AUGÉ, Marc. **Não-Lugares: Introdução a uma antropologia da supermodernidade**. São Paulo: Papirus, 1994.

AZEVEDO, José P. Rodrigues de. **Futebol e identidade nacional**. Natal: [s.n.], 2008.

AZEVEDO, Lupércio Luiz de. **A história não contada do futebol natalense**. Natal: Nordeste Gráfica, 1998.

BARROS, Edgar Luiz de. **Os governos militares**. São Paulo: Contexto, 1991.

BRACHT, V. **Sociologia crítica do esporte: uma introdução**. 3. ed. Ijuí: Ed. Unijuí, 2005.

BURKE, Peter. **A Escola dos Annales (1929-1989): a Revolução Francesa da historiografia**. São Paulo: Ed. da UNESP, 1997.

- CÂMARA, Karla; Christina P. da. **O AI-5 na Voz dos Anistiados do Rio Grande do Norte**. 2005. Monografia (Graduação em História) – UFRN, Natal, 2005.
- CAMPOS, Flávio de; DOLHNIKOFF, Miriam. **Atlas História do Brasil**. 3. ed. São Paulo: Scipione, 1997.
- CAPELATO, Maria H. Rolim. **Multidões em cena: propaganda política no varguismo e no peronismo**. 2. ed. São Paulo: Ed. UNESP, 2009.
- CAPISTRANO, Luciano Fábio Dantas. **O Golpe Militar no Rio Grande do Norte e os norte-rio-grandenses mortos e desaparecidos: 1969-1973**. 2001. Monografia (Graduação em História) – UFRN, Natal, 2001.
- CASTRO, Maria de Fátima Q. **Repressão e Censura em Natal (1964)**. 1993. Monografia (Graduação em História) – UFRN, Natal, 1993.
- CAVALCANTI NETTO, Francisco Ivo. **O Golpe de 1964 no Rio Grande do Norte**. 1997. Monografia (Graduação em História) – UFRN, Natal, 1997.
- CENSO municipal de 1960. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/seculoxx/arquivos>>.
- Acesso em: 14 de fev. de 2009.
- CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**. Petrópolis: Vozes, 2001.
- CÉSAR, Iram Hermenegildo. **A violência no futebol: facções de torcidas organizadas no Estádio Machado em Natal/RN**. 2006. Monografia (Graduação em Ciências Sociais) - UFRN, Natal, 2006.
- CHAGAS, Lívia dos Santos. **Brasil, modelo 70: Futebol e política na Revista *Veja* em 1970**. In: Encontro Nacional de História da Mídia: mídia alternativa e alternativas midiáticas, 7., 2009. Fortaleza. Anais... Fortaleza, 2009.
- CHARTIER, Roger. **História cultural entre práticas e representações**. Lisboa: Difel, 1986.

CORREA JÚNIOR, Raphael de A. **No país do futebol:** as implicações do avanço do capitalismo no Brasil e sua influência no esporte mais popular do planeta. 2008. Monografia (Graduação em Serviço Social) - UFRJ, Rio de Janeiro, 2008.

CORREIA SOBRINHO, José; CÉSAR, Iram Hermenegildo. **Torcidas organizadas de futebol:** metamorfose de um fenômeno de massa. Disponível em: <<http://www.cchla.ufrn.br/interlegere/revista/pdf/3/ex02.pdf>>. Acesso em: 25 de mar. 2011.

CRUZ, Antonio H. O. **A nova economia do futebol:** uma análise do processo de modernização de alguns estádios brasileiros. 2005. 124 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social-UFRJ, Rio de Janeiro, 2005.

CRUZ, Maria Conceição da. **A repressão militar em Natal (1964-1971).** 1997. Monografia (Graduação em História) – UFRN, Natal, 1997.

DA MATTA, Roberto. **Universo do futebol:** esporte e sociedade brasileira. Rio de Janeiro: Edições Pinakothke, 1982.

DIÁRIO DE NATAL. Natal, 1972- 1974.

_____. Natal, 1980- 1985.

ESCHER, Thiago Aragão. **O Futebol (tel)espetáculo como lazer:** um exame sobre as manifestações do futebol brasileiro. 2007. 115 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física)- Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007.

FICO, Carlos. **Reinventando o otimismo:** ditadura, propaganda e imaginário social no Brasil. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getúlio Vargas, 1997.

FRANCO JÚNIOR, Hilário. **A dança dos deuses:** futebol, sociedade, cultura. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

FRANZINI, Fábio. **As raízes do país do futebol:** Estudo sobre a relação entre o futebol e a nacionalidade brasileira (1919 — 1950). 2000. Dissertação (mestrado em História Social)- Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.

GASTAL, Dalene de S. **Clubes, estádios e torcidas: a elite e o “povão” na história do Sport Clube Internacional**. 2009. Monografia (Graduação em História) – UFRGS, Porto Alegre, 2009.

GIULIANOTTI, Richard. **Sociologia do futebol. Dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões**. São Paulo: Nova Alexandria, 2002.

GOMES, Ângela de C. A política brasileira em busca da modernidade: na fronteira entre o público e o privado. In: SCHWARCZ, Lila Moritz (Org.). **História da vida privada no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. v.4.

GUEDES, Simoni L. **O Brasil no campo de futebol. Estudos antropológicos sobre o significado do futebol brasileiro**. Niterói: EDUFF, 1998.

GUTERMAN, Marcos. **O futebol explica o Brasil: uma história da maior expressão popular do país**. São Paulo: Contexto, 2009.

HELAL, Ronaldo. **Passes e impasses: futebol e cultura de massa no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 1997.

HOBBSAWM, Eric; TERENCE, Ranger. **A invenção das tradições**. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

HOBBSAWN, Eric. **Sobre história**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

HORKHEIMER, Max; Adorno, Theodor W. **Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

JUSTO SOBRINHO, João. **Movimento militar de 1964 no Rio Grande do Norte**. 1996. Monografia (Graduação em História)- UFRN, Natal, 1996.

KLEIN, Marco Aurélio. **Futebol brasileiro (1894 – 2001)**. São Paulo: Ed. Scala, 2001.

KUSHNIR, Beatriz. **Cães de guarda**: jornalistas e censores, do AI-5 à Constituição de 1988. São Paulo: Ed. Boitempo, 2004.

LEITE LOPES, José S. Classe, etnicidade e cor na formação do futebol brasileiro. In: BATALHA, Cláudio H. M. **Culturas de classe**: identidade e diversidade na formação do operariado. Campinas: Ed. da UNICAMP, 2004.

LIMA, Roberto Flávio Gomes de. **A Pátria em campo**: a simbiose esporte poder. 1998. Monografia (Graduação em História)-UFRN, Natal, 1998.

LOPES, Everaldo. **Da Bola de pito ao apito final**: memória do futebol natalense. Natal: [s. n.], 2006.

LOVISOLO, Hugo. Saudoso futebol, futebol querido: a ideologia da denúncia. In: HELAL, Ronaldo; SOARES, Antônio J.; LOVISOLO, Hugo. **A invenção do país do futebol: mídia, raça e idolatria**, Rio de Janeiro: Editora Mauad, 2001.

MACHADO, João B. **Como se fazia governador durante o regime militar: o ciclo biônico no RN (1970-1985)**. Natal: RN Econômico, 1995.

MALHANO, Clara; MALHANO, Hamilton B. **Memória social dos esportes**: São Januário - arquitetura e história. Rio de Janeiro: Ed. Mauad, 2002.

MARIZ, Marlene da S.; SUASSUNA, Luiz E. B. **História do Rio Grande do Norte**. 2. ed. Natal: Sebo vermelho edições, 2005.

MEDEIROS, Gustavo H. B. de. **1964 em 3 Versões**: Um estudo sobre produções historiográficas. 2005. Monografia (Graduação em História)-UFRN, Natal, 2005.

MEMÓRIA VIVA DE: Aldo Fernandes; Antonio Soares; Djalma Marinho; Enoch Garcia; João Medeiros Filho; José Cortez Pereira; Manoel Varela; Mario Moacir Porto; Otto Guerra; Seabra Fagundes. Natal: Nossa Editora, [s.d.].

MURAD, Maurício. **A violência e o futebol**: dos estudos clássicos aos dias de hoje. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2007.

NASCIMENTO, Nícolas E. G. **Xarias e Canguleiros**: a reinvenção das identidades pelos clubes de futebol. 2008. Monografia (Graduação em História)-UFRN, Natal, 2008.

NEGREIROS, Plínio J. de C. **Futebol e identidade nacional**: o caso da Copa de 1938. In: ENCONTRO DE HISTÓRIA DO ESPORTE, LAZER E EDUCAÇÃO FÍSICA, 5., 1997. Ijuí: Ed. da UNIJUÍ, 1997.

_____. **A Nação entra em campo**: futebol nos anos 30 e 40. 1998. 346 f. Tese (Doutorado em História)- Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 1998, p. 26-27.

NOGUEIRA, Cláudio. **Futebol Brasil memória**: de Oscar Cox a Leônidas da Silva (1897-1937). Rio de Janeiro: Ed. Senac, 2006.

O POPULISMO e as Ciências Sociais no Brasil: notas sobre a trajetória de um conceito. Disponível em: <http://www.historia.uff.br/tempo/artigos_dossie/artg2-2.pdf>. Acesso em: 03 de ago. de 2010.

PEREIRA, Henrique A. R. **O homem da esperança**: uma experiência populista no RN (1960-66). 1996. Dissertação (Mestrado em História)-Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 1996.

PEREIRA, Leonardo A. de M. **Footballmania**: uma história social do futebol no Rio de Janeiro - 1902-1938. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

PIRES, Giovani de L. **Breve introdução aos processos de apropriação social do fenômeno esporte**. Revista da Educação Física, Maringá, v. 9, n. 1, p. 25-34, 1998.

PRONI, Marcelo W. **Esporte-espetáculo e futebol-empresa**. 1998. 440 f. Tese (Doutorado em Educação Física)-Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1998.

RAMOS, Roberto. **Futebol**: ideologia do poder. Petrópolis: Ed. Vozes, 1984.

REBELO, Aldo. **Palmeiras x Corinthians 1945**: o jogo vermelho. Ed. UNESP, 2010.

A REPÚBLICA. Natal, 1928.

_____. Natal, 1972-1975.

_____. Natal, 1977-1980.

REIS, Heloisa Helena Baldy; ESCHER, Thiago Aragão. **A relação entre futebol e sociedade:** uma análise histórico-social a partir da teoria do processo civilizador. Disponível em: <http://www.uel.br/grupo-estudo/processocivilizadores/portugues/siteanais9/artigos/mesa_debates/art15.pdf>. Acesso em: 15 de nov. de 2009.

RIBEIRO, Ricardo. **A mercadorização do esporte pela mídia:** a transformação de espectadores em consumidores. São Paulo: Ed. Lexia, 2011.

A SAGA do rádio natalense. Disponível em: <<http://www.dei.rn.gov.br/contemproducao>

>. Acesso em: 03 de abr. de 2009.

SANTOS, Arnaldo Lemos dos. **O golpe de 64 e a repercussão política no estado.** 1997. Monografia. (Graduação em História)- UFRN, Natal, 1997.

SANTOS, Milton. **A Natureza do espaço.** São Paulo: EDUSP, 1996.

SARMENTO, Carlos E. **A regra do jogo:** uma história institucional da CBF. Rio de Janeiro: CPDOC, 2006.

SILVA, Josenilton J. T. de. **Aspectos sócio-culturais na política de Djalma Maranhão (1960-1964).** 1998. Monografia (Graduação em História)-UFRN, Natal, 1998.

SILVA, Lidiane Dantas. **A imagem do golpe militar de 1964 na imprensa natalense:** A Tribuna do Norte. 2000. Monografia (Graduação em História)-UFRN, Natal, 2000.

SIQUEIRA, Ítalo de Brito. **Controle social e futebol no Rio Grande do Norte (1970-1982).** 2000. Monografia (Graduação em História)-UFRN, Natal, 2000.

SOARES, Antonio J. **Futebol raça e nacionalidade no Brasil**: releitura da história oficial. 1998. 440 f. Tese (Doutorado em Educação Física)- Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 1998.

SINGER, Paul. **A crise do “milagre”**. 4. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

SMITH, Anne-Marie. **Um acordo forçado**: o consentimento da imprensa à censura no Brasil. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2000.

THOMPSON, John B. **Ideologia e cultura moderna**: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa. Petrópolis: Vozes, 1995.

TOLEDO, Luiz H. de. **Torcidas organizadas de futebol**. São Paulo: Vozes, 1996.

A TRIBUNA DO NORTE. Natal, 1972-1975.

_____. Natal, 1977-1980.

_____. Natal, 1985-1991.

VEJA, n. 93, 17 jun. 1970. Disponível em: <<http://paginas.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/7o-encontro-2009-1/Brasil-%20modelo%2070.pdf>>. Acesso em: 20 de set. de 2009.

